

ALGUMAS CRÔNICAS

copyright Editora Hedra LTDA
Direitos cedidos à Editora Mais e Melhores
edição brasileira© Mais e melhores 2021
organização© Rodrigo Jorge Ribeiro Neves
edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
editor assistente Paulo Henrique Pompermaier
capa e projeto gráfico Lucas Kröeff
ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

AXXX Almeida, Júlia Lopes de (1862–1934)
Contos e novelas / Júlia Lopes de Almeida. Org. de Rodrigo Jorge Ribeiro Neves. – Rio de Janeiro: Mais e melhores, 2021.
204 p.

ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X

1. Literatura brasileira. 2. Conto brasileiro. 3. Novela brasileira I. Título. II. Almeida, Júlia Lopes de. III. Neves, Rodrigo Jorge Ribeiro.
CDU XXXXX

CDD XXXXX

Elaborado por Wanda Lucia Schmidt CRB-8-1922

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

ALGUMAS CRÔNICAS

Mário de Andrade

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves
(*organização e prefácio*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

Mário de Andrade Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.

Algumas crônicas Nam dui ligula, fringilla a, euismod sodales, sollicitudin vel, wisi. Morbi auctor lorem non justo. Nam lacus libero, pretium at, lobortis vitae, ultricies et, tellus. Donec aliquet, tortor sed accumsan bibendum, erat ligula aliquet magna, vitae ornare odio metus a mi. Morbi ac orci et nisl hendrerit mollis. Suspendisse ut massa. Cras nec ante. Pellentesque a nulla. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Aliquam tincidunt urna. Nulla ullamcorper vestibulum turpis. Pellentesque cursus luctus mauris.

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves Nulla malesuada porttitor diam. Donec felis erat, congue non, volutpat at, tincidunt tristique, libero. Vivamus viverra fermentum felis. Donec nonummy pellentesque ante. Phasellus adipiscing semper elit. Proin fermentum massa ac quam. Sed diam turpis, molestie vitae, placerat a, molestie nec, leo. Maecenas lacinia. Nam ipsum ligula, eleifend at, accumsan nec, suscipit a, ipsum. Morbi blandit ligula feugiat magna. Nunc eleifend consequat lorem. Sed lacinia nulla vitae enim. Pellentesque tincidunt purus vel magna. Integer non enim. Praesent euismod nunc eu purus. Donec bibendum quam in tellus. Nullam cursus pulvinar lectus. Donec et mi. Nam vulputate metus eu enim. Vestibulum pellentesque felis eu massa.

Sumário

Sobre o autor	7
Sobre a edição	11
 ALGUMAS CRÔNICAS	 13
Zeppelin	15
Educai vossos pais	19
O diabo	23
O culto das estátuas	29
Conversa à beira do cais	33
Morto e deposto	37
A pesca do dourado	41
Brasil-Argentina.	45
Abril	49
Anjos do Senhor.	53
Romances de aventura	57
Na sombra do erro	61
Cai, cai, balão!	65
Sociologia do botão	71
O dom da voz	75
Memória e assombração	79
Meu engraxate	83
Biblioteconomia	87
Voto secreto	91
A sra. Stevens	95
Mesquinhez	99
Tacacá com tucupi	103

Fábulas	107
Rei Momo	111
Idílio novo	115
Calor	119
Tempo de dantes	125
Esquina	129
Congresso Nacional de Língua Cantada	135
Pintura nova	139
Obras novas de Cândido Portinari	143
A exposição Machado de Assis	147
Eros Volúcia	151
Será o Benedito!	155
Fantasia de um poeta	159
O homem que se achou	163
Moringas de barro	167
Uma capela de Portinari	169
SPHAN	173
Qual é o louco	177
Café queimado	181
O mar	185

Sobre o autor

Na rua Aurora eu nasci
Na aurora de minha vida
E numa aurora cresci.

No largo do Paçandu
Sonhei, foi luta renhida,
Fiquei pobre e me vi nu.

Nesta Rua Lopes Chaves
Envelheço, e envergonhado.
Nem sei quem foi Lopes Chaves.

Mamãe! me dá essa lua,
Ser esquecido e ignorado
Como esses nomes de rua.

Publicados em *Lira paulistana*, em 1945, estes versos traçam uma espécie de síntese lírica bio-cartográfica da vida de Mário de Andrade, embora não seja tarefa simples descrever em poucas linhas um indivíduo tão múltiplo e diverso como ele, “trezentos, trezentos e cinquenta”, como atestara em outro de seus poemas mais famosos.

Mário Raul Morais de Andrade teve a sua aurora no dia 9 de outubro de 1893, na cidade de São Paulo, no número 320 da rua que carrega simbolicamente a projeção e permanência de sua produção intelectual e artística. Desde a infância, demonstrou talento para a música, destacando-se como exímio pianista, levando-o a ser matriculado no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo ao completar 18 anos. Como autodidata, se dedicou também ao estudo

da literatura e outras artes, mas foi por meio da poesia que se lançou como escritor, atividade a qual se dedicou intensamente até o fim da vida.

Seu primeiro livro foi *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), publicado sob o pseudônimo de Mário Sobral. Nos textos de estreia, ainda estão presentes as influências das tendências estéticas da virada do século XIX ao XX, como o simbolismo e o parnasianismo, embora estejam esboçadas as questões que permeariam toda a sua obra posterior. Poucos anos depois, Mário de Andrade se engajou no modernismo, movimento que, em sua fase inicial, se oporia radicalmente a essas estéticas anteriores, influenciado pelas vanguardas artísticas europeias.

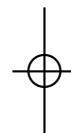
Em 1922, Mário publicou o livro de poemas *Pauliceia desvairada*, sua obra-manifesto, no mesmo ano em que trabalhava na organização de um dos eventos mais importantes da vida intelectual e cultural brasileira no século XX, a Semana de Arte Moderna, ocorrida entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo, e que contou ainda com a participação de artistas como Oswald de Andrade, Anita Malfatti e Heitor Villa-Lobos. Com o ensaio *A escrava que não é Isaura* (1925), Mário lançou mais um manifesto, mas, desta vez, por meio de uma reflexão mais séria sobre a poesia moderna no Brasil.

No mesmo decênio, Mário de Andrade começou a se embrenhar pelos caminhos da prosa de ficção. Como contista, publicou o livro *Primeiro andar* (1926), mas foram seus romances *Amar, verbo intransitivo* (1927) e *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928) que o destacaram como prosador. Também se dedicou à crítica de artes plásticas, de música e de literatura, além de ter se dedicado a importantes estudos sobre a cultura popular nacional.

Como missivista, Mário de Andrade foi um dos mais prolíficos intelectuais de seu tempo. A correspondência

do escritor paulista é volumosa e diversa tanto em sua dimensão numérica quanto no que diz respeito aos temas e interlocutores envolvidos no diálogo epistolar, de escritores a pintores, de folcloristas a políticos. As cartas de Mário não são apenas os bastidores da intimidade dos seus correspondentes, mas também espaço de memória da formação e transformação da vida cultural, intelectual e política do Brasil no século xx.

Em 22 de fevereiro de 1945, um infarto no miocárdio abreviou sua vida. No entanto, a importância de sua obra, já reconhecida por seus contemporâneos, se ampliou ainda mais com o passar dos anos, sendo hoje objeto de estudos de variadas perspectivas críticas e suscitando um interesse cada vez maior dos leitores.



Sobre a edição

Esta edição reúne crônicas publicadas nos livros *Os filhos da Candinha* (1943), *Táxi e crônicas do Diário Nacional* (1976) e *Será o Benedito!* (1992). Destes, como se pode notar, apenas o primeiro foi publicado em vida pelo autor. Os demais reúnem a farta produção jornalística de Mário de Andrade mantida em seu arquivo, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Como confessa na “Advertência” do livro de crônicas que publicou em vida, era a sua “aventura intelectual”, em que o cronista “brincava de escrever”. O múltiplo Mário de Andrade tem, na crônica, um espaço descomprometido para a escrita, mas também de confissão, fuga, encenação, memória e de afetos que buscou salvar do esvanecimento do tempo.

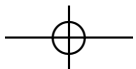
A edição de *Os filhos da Candinha* foi pensada por ocasião do projeto das *Obras completas*, pela Livraria Martins Editora. O livro reúne crônicas publicadas nos jornais paulistanos *Diário Nacional*, *Diário de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, e nos magazines cariocas *Movimento Brasileiro* e *Revista Acadêmica*, além da soteropolitana *Letras*. Das 43 crônicas do livro, selecionamos para esta edição 27. Mário colaborou com diversas publicações mandando seus textos curtos ao sabor das inquietações cotidianas. Embora o caráter lúdico de quem queria “brincar de escrever”, ele não se furta a expor as tensões de uma sociedade ricamente diversa social e culturalmente, mas com problemas arraigados lá no fundo, que se refletem nos conflitos de classe e nas relações de poder.

As outras duas edições de onde foram recolhidos textos que trazemos aqui são póstumas, a partir do trabalho exaustivo de pesquisadores e estudiosos da obra de Mário de Andrade em seu arquivo de documentos pessoais. O livro *Táxi e crônicas no Diário Nacional*, organizado por uma das maiores especialistas no escritor paulista, Telê Ancona Lopez, e publicado em 1976, junta todas as crônicas publicadas em sua coluna “Táxi” no periódico paulistano, entre 1927 e 1933. Algumas foram selecionadas pelo escritor para figurar em *Os filhos da Candinha*.

Quanto ao livro *Será o Benedito!*, de 1992, além da crônica que o intitula, também foram resgatados para esta edição os textos em que Mário de Andrade atua também como crítico, falando sobre pintura, literatura, artes plásticas e patrimônio artístico e cultural. São textos publicados no “Suplemento em Rotogravura”, de *O Estado de S. Paulo*, entre setembro de 1937 e novembro de 1941.

Para o estabelecimento do texto, cotejamos todas estas edições, além de a mais recente edição de *Os filhos da Candinha*, publicada em 2013 pela editora Nova Fronteira, com texto fixado por João Francisco Franklin Gonçalves e revisado por Aline Nogueira Marques. A grafia foi atualizada conforme o Novo Acordo Ortográfico, mas foram mantidas as idiossincrasias da escrita de Mário de Andrade, a fim de manter o ritmo da frase e o sabor de sua “aventura intelectual” com a palavra escrita na sua desvairada relação com o cotidiano arlequinal, mas, por vezes, pintado de neblinas finas.

Algumas crônicas



Zeppelin

E eis que senão quando os brasileiros sentiram sobre suas cabeças um formidável tumulto de ideias e gritaram: – Zeppelin! Zeppelin!

Era o Zeppelin que vinha chegando.

Por enquanto essa máquina voadora ainda é muitas coisas pra brasileiro. É um susto pra alguns. Pra muitos será um monstro de feitiçaria, o Ogum das nossas macumbas mas ainda dotado do corpo de cobra do Ogum Badagris dos vodus haitianos, mandando na tempestade. Pra algumas será apenas um balão a fogo, antecipando a descida de S. João pra namorar no randevu das cacimbas. E é preciso não esquecer que patrioticamente, seguindo o versinho tradicional, Zeppelin será neto do santista Bartolomeu Lourenço de Gusmão e filho do mineiro Santos Dumont. Enfim pra uns poucos será apenas um dirigível.

Mas será principalmente pra todos, o que já falei no princípio: um tumulto de ideias. Os jornalistas escreverão piadas. E já estou vendo daqui todo o Nordeste cantador, botando o Zeppelin em toada de romance, em dança e nos reisados de Natal. Zeppelin é um tumulto de ideias.

Onde iremos nós?... Agora mesmo os médicos americanos descobriram um jeito de acabar com o cancro e de repente as bocas que se abriam no movimento dos cinemas principiaram deitando sons como a vida. Etc. etc. E o Zeppelin veio provar pra São Tomé o sofisma gracioso de que uma casa dum andar pode ser mais alta que o Martinelli.

Ora, conquanto não se possa chamar esse andar propriamente de andar térreo, não tem dúvida que se pode ordenhar as maiores ilações dessa casa que voa. Se uma voa, duas podem voar e não muito pra que chegue o dia em que o próprio Martinelli e demais arranha-céus da terra se mostrarão de novo mais altos que o papiri Zeppelin, convertido em arranha-céus dos ares. E então será um novo Juízo Final pra esta humanidade que aliás vive nele desde o princípio dos séculos.

O progresso há de ser enorme e o homem ficará mesmo vastíssimo. Bota um objetinho no bolso e záz! vira pintassilgo. Onde que vai? Vai na escola aérea, uma formidável universidade ambulante que resolverá duma vez o problema universitário do Brasil. (É verdade que o Brasil desse tempo não será mais Brasil...). Os enterros não buscarão mais sete palmos de terra deteriorante, em vez, ascenderão lentamente ar em cima, até o limite do ar, onde coveiros parecidos com escafandros jogarão os cadáveres no éter. E passarão nos ares palácios presidenciais dando inveja, monumentos celebrando heróis mundiais, catedrais dizendo adeusinho, teatros de ópera xingando a arte musical e livros luminosos em alemão. Livros com três mil e oitocentas páginas cada um.

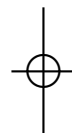
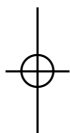
Não há meios da imaginação parar. E então as próprias cidades é que se multiplicarão pelos ares. Não serão apenas arranhacéus-cidades nem as ruas a vários andares que profetiza o sr. Le Corbusier. As cidades é que terão vários andares, erguidas sobre grandes placas de algum metal que não sabemos, destituídas de ladeiras e provavelmente de viadutos. Digo “provavelmente” porque se não há propriamente limites pra fantasia, tem momentos em que ela se quer modesta como todas as coisas poderosas e conscientes do perigo do mundo. Provavelmente não haverá viadutos mais...

Mas isso ainda não é nada. Então havemos de nos rir do deus Tezcatlipoca que, embora com a facilidade dos deuses, sempre se deu ao trabalho de construir uma escada inteirinha dos céus à Terra pra nos vir ensinar o divino mistério da música. Sem escada e sem nada, já que a Índia não quer mesmo se sujeitar ao domínio de ninguém, nem por intermédio de Ford e outras fordescas diabruras a Amazônia virará possessão do ingêrês do Novo (!) Mundo, os Estados Unidos e a Inglaterra terão como colônias, as estrelas. A frase é bonita, mas a infâmia continua a mesma, está claro. Nossa vingança é que nesse tempo a Inglaterra não será Inglaterra mais, e os Estados Unidos idem. E a pátria mundo... provavelmente, não terá mais reis, nem imperadores, nem presidentes, nem mussolinis, nem mesmo governos comunistas como os de agora. O chefe da pátria mundo será um botão ponhamos, elétrico. A gente aperta o botão, pronto: sai uma ordem que foi escrita pela sabedoria de todos os séculos, compendiada naturalmente por um grupo de professores alemães. E sinceros.

E não há meios mais da imaginação parar! Imaginem o que será a psicologia desse tempo! Que Freud nada! Havemos de rir de Freud e de Zeppelin. Se Bartolomeu e Santos Dumont ficam, é porque foram os primeiros nas suas direções. Só que nesse tempo não terão mais a miserável miséria de dar patriotismo pra ninguém, na vasculhada pátria mundo. Bom, melhor é deixar uma linha em branco onde cada um dos leitores escreverá o tumulto de ideias que no momento se chama “seu” Zeppelin.

(.....)

Mas o que me assusta pavorosamente é que mudadas as leis, pátrias e felicidades, nem por isso a vida humana deixará de ser o que é agora e já foi no começo dos séculos: inflexivelmente quotidiana.



Educai vossos pais

Nós ainda somos apenas educados pelos nossos pais... Se vê a criança detestando quanto os pais detestam... Depois começam desequilíbrio e hipocrisia. É o tempo do “no meu tempo”... O rapaz, a morena é um bloco maciço de modas novas. Os pais detestam essas modas e querem torcer a gente para o caminho que eles fizeram, na bem-intencionada vaidade de que são exemplos dignos de seguir. A gente, não é que não queira, nem pode! Se vive em briga, mentira, dá vontade de morrer.

Creio que, para a felicidade voltar, tudo depende do moço. O melhor é a gente se fazer passar por maluco. Faz umas extravagâncias bem daquelas, descarrila exageradamente umas três vezes, depois organiza uma temporada dramática aí de uns quinze espetáculos. Fazendo isso com arte e amor até é gostoso. “Nosso filho é um perdido”, se dizem os pais. Sofrem a temporada toda, você com muito carinho abana o sofrimento mas sustenta a mão. E eles a final sossegam, reeducados. E você conquistou a liberdade de existir.

Há por exemplo o caso da cadelinha Lúcia que me impressiona bem. A cadelinha Lúcia era uma espécie de Greta Garbo, mais maravilhosa que linda. Você podia ficar tempo contemplando bem de perto os olhos inconcebíveis dela, a cadelinha Lúcia não dava um avanço pra abocanhar nosso nariz. Então chegava a primavera. Você cansava, não dando mais atenção e a cadelinha Lúcia virava um sabá de

flores de retórica, latidos, estalidos, luzes, festa veneziana, a guerra de 14 e o cisne de Saint Saëns-Paulova.

Me esqueci de contar que ela era branca. Um branco tamisado de esperanças de cor, duma riqueza reflexiva tão profunda que, não sei se por causa dela se chamar Lúcia, a gente sentia naquele esborrifo andante os valores da única maravilha desse mundo que tem direito a se chamar de Lúcia, a pérola.

Lúcia era brabinha como já contei e alimentava grandes ideais. Ninguém entrava no jardim sem sabá. Isso ela vinha que vinha possuída de toda a retórica do furor e mais os dentes. Mordia. Estragava a roupa, era uma dificuldade.

Porém a gente percebia que a cadelinha Lúcia não era feliz. Não lhe satisfazia arremeter eficaz contra os humanos, e pouco a pouco, na contemplação latida das grades do seu jardim lhe brotara um ódio poderoso contra os vultos gigantes da rua. Um dia afinal, pilhando o portão aberto, saiu como uma sorte grande, era agora! Olhou arrogante, e enfim vinha lá longe, num heroísmo de polvadeira, o grandioso bonde. Lúcia esperou, acendrando ódio na impaciência, e quando o bonde já estava a uns vinte metros, ei-la que sai em campo, enfunada, panda, côncava de pérolas febris. Atira-se e compreende enfim. O bonde só fez juque! e quebrou a mãozinha direita da cadelinha Lúcia.

Vocês imaginam o que foi aquela morte de filho em casa. Correrias, choro, médico, telefonemas, noite em claro... A cadelinha Lúcia salvava-se, mas ficava manquinha pra sempre. Quando veio do hospital, convalescente e com o enorme laço de ita no pescoço, milagre! o laço parava no lugar. Continuava o maravilhoso bichinho, mas a alma era outra.

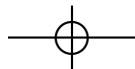
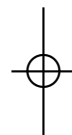
Dantes preferira a glória ao amor. Agora queria apenas a beleza e o amor. Mansa, pusera de parte os dentes e os

ideais, e todos a adoravam. E pouco depois dos tratamentos do hospital, teve os primeiros filhos. Pedidos, presentes, mas um ficou na casa.

Chincho foi educado nessa mansidão. Não era possível a gente imaginar uma doçura mais suave que a do cachorrinho Chincho. Ora, bons tempos depois, eu indo naquela casa, a cadelinha Lúcia estava no gramado entredormida. Eis que ergue a cabecinha, se esborrifa toda e geme um ladrido desafiante, porém muito desamparado. O que eu vejo! Sai detrás da casa o cachorrinho Chincho, e vem num sabá furioso sobre mim, quase recuei, sai, passarinho! Que sair nada! Olhou pra mãe, lá na sua grama, hesitante:

— Ajuda, minha velha!

E ela veio reeducada, furiosa pra cima de mim. Me chatearam, quase me morderam. Depois, quando a criada me salvou, ficaram brincando na grama, parceiros, muito em família. Educai vossos pais! Não dou três meses, e o cachorrinho Chincho fará a cadelinha Lúcia odiar os bondes outra vez. Pode ser que ambos percam a vida nisso, mas não é a vida que tem importância. O importante é viver.



O diabo

— Mas que bobagem, Belazarte — fazer a gente entrar a estas horas numa casa desconhecida!

— Te garanto que era o Diabo! Com uma figura daquelas, aquele cheiro, não podia deixar de ser o Diabo.

— Tinha cavanhaque?

— Tinha, é lógico! Se toda a gente descreve o Diabo da mesma maneira! Está claro que não hei de ser eu o primeiro a ver o Diabo, juro que era ele!

— Mas aqui não está mesmo, vam'bora. Engraçado... parece que a casa está vazia...

— Vamos ver lá em cima. Está aí uma prova que era o Diabo! se vê que a casa é habitada e no entanto não tem ninguém.

— Mas se era mesmo o Diabo decerto já desapareceu no ar.

— Isso que eu não entendo! Quando vi ele e ele pôs reparo em mim, fez uma cara de assustado, deitou correndo, entrou por esta casa sem abrir a porta.

— Pensei até que você estava maluco quando gritou por mim e desembestou pela rua fora...

— Bem, vamos ficar quietos que aqui em cima ele deve estar na certa. Remexemos tudo. Foi então que de raiva Belazarte inda deu um empurrão desanimado na cesta de roupa suja do banheiro. A cesta nem mexeu, pesada. Belazarte levantou a tampa e

— Credo!

Gelei. Mas imaginava que ia ver o Diabo em pessoa, em vez, dentro da cesta, muito tímida, estava uma moça.

— Não me traiam, que ela falou soluçando, com um gesto lindo de pavor querendo se esconder nas mãos abertas. Era casada, se percebia pela aliança. Belazarte falou autoritário:

— Saia daí! O que você está fazendo nessa cesta! A moça se ergueu abatida.

— Sou eu mesmo... Mas, por favor, não me traiam!

— Eu, quem!

Ela baixou a cabeça com modéstia:

— Sim, sou o Diabo...

E nos olhou. Tinha certa nobreza firme no olhar. Moça meia comum, nem bonita nem feia, delicadamente morena. Um ar burguês, chegando quando muito à *hupmobile*.

— A senhora me desculpe, mas eu imaginei que era o Diabo; se soubesse que era uma diaba não tinha pregado tamanho susto na senhora.

Ela sorriu com alguma tristeza:

— Sou o Diabo mesmo... Como diabo não tenho direito a sexo... Mas Ele me permite tomar a figura que quiser, além da minha própria.

— Então aquela figura em que a senhora estava na frente da igreja de Santa Teresinha.

— Aquela é a minha caderneta de identidade.

— Não falei!

— Só quando é assim quase de madrugada e já ninguém mais está na rua, é que vou me lastimar na frente das santas novas.

— Mas por que que a senhora... isto é... o Diabo toma forma tão pura de mulher!

— Porque só me agradam as coisas puras. Já fui operário, faroleiro, defunto... Mas prefiro ser moça séria.

— Já entendo... É deveras diabólico...

A moça nos olhou, vazia, sem compreender.

— Mas por quê?

— Porque assim a senhora torna desgraçada e manda pro inferno uma família inteira duma vez.

— Como o senhor se engana... Pois então não façam bulha.

E por artes do Diabo principiamos enxergando através das paredes. Lá estava a moça dormindo com honestidade junto dum moço muito moreno e chato. No outro quarto três piazotes lindos, tudo machinho, musculosos, derramando saúde. Até as criadas lá embaixo, o fox-terrier, tudo tão calmo, tão parecido! Mas a felicidade foi desaparecendo e o Diabo-moça estava ali outra vez.

— Foi pra evitar escândalo que quando os senhores entraram fiz minha família desaparecer sonhando. Meu marido esfaqueava os senhores...

— Estavam tão calmos... pareciam felizes...

— Pareciam, não! Minha família é imensamente feliz (uma dor amarga vincou o rosto macio da moça). É o meu destino... Não posso fazer senão felizes...

— Mas por que a senhora está chorando então?

— Por isso mesmo, pois o senhor não entende! Meu marido, todos, todos são tão felizes em mim... e eu adoro tanto eles!...

Feito fumaça pesada ela se contorcia num acabrunhamento indizível. De repente reagiu. A inquietação lhe deformou tanto a cara que ficou duma feiúra diabólica. Agarrou em Belazarte, implorando:

— Não! pelo que é mais sagrado nesse mundo pro senhor, não revele o meu segredo! Tenha dó dos meus filhinhos!

— É! mas a final das contas eles são diabinhos! A senhora assim de moça em moça quantos diabinhos anda botando no mundo!

— Que horror! meus filhos não são diabos não! Ihe juro! eu como Diabo não posso ter filho! Meus filhos são filhos de mulher de verdade, são gente! Não desgrace os coitadinhos!

Nem podia mais falar, engasgada nas lágrimas. Belazarte indeciso me consultou com os olhos. A final era mesmo uma malvadeza trazer infelicidade, assim sem mais sem menos, pra uma família inteira. A moça creio que percebeu que a gente estava titubeando, fez uma arte do Diabo. Principiamos enxergando de novo a curuminzada, o fox, tão calminhos... Só o moço estava mexendo agitado na cama, sem o peso da esposa no peito. Se acordasse era capaz de nos matar... A visão nos convenceu. Seria uma cachorrada desgraçar aquela família tão simpática. Depois o bruto escândalo que rebentava na cidade, nós dois metidos com a Polícia, entrevistados, bancando heróis contra uma coitada de moça. Resolvi por nós dois:

- A senhora sossegue, nós vamos embora calados.
 - Os senhores não me traem mesmo!
 - Não.
 - Juram... juram por Ele!
 - Juro.
 - Mas o outro moço não jurou...
- Belazarte mexeu impaciente.
- Que é isso, Belazarte, seja cavalheiro! Jure!
 - ...juro...

A moça escondeu depressa os olhos numa das mãos, com a outra se apoiando em mim pra não cair. Era suave. Pelos ofegos, a boca mordida, os movimentos dos ombros, me pareceu que ela estava com uma vontade danada de rir. Quando se venceu, falou:

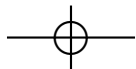
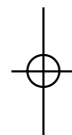
- Acompanho os senhores.

E sempre evitando mostrar a cara, foi na frente, abriu a porta, olhou a rua. Não tinha ninguém na madrugada. Estendeu a mão e teve que olhar pra nós. Isso, caiu numa gargalhada que não parava mais. Torcia de riso, e nós dois ali feito bestas. Consegui se vencer e virou muito simpática outra vez.

— Me desculpem, mas não pude mesmo! E vejam bem que os senhores juraram, hein! Muito! muito obrigada!

Fechou depressa a porta. Estávamos nulos diante do desaponto. E também daquela placa:

“DOUTOR Leovigildo Adrasto Acioly de Cavalcanti Florença, formado em Medicina pela Faculdade da Bahia, Diretor Geral do Serviço de Estradas de Rodagem do Est. de São Paulo. Membro da Academia de Letras do Siará Mirim e de vários Institutos Historicos, tanto nacionaes como estrangeiros.”



O culto das estátuas

Fenômeno bem curioso de psicologia social é a deformação por que passa frequentemente nas cidades o culto dos mortos mais ou menos ilustres. O culto verdadeiro, sendo subsidiário por demais, raro existe de homens pra mortos. A gente cultua facilmente Deus, deuses e assombrações, porque pra com essas forças conspícuas do além, o culto é mais propriamente uma barganha de favores, um dá-cá-e-toma-lá em que sempre nos sobra esperança de mais ganhar do que dar. Outro culto propício é o dos vivos poderosos ou célebres. Os poderosos poderão nos dar um naco da sua força. E viver ao pé dos célebres é o processo mais seguro de sair nas fotografias.

Já o culto dos mortos é pouco rendoso e os homens o foram substituindo pelo culto das estátuas. No fundo não deixa de ter bom resultado este culto: nós substituímos a memória do morto, difícil de sustentar, por um minuto vivo de beleza. Em verdade a função permanente da estátua não é conservar a memória de ninguém não, é divertir o olhar da gente. O fato é que bem pouco as estátuas divertem... Não só porque são raríssimas as estátuas bonitas, como porque saber se divertir com o feio é já um grau muito elevado de sabedoria, pra ser de muitos.

Até aqui não foi doloroso falar, porém agora principia sendo... Além de ser muitíssimo relativa a memória do morto na estátua, será mesmo que muito cadáver ilustre merece a eternização da escultura? Toda estátua pública tem de representar um culto público, a rua é de todos. Sei bem

que uma unanimidade é coisa democraticamente impossível, porém certos homens, mais pela ideia que representam que por si mesmos, podem merecer um culto geral. E se a maioria dos praceanos talvez ignore esse homem, carece não esquecer que a estátua deve ter uma função educativa.

Neste ponto é que a porca torce o rabo. Só enxergo um jeito do monumento, ser educativo: é pela grandiosidade obstruente e incomodatória. O monumento, pra chamar a atenção de verdade, não pode fazer parte da rua. O monumento tem que atrapalhar. Uma dona em toalete de baile é muito mais monumental na rua Quinze, mesmo sendo catatauzinha, que a estátua de Feijó e a própria escadaria de Carlos Gomes. A gente passa e indaga logo: Quem será! Isso os comerciantes perceberam muito bem, principalmente depois que chegaram os Estados Unidos e a eletricidade. É incontestável que o anúncio erguido à “memória” de tal cigarro ou sabonete, no Anhangabaú, é monumento que jamais Colombo não teve.

Tudo isso são coisas que se provam por si pra que eu insista sobre. Em São Paulo, com exceção do monumento do Ipiranga e o do Conde Matarazzo que são os únicos monumentais e educativos, todas as outras estátuas não passam de mesquinhas. Por que existem?... Se não nos cansamos de espetar estátuas nas ruas é porque o nosso egoísmo substituiu o culto dos mortos pelo culto das estátuas.

A egolatria não consiste apenas na adoração do eu: tudo o que não seja humanidade como amor social não passa de manifestações interessadas de egolatria. Existe egolatria de família, de classe. E a mais monstruosa de todas: a nacional. Mas se esta é monstruosa, a egolatria de facção é a mais mesquinha. A que desmandos estatuários leva o grupo de amigos!...

Em torno dum homem de certo valor, os admiradores vão se transformando, pela frequência, em “grupo dos ami-

gos de”. Uma quarta-feira morre o homem. O grupo dos amigos fica despojado, num mal-estar medonho. Sentimentalizados pela proximidade do vazio, carecem dar um derivativo ao cincerro do sofrimento pessoal, e se torna imprescindível sufocar o abatimento por meio duma vitória qualquer. Não é o morto que tem de vencer, esse já está onde vocês quiserem, quem tem de vencer é o grupo dos amigos. E se note que muitas vezes esses amigos (do morto) nem se dão entre si! O “grupo” se justifica pela admiração sentimentalizada do morto, e esses indiferentes entre si, se percebem irmãos. Não deixa de ser comovente. Só não acho comovente é o derivativo: —Vamos fazer uma estátua!

E a estátua se faz. Quais são os que apenas conhecem mais intimamente Carlos Gomes em suas obras, dentre os que povoaram com porcelanas ocasionalmente de bronze a esplanada do Municipal? O que significará Verdi pra uma cidade em que a própria colônia italiana preferirá mil vezes Os Palhaços ao Falstaff?... Sim, mas quando um do “grupo dos amigos de” escuta falar na estátua ou mais raramente no morto, jamais não se esquecerá de sentir (e às vezes proclamar) que foi ele, Ele, quem ajudou a erguer... a memória do morto? Não, a estátua. O ególatra incha todo na satisfação pessoal duma vitória. O culto continua inexistente. O morto mais que morto.

Os transeuntes passarão pela estátua, a primeira vez olhando. “É uma estátua”, dirão. Os de maior atividade espiritual irão mais longe e prolongarão o pensamento até um “É feia” ou “É bonita”. Poucos irão ler o nome, não do morto, mas da estátua. Raríssimos saberão quem é, mas a estes será desnecessário o culto da estátua para que cultivem o morto. E quando muito a estátua daí em diante servirá uma vez por outra como ponto de referência ou marcação de randevu. E para sempre só os turistas a olharão, não pra saber do morto, mas pra se distrair com a

estátua. E todos os turistas verificarão indiferentemente, só pra meter o pau na terra visitada, “É feia”.

E de-fato será sempre “feia” porque apenas estátua. Um bronzinho magro, uns granitos idiotas. A tal de vitória do “grupo dos amigos” não passou também duma auto-sugestão. A festa se resumiu a uma subscrição de má vontade e no presentinho coletivo das alunas pelos anos da professora: um bibelô.

A rua é de todos, e nela Pereira Barreto, Ramos de Azevedo, Feijó e a infinita maioria dos mortos se nulifica. Na rua que é quotidiana, de trabalho e vida viva, eles não adiantam nada. Não passarão jamais de estátuas. Feias.

Conversa à beira do cais

Outro dia, dia útil, almocei com um amigo num dos restaurantes do mercado no Rio. Talvez tenha me excedido na moqueca de peixe, excelente. Sei que me senti bastante completo, com desejo de ficar só, como nos momentos raros de perfeição. Por isso, meu amigo tendo seus afazeres e eu nada, me despedi gostosamente dele, e fiquei banzando, pensamento entrecerrado, pelo cais da Praça Quinze. Olhava o mar que se descortina dali, curto, sem a menor oceanidade.

Foi quando se aproximou um homem, isto é, não se aproximou não, quando ele falou comigo, pus reparo num homem debruçado no parapeito do cais. Apontando uma barca rápida que entrava, comentou que decerto estava cheia de tainhas. Não sei por que sentimento de complacência fui perguntando ao homem qualquer coisa sobre a pesca das tainhas, se não era feita de noite, se a barca então saíra na véspera e vinha atrasada, ou se, marupiara, chegava primeiro, nem lembro. O homem secundava manso, com forte acento português, mirando o mar. Era operário, de fato português, com apenas dois anos de Brasil e nenhum conhecimento das tainhas.

De repente parou a frase, meio que se virou me olhando pela primeira vez e perguntou:

— *Êtes-vous français?*

— *V'oui*, que eu falei, com uma espontaneidade tão absurda que nem pude me divertir com a pergunta. E esta era perfeitamente maluca: nada tenho de francês nem no

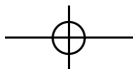
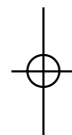
corpo nem na fala. Donde vinha agora aquele portuga me pensar francês! Porém nada me divertia, estava era espantado com a espontaneidade da minha mentira. E logo imaginei com primaridade acomodatória: a resposta fora um puro relexo de vaidade, pois não tinha dúvida que me timbrava como um elogio pelo ser inteiro, aquela invenção do operário.

A conversa continuou em francês e, está claro, desde então dirigida cuidadosamente por mim. Quis logo saber se o homem estivera na França (sim), quanto tempo (dois anos), em que cidade (Lião, Marselha). Sobretudo os lugares em que o operário estivera me preocuparam muito no começo, pra não coincidir com eles nalguma resposta. Então me situei desafogadamente ao Norte, em Paris onde nasci, no Havre e em mais duas ou três invenções que meu juízo reputou bem pobres geograficamente. Depois fui consertando com paciência a invencionice: meu pai é que era bem francês, viera ao Brasil, servira como gerente numa casa de sedas em São Paulo (hoje me envergonho da associação de imagens larvar: Lião —sedas), e se casara a final nesta São Paulo com uma senhora paranaense que, pra viver em São Paulo, fiz ser ilha de militar. Foram em viagem de núpcias para a França e eu nasci em Paris, voilà. Minha mãe fez questão de me registrar no consulado, mas educado num liceu de Versalhes (gostei de Versalhes que aumentou a geografia), tendo passado a mocidade em França, me sinto muito mais francês que brasileiro. De resto, estava no Brasil apenas de passagem, colhendo uma herança curta (fiz questão do “curta” pro homem não me pedir dinheiro) e voltava dentro de uns três meses. Então metemos o pau no Brasil.

Mas fiquei logo com vontade de me vingar do compa-nheiro e meti o pau em Portugal, por causa do fachismo. Mas o português me ajudou. Então meti o pau na França,

meti o pau na Europa e, é incrível! não uso patriotices, mas não sei o que me deu: me deu uma vontade enorme de elogiar o Brasil, fiz. Ele aceitou, com indiferença, meus comentários sobre a doçura, apesar de tudo, desta nossa vida brasileira.

De vez em quando eu argotizava com aplicação pra me naturalizar bem francês. Ele, por si, contou uma história labiríntica que me pareceu muito mal contada, em que entrava uma mulher bastante rica apaixonada por ele, mais a ilha dela e com a mesma paixão. Tudo de uma imoralidade exemplar, certos detalhes!... De repente, tive a noção absolutamente, posso dizer, concreta de que o homem estava mentindo. Engoli a mentira toda bem quietinho. E concebi concomitantemente o pensamento de que talvez ele já me perguntasse se eu era francês por simples mentira, apenas pra poder contar sua estadia verdadeira em Marselha e Lião. Mas fui besta, botando importância em mim; e ele tivera que esperar aquela conversalhada, pra achar ouvidos que escutassem o seu mundo imaginário de sexualidades escatológicas. Estava tão distraído nestas dúvidas, que a conversa entreparou, desiludida. O operário aproveitou a estadia e se despediu tocando levemente no chapéu. Isto é, boné.



Morto e deposto

Jesus Cristo morreu mais uma vez. Os processos humanos de adoração, repetindo a tragédia medonha, puseram de novo a imagem Dele num caixão, as tochas conduziram vultos lerdos, o sepultamento se fez. Fizeram com alarde que percebêssemos a morte de Jesus e muitas almas ficaram cheias de cuidados.

De alguns anos para cá, principalmente depois que a guerra grande se acabou, a morte de Jesus se torna cada vez mais insofismável. A humanidade contemporânea, como coletivo, se afasta cada vez mais da imagem de Jesus. A morte Dele é um enterro anônimo que atravança as ruas, tem um rito impossível. As prefeituras e as polícias deviam de proibir isso, como proíbem outros hábitos que não são da época mais.

É que Jesus não está morto apenas, está morto e deposto. Bem que Ele falara, no seu conhecimento extemporâneo, que o reino Dele não era deste mundo... Mas possuía uma grandeza tão imensa que, além de salvação individual dos homens, Jesus se tornou uma razão-de-ser social e deu origem a uma civilização.

Os homens também não tiveram a culpa disso, porque as civilizações transcendem às vontades humanas, mas essa foi a causa dos cuidados de agora. Se fez a Civilização Cristã que, apesar de todas as grandezas dela, é um insulto à grandeza de Jesus.

Mas isso não é o pior. O pior é que ela, que nem todas as civilizações, tinha que se acabar e se acabou. A humanidade de hoje, apesar de todas as ligações que ainda a prendem à Civilização Cristã, tem outra maneira concreta de ser, outra moral prática, outros sentimentos, ideais e paixões imediatas. E a gente assiste a essa fragilidade humana ridícula que faz com que os destroços da Civilização Cristã despenquem sobre o corpo morto Daquele que, por sua grandeza, teve a fatalidade de a criar. Assim Jesus não está só morto não. Está deposto. Ele perdeu toda a magnitude social e nem um prisioneiro no Vaticano é mais.

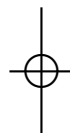
Ora graças a Deus!

Até que enfim vai se acabar também toda a cegueira que desvirtuava quase que completamente a vida terrestre de Deus. Jesus morreu pra nos salvar da terra, não pra nos salvar num pedaço de terra. Liberta a figura Dele de todas as condições sociais e apetites civilizadores que A mascaravam, Ela se livra da vaidade nossa. Agora Jesus está bem liberto mesmo, e talvez o ato mais prodigioso da simbologia católica seja essa troca de Roma por dinheiro. A covardia de Mussolini inventou o gesto mais genial desse agudíssimo “moderno”. Quanto ao gesto do papa, depondo contratualmente Jesus de pias realzas de homem, se choca a *sensiblerie* de muitos católicos frouxos, é de deveras uma inspiração divina. Jesus preso por despique! preso por um muro!... Não havia maior rebaixamento da divindade. Não havia concepção mais anticonceitual da divindade. E não havia símbolo mais inútil.

Morto e deposto, Jesus se libertou enfim. Agora é um deus unicamente divino. Não é mais culpa de nada e nem desculpa. Está isento da derradeira evidência. Os que acreditam Nele, seja por fé, seja por conhecimentos filosóficos ou religião, estão com as orações libertas. Ficou até inútil discutir se a oração tem de ser adoração primeiro e pedido

depois. Ato de medo, ato de coragem: a oração não possui mais nenhuma validade terrestre. O reino de Jesus não é deste mundo. As curas se fazem com ou sem Ele, os ganhos de dinheiro, de futebol, de amor, com ou sem Ele. A gente não pode mais estatisticar as forças de Deus. Jesus está morto e deposto. A união com Ele agora é como o brilho inútil das estrelas.

Porque a oração cada vez mais adianta menos. Ou melhor: não adianta nada. Todas as prerrogativas individuais não têm mais nenhuma validade para a civilização que está nascendo. A própria felicidade humana é uma exacerbação espúria do individualismo. Cacoete pessoal que não interessa às preocupações sociais, que não adianta nem atrasa o conceito nascente de civilização. Pro facho; pro hitlerismo; pros soviets, a própria grandeza moral do indivíduo é um fantasma desprovido dos seus sustos. Inútil ao mecanismo social, onde tudo e todos estarão controlados. Quem quiser que a tenha, é indiferente. E por isso aqueles que agora se unem a Jesus fulgem do brilho inútil das estrelas.



A pesca do dourado

Quando chegamos na barranca do Moji, andadas oito léguas de cabriolante forde, era madrugada franca. O rio fumava no inverninho delicioso. Vento, nada. E a névoa do rio meio que arroxeara, guardando na brancura as cores do sol futuro.

Estivemos por ali, esquentando no foguinho caipira que é o cobertor da nossa gente. Estivemos por ali, esfregando as mãos, tomando café, preparando as varas. Eu, como não tinha esperança mesmo de pescar nenhum dourado, fui pescar iscas no ceveiro. Isso, era atirar o anzolzinho desprezível n'água, vinha cada lambari enganado, cada tambiu e mesmo uma piabinha comovente. Nove bastavam, me falaram.

E a rodada principiou. João Gabriel dizia que era preciso pescar já, porque depois, com o dia, a água esfriava, entenda-se! Do lado do oriente o horizonte se cartão-postalizava clássico; e os vultos das “ingaieiras”, dos jatobazeiros e do timboril do rumo já se vestiam de um verde apreciável.

Eu me esforçava por pescar direito. Olhava a altura da vara do outro pescador, copiava com aplicação os gestos dele. Às vezes me dava uma raiva individualista e, só por independência ou morte, batia com a isca onde bem queria, longe dos lugares de água tumultuosa, preferidos pelos dourados. Foi numa dessas ocasiões que atrapelei o io de aço do anzol na vara, e o lambari da isca, juque! me bateu no nariz. A natureza inteira murmurou “Bem feito!” e me deu uma vontade de morrer. João Gabriel, que ia de proa,

olhou pra mim, não riu, não censurou, nada. Continuou proando a canoa. Essa inexistência de manifestação exterior destes que me rodeiam, a deferência desprezante, a nenhuma esperança pelo moço da cidade, palavra de honra, é detestável. Castiga a gente. Oh vós, homens que viveis no sertão, por que me tratais assim! Quero ser como vós, vos amo e vos respeito!

Estava eu no urbano entretenimento deste pensamentear, quando a canoa tremeu com violência. Olhei pra trás e o companheiro pescador dançava num esforço lindo, às voltas com a vara curva. Por trás dele a aurora, me lembro muito bem; e tive a sensação de ver um deus. Mas o dourado, não sei o que fez, a vara descurvou. O peixe se livrara e o deus virou meu companheiro outra vez. Fiquei com uns vinte contos de satisfação.

Mas Nêmesis não me deixou feliz. Veio um desejo tão impetuoso de um dourado, pelo menos beliscar meu anzol, coisa dolorosa! torcia com paixão, pedia um dourado, me lembrei de fazer uma promessa a Nossa Senhora do Carmo, minha madrinha, me lembrei das feitiçarias de catimbó, e principiei por dentro cantarolando a prece da Sereia do Mar. Eis que percebi a minha linha de aço navegando por si mesma rio abaixo.

— Puxe!

Isso, dei um arranco de três forças, fiquei gelado, meu coração ploque! ploque!

— Não bambeie a linha!

A linha, não era eu que bambeava não! bambeou, ergui a vara, o dourado pulou um metro acima d'água, que Virgílio nem Camões nada! um peixe imenso!

— Não puxe a vara!

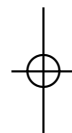
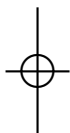
Não puxe a vara, não bambeie a vara, sei lá! o dourado é que dava cada puxão, cada bambeio que queria.

— Canse ele!

Mas como é que se cansa dourado! isso é que nenhum dos meus livros me contara! A segunda vez que o bicho pulou fora, eu já não podia mais de comoção. Palavra-de-honra; estava com medo! Tinha vontade de chorar, os companheiros não falavam mais nada, tinham me abandonado! ôh que ser mais desinfeliz!

Mas pesquei! Teve alguém finalmente que me ajudou a tirar o dourado da água, cuidou dele, guardou-o no viveiro da canoa. Eu, muito simples, pra um lado, jogado fora, pela significação do bicho que era mesmo importante.

Não fazia mal não... eu mesmo estava me dando uns ares de coisa muito fácil. Mas quem pescou o bicho fui eu! A respeito de dourado, estou ganhando de um a zero contra Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Augusto Meyer, Alberto de Oliveira, Castro Alves e outros poetas maiores que eu.



Brasil-Argentina

Na véspera, o meu amigo uruguaio confessou que viera torcer pelos argentinos. Arroubadamente, com excesso de boa-educação, fui afirmando logo que isso não fazia mal, que diabo! etc. Ficou desagradável foi quando ele se imaginou no direito de explicar porque torcia pelos argentinos:

— Você compreende, amigo, nós, uruguaio, temos muito mais afinidade com os argentinos, apesar de já termos feito parte do Brasil. Até por isso mesmo!... Por mais que se explique historicamente o que levou um tempo o Uruguai a participar do Brasil, nós não sentimos (repare que emprego o verbo “sentir”), não sentimos a coisa como se tivéssemos participado do Brasil, e sim como tendo pertencido a ele. A modos de colônia... E isso, por mais esforços que a gente faça, irrita bem. Quanto a afinidades com os argentinos, há muitas... muitas...

Aqui meu amigo uruguaio parou de supetão. Percebi que não queria me machucar. Mas nesse terreno de boa-educação ninguém ganha de brasileiro, não insisti. Não ousei dar uma liçãozinha de humanidade no meu hóspede, falando na minha simpatia igual por argentinos, turcos e australianos, e outras invencionices maliciosas. Me preocupei apenas em disfarçar a ansiedade que me enforcava por causa do jogo.

No campo me acalmei com segurança. Estávamos em pleno domínio do “nacioná”, com algumas bandeiras argentinas por delicadeza. Mas na verdade, por causa daquele jogo, estávamos todos odiando os argentinos e a Argentina

ali. E dizem que futebol estreita relações, estreita nada! Mas aqueles milhares de brasileiros, que piadas cariocas! brilhavam na certeza da vitória. Desconfio que, em casa ou ilhados nos bondes, também tinham sentido a mesma inquietação que eu disfarçava, mas a unanimidade é um estupefaciente como qualquer outro. De forma que nem bem cada brasileiro se arranjava em seu lugar, olhava em torno, tudo era nacional! e a certeza vinha: Vamos ganhar na maciota.

E foi nessa atmosfera de vitória que principiou o famoso jogo Brasil-Argentina, de que certamente não tiraremos nenhuma moral. Os nacionais escolheram o lado pior do campo, com uma ventania dos diabos contra, varrendo tudo, calor, bola e argentino contra o nosso gol. Principiou o jogo.

Os argentinos pegaram com os pés na bola e... Mas positivamente não estou aqui pra descrever jogo de futebol. Só quero é comentar.

Ora, o que é que se via desde aquele início? O que se viu, se me permitirem a imagem, foi assim como uma raspadeira mecânica, perfeitamente azeitada, avançando para o lado de onze beija flores. Fiquei horrorizado. Procurei disfarçar, vendo se me lembrava a que família da História Natural pertencem os beija flores, não consegui! Nem sequer conseguia me lembrar de alguma citação latina que me consolasse filosoficamente! Enquanto isso, a raspadeira elétrica ia assustando quanto beija flor topava no caminho e juque! fazia mais um gol. Era doloroso, rapazes.

Mas era também admirável. Quem já terá visto uma força surda, feia mas provinda duma vontade organizada, que não hesita mais, e diante de um trabalho começado não há transtorno político, financeiro, o diabo! que faça parar!... Eram assim os argentinos, naquela tarde filosófica. Não que eles se alardeassem professores de ordem,

de energia ou de coisíssima nenhuma. Se alguém desejar saber exatamente o que eu senti, eu senti a Grécia, a Grécia arcaica, no tempo em que se fazia a futura grande Grécia. Dezenas de tribos diferentes se organizando, se entrosando, recebendo mil e uma influências estranhas, mas aceitando dos outros apenas o que era realmente assimilável e imediatamente conformando o elemento importado em ibra nacional. Quem quiser me compreender, compreenda, mas no fim do quarto gol eu tinha me naturalizado argentino, e estava francamente torcendo pra que... nós fizéssemos pelo menos uns trinta gols. Mas logo bem brasileiroamente desanimei, lembrando que seria inútil uma lavada exemplar. Não serviria de exemplo nem de lição a ninguém. Ao menos meu amigo uruguaio foi generoso comigo, não teve o menor gesto de piedade. Comentava navalhantemente:

— Era natural que vocês perdessem... Os brasileiros “almejam” vencer, mas os argentinos “quiseram” vencer, e uma coisa é almejar, outra é querer. Vocês... é um eterno iludir-se sem fazer o menor gesto para ao menos se aproximar da ilusão. Sim, os argentinos escalaram o quadro e este se preparou para o jogo; mas o que a gente percebe é que, na verdade, há trinta anos que os argentinos vêm se preparando para o jogo de hoje. A força verdadeira de um povo é converter cada uma das suas iniciativas ou tendências em norma quotidiana de viver. Vocês?... nem isso...

Os argentinos, desculpe lhe dizer com franqueza, mas os argentinos são tradicionais.

Eu é que já estava longe, me refugiado na arte. Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol! Asiaticamente, cheguei até a desejar que os beija flores sempre continuassem assim como estavam naquele campo, desorganizados mas brilhantíssimos, para que pudessem eternamente se repetir, pra gozo dos meus olhos, aqueles

hugoanos contrastes. Era Minerva dando palmada num Dionísio adolescente e já completamente embriagado.

Mas que razões admiráveis Dionísio inventava pra justificar sua bebedice, ninguém pode imaginar! Que saltos, que corridas elásticas! Havia umas rasteiras sutis, uns jeitos sambísticos de enganar, tantas esperanças davam aqueles volteios rapidíssimos, uma coisa radiosa, pânica, cheia das mais sublimes promessas! E até o fim, não parou um segundo de prometer... Minerva porém ia chegando com jeito, com uma segurança infalível, baça, vulgar, sem oratória nem lirismo, e juque! fazia gol.

Abril

Agora é de novo abril e voltam os dias perfeitos da cidade paulistana. Na quarta-feira passada ainda era março, mas de repente, com firmeza, a tarde amaciou o calorão do dia, veio tão maravilhosamente exata de bonita e boa, que eu percebi dentro de mim abril chegando, o grande mês da natureza da cidade.

Não me importam comparações, me esqueço de outras terras. Abril será também maravilhoso em Caldas... Mas São Paulo é uma cidade ruim, compadre. Os viajantes que desde o primeiro século andaram por Piratininga, todos exaltam o clima paulistano, a sua salubridade. Me dão a ideia de que passaram aqui todos por abril. Porque São Paulo é uma cidade ruim, bem traiçoeira. Aqui moram as laringites, os resfriados e a pneumonia. Eis que o calor grosso se enlameia de chuva e, nascendo dos bueiros, bate de supetão uma friagem de morte, que mata mesmo muitas vezes, é a morte encontrada nos desvãos do trabalho do dia.

Porém São Paulo possui abril. Um mês, pouco mais, de tardes sublimes, de manhãs arrebitadamente frias, cheias de vontade de trabalhar audacioso. E noites de meia-estação, macias, cordatas que nem flanela. É preciso que os paulistanos soltem do ser fechado os sugadores de prazer, o olhar, a boca, o passo, o amoralismo, a preguiça, pra receber com plenitude a ventura do nosso abril.

Eu não me esqueço não que a vida anda medonha sobre a terra, nem que aos paulistas o tempo é de solidão e abatimento. Mas por que as desventuras humanas e mesmo as

dores pessoais não-de se contrapor à perfeição do ser? Por que se há-de reduzir a felicidade, que é especialmente uma concordância do indivíduo consigo mesmo e o seu destino, a uma contingência externa? A própria dor é uma felicidade, quando aceita entre os bens que a vida fornece para o equilíbrio do ser e a sua perfeição livre.

Este desejo agora de que os paulistanos saibam gozar abril não é provocado em mim por nenhum diletantismo, nenhuma displicência desumana que ignore a nossa humanidade. Temos que continuar devorando os telegramas da China, reagindo por todas as formas contra a colonização do Brasil, impondo maior justiça entre os homens de má vontade. Tudo isso não esqueço, faz parte do nosso destino, serão elementos sempre da nossa perfeição humana.

Porém abril chegou de lá detrás da serra, veio verde, luminoso, tão bom como um caju do Norte. Nada impedirá que, depois de uma distribuição de veneno e algum gesto de não-colaboração ou sabotagem, o paulistano desça na sua alameda e vá por aí.

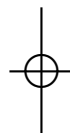
Que celestial o céu está! É uma mistura de rosa, verde e azul, em que um sol estilhaçado deixou milhares de partículas de ouro. As coisas de baixo se escurentam, casas, árvores, com aquela gravidade agradável que os bois têm. As feiúras urbanas se amansam nessa escuridão modesta e as próprias bulhas são como aparições evocadas. A gente se dispersa numa pansensualidade também virtuosa, em que o ser se percebe tão idêntico, tão refarto de pausas, complacência e gostos, que nada, compadre, ôh nada supera nesse mundo a gostosura do nosso abril!

Vamos fugir de norteamericanos, italianos e nortistas, que são gentes cheias de vozes e de gesticulação. Vamos cultivar com paz e muita consciência nossas rosas, ruas, largos e as estradas vizinhas. Calmos, vagarentos, silenciosos, um bocado trombudos mesmo, nessa espécie tradicional

ABRIL

51

de alegria, que não brilha, nem é feita pra gozo dos outros.
Vamos exercer o nosso paulistismo famoso, em sua expressão maior, abril: as coisas estão desaparecidas, mansinhas, e o céu claro, claro, lá.



Anjos do Senhor

Os jornais deram um telegrama de Paris que me deixou meio aéreo...

Diz-que um brasileiro, Muniz, realizou num dos aeródromos de lá experiências de um novo tipo de aeroplano estafeta. E que, apesar do mau tempo, chuva, nuvens, uma ventania danada, as experiências tinham sido “coroadas do mais completo êxito”. Ora qual será o futuro desse invento novo de brasileiro: virará Zeppelin, como o aerostato de Bartolomeu Lourenço, ou aeroplano como a libélula de Santos Dumont? Ou dará em nada como o infeliz sonho de Augusto Severo...

Está claro que, de mim, desejo o mais completo desenvolvimento ao já completo êxito telegráfico de Muniz, porém o que me deixou um bocado aéreo não foi isso não: foi esta mais ou menos curiosa especialidade de brasileiro pela aviação. O que será que os brasileiros têm com os ares!... É extraordinário. O nosso papel na América tem sido viver no ar. Desde a nossa pré-história que os brasileiros, aliás então nem brasis chamados, vivemos no ar. Porque, sem contar que, segundo a tradição ameríndia, qualquer desgosto que brasileiro tenha, pronto, vai pro céu e vira estrelinha: nós possuímos duas lendas que, segundo os processos universitários de exegese, são deveras precursoras da aviação. Uma delas é a da aranha que faz fio no chão e espera que passe o vento. Vem um terral, ergue o fio no céu, e lá se vai, gostando bem, a aranha pelos ares. A outra, mais bonita, é a que Afonso Arinos batizou, não sei bem

por que, com o nome de Tapera da Lua. A moça, percebendo-se descoberta pelo mano que no negrume da noite marcara a amante misteriosa com as tintas do mato, planta uma semente do cipó matamatá que tem mesmo forma de escada. O cipó cresce num átimo, e a traída sobe por ele, transformada em lua, e fica pra sempre banzando no céu, se mirando na água parada das ipueiras, pra ver se ainda não se acabaram as manchas da tinta.

Qualquer pessoa medianamente nutrida na facilidade das explicações está vendo logo que estas lendas são precursoras do mais pesado que o ar. O que me enquizila em ambas é o ligamento que prende as aviadoras à terra, num caso o fio da teia, noutro o cipó. Parece que a interpretação mais aceitável é que em ambos os casos se trata de balão cativo. Isso prova pelo menos que os antigos habitantes deste mato sem saída eram mais sensatos que nós. Andavam no ar, que dúvida! porém sempre e sensatamente, em perfeita comunhão com a terra. É verdade que depois Santos Dumont, também brasileiro sensato, subiu aos ares com a intenção de saber onde levava o nariz e resolver a dirigibilidade dos balões. E de fato: mesmo quando mais pesado que o ar, levou o dito nariz onde muito bem quis. Mas nós outros... não sei não. Me parece que preferimos o anedótico destino de Gusmão, que subiu sem saber onde que iria parar. É exatamente o caso da valorização do café que beneficiou a América Central, e de todos nós, oh, todos, brasileiros natos, gente pesada que vive no ar e não sabe mesmo nada onde que vai parar.

É triste. Não queremos escutar os experientes cantadores nordestinos que, muito antes de mim, impressionados com a especialidade aerostática do brasileiro, fizeram um coco fabuloso. O solista entusiasmado exclama assim:

—Eu vi um aeroplano Avuano!

O coro conselheiro avisa logo:

ANJOS DO SENHOR

55

— Divagá co'a mesa!...

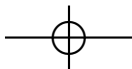
Mas o solista romântico insiste no entusiasmo, mentindo como eu quando pesco dourado:

— E eu fui no Jaú, Aribu!

Mas o coro sempre conselheiral:

— Divagá co'a mesa!...

Qual o quê: jamais que iremos devagar com a nossa mesa!... Não temos interesse pelo nosso destino; o que nos entusiasma é a nossa predestinação. Dê a ciência aviatória no que der, caia o Brasil em que mares encapelados cair, o que nos dirige é a predestinação aviatória que faz com que nos imaginemos uns águias. Quando somos apenas uns borboleteantes anjos do Senhor.



Romances de aventura

Depois do romance psicológico moderno, a gente não pode mais negar que todas as existências de homem são romances legítimos. Já não tem significação nenhuma isso da gente exclamar: “A minha vida é um romance!”... Todas o são. E se noventa e cinco por cento dos seres psicológicos deste mundo pensam que não têm muito que contar, não é porque não tenham não. É por simples fenômeno de timidez.

Agora: já é bem mais raro a vida humana se parecer com os romances chamados “de aventura”. Acho incontestável que o homem no geral se conduz pela fadiga. Já exaltaram demais a curiosidade humana... Tem muitos animais que são curiosíssimos, e uma das coisas mais graciosas deste mundo é a curiosidade da mosca. Não quero desenvolver esta minha última afirmativa pra não me tornar o que chamariam de “anticientífico”, porém, moscas, em vão sois cacetes às vezes, sois mais curiosas que cacetes!

Voltando ao assunto: a história do homem tem sempre sido mal escrita, vive inútil e sem eficiência normativa, porque a vaidade nos faz escrever a história das nossas grandezas e não a manifestação evolutiva da nossa vulgaridade. São nossas ideias, nossas descobertas, nossos gênios, nossas guerras, nossa economia que a gente enumera, sai mosca! imaginando que isso é a história do homem. E por isso acreditamos por demais em nossa curiosidade, quando realmente ela é esporádica e só de alguns.

O homem no geral se orienta muito mais pela fadiga que pela curiosidade. E se tão rara é a vida humana que se equipare aos romances de aventuras, isso vem principalmente da falta de força em seguir para diante. A fadiga cessa o homem pelo meio, ele fica tipógrafo, sapateiro, médico, fazendeiro, e numa quarta-feira morre assim. O homem não tem curiosidade nenhuma de viver, e as mais das vezes as aventuras chegam sem que ele as procure. Eu estava imaginando em Jimmy da Paraíba, e foi mesmo por causa dele que andei curioseando estas considerações, desculpem.

Jimmy era um negrinho como outro qualquer da Paraíba, se chamando Benedito, Pedro, um nome assim. Doze ou treze anos. Feio como o Cão, porém tipo da gente ver. Nariz não havia, ou era a cara toda, com as ventas maravilhosamente horizontais, dum nordestinismo exemplar.

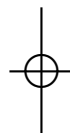
Quando o conheci, este ano, o menino já estava pedantizado, homem feito, só respondendo ao nome de Jimmy. A aventura passara e o pernóstico até não gostava de falar nela! Ficara do romance apenas a vaidade de se chamar Jimmy, a mania de cantar a Madelon e desprezar as cantigas brasileiras, diante dos seus doutores.

Jimmy era rapazinho esperto. Um moço paraibano, rico, meio estourado, se engraçou pelo menino e o levou à Europa. Tinha um escritório de qualquer coisa em Paris, Jimmy chasseur, recebendo gente, levando recado, numa farpela encarnada que o coroava rei da simpatia, um sucesso. Aprendeu o francês, decorou a Madelon, viajou a Itália, vivo que nem galinho-de-campina.

Uma feita o patrão de Jimmy se viu nuns apuros de dinheiro. Um não sei bem se rajá indiano estava tão entusiasmado com o negrinho que propôs comprá-lo. E Jimmy, sem saber comprado, salvava o patrão dos apuros, e embarcava, escravo, em Londres, rumo do império das Índias.

Que libertação... ser escravo em pleno século vinte!... Afirmo que não tem nenhuma imoralidade neste desejo meu. Tem mas é fadiga. Desprover-se de vontades, ser mandado, nirvanização...

Bom, mas Jimmy é que não quis saber deste descanso, escreveu. A mãe dele andou chorando desesperada pelas ruas da Paraíba. Havia um brasileiro escravo de estimação, em Bombaim. A cidade de Bombaim fui eu que escolhi pra contar o caso. Mas os jornais principiaram falando. O Ministério do Exterior se mexeu. E Jimmy foi repatriado, livre, nessa ilusão de liberdade com que nós vivemos dizendo “hoje vou ao cinema”, “sou inglês”, “me passe o pão”. Em vez: trinta anjos diabólicos peneiram invisíveis sobre nós, mandando ir no cinema, pedir pão e ser inglês. Nós obedecemos quase sempre...



Na sombra do erro

Outro dia eu errei, e querendo falar em Caldas Barbosa, num artigo sobre o Aleijadinho, falei em Sousa Caldas.

Erro desses produz sempre na gente uma impressão tão desagradável que torna-se inesquecível. A final foi bom! e por causa da impressão péssima, acho que tomar Sousa Caldas por Caldas Barbosa não me acontece mais. Agora ficam na espera duma impressão dessas pra desaparecer, só mais duas confusões permanentes minhas, jamais saber entre Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto qual é o Silva, e entre farinha de mandioca e farinha de milho, qual das duas é a de milho.

Quão inexploráveis são as restrições do espírito!... Desde minha mais tenra infância que minha mãe me ensinava a distinguir estas farinhas, mas até hoje um recalque inabalável as conserva sem batismo em mim. Sei que diferem. Distingo-as pelo olhar, gosto só duma... Porém se me são oferecidas pra valorizar a carne-de-sol ou o feijão-de-coco, me acanho apontando, murmurando “Essa!” pianíssimo, ansioso por saber e sem poder falar a língua das farinhas. Me consolo é recordando meu pai, homem de vontade, mas que morreu sem conseguir jamais saber qual é o lado mais doce da laranja. E como não passava sem ela, almoço e janta, setecentas e trinta vezes por ano tínhamos que lhe ensinar esse imprescindível b-a-bá cítrico.

Aliás tenho mesmo uma memória muito fraca, razão pela qual preciso duma biblioteca muito grande. Minha memória repousa nas folhas impressas, porém não me lastimo.

Imaginação desarreitada galopa mais livre, e, já viram café florado? assim são minhas surpresas. Além disso a precaução me obrigou a esta sabedoria de jamais não discutir em bate-bocas que o vento leva. Quando falam uma enormidade ao pé de mim, digo “Sei” com bem-aventurança. Eu amo a minha paciência. É mais lenta que um buço, e o fato dela não aparecer nos meus escritos não a desmente não. É que eu sou pelo menos “em dois”, que nem falam os italianinhos dos manos que a noite lhes deu. Sou em dois: esse um de que quereis saber, oh exigências do mundo, que sou eu apenas como um animal de raça que me dei de presente para os meus passeios no Flamengo, e o outro, o cheio da paciência, o que não tem nenhuma razão-de-ser terrestre, o que faz a minha felicidade incomparável e sou eu.

Agora esta matemática de dois está me lembrando um dos incidentes mais aborrecidos que me sucederam e a que nem posso chamar falta de memória... Foi uma troca de personalidades e nomes, coisa maluca duma vez. Estava com um amigo e conversa vai conversa vem, ele dizia:

— Beethoven, pouco depois de escrever a Nona Sinfonia... Meio que sorri e cortei a frase:

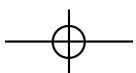
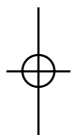
— Que bobagem, Luís! A Nona Sinfonia é de Mozart.

Ele me olhou muito sarapantado e afirmou que a Nona Sinfonia era de Beethoven. Nasceu uma rápida discussão penosa, eu levado logo ao máximo da exasperação pela coragem do leiguinho me contradizer a mim, profissional do assunto.

Caí em mim mas foi pra ter ódio de mim. Naquele tempo eu inda não era sábio, isto é, não tinha paciência. Deu-se esta confusão temível: o meu amigo pronunciava “Beethoven”, eu ouvia “Beethoven” bem certo, mas meu espírito traduzia “Mozart”. Então a verdade me obrigava a ensinar que quem fizera a Nona Sinfonia fora Beethoven,

eu imaginava “Beethoven”, mas pronunciava “Mozart” e escutava “Mozart”!

Hoje ainda, quando penso nesse fato, as mais modernas explicações da fadiga mental não me satisfazem. E lhes asseguro que o meu sofrimento por vários dias foi medonho. Imaginei que estava ficando louco e esperei. Mas se não me engano esta bem-aventurança não chegou.



Cai, cai, balão!

Imagino que deviam fazer uma aplicação da lei de Mendel pra explicar certas manifestações do nosso espírito misturado, há coisas incríveis... A gente vai indo, vai indo, bastardizando o espírito nas tradições de todas as culturas do mundo, mesclando as tendências duma idade com as das outras épocas do homem, eis que de supetão risca um gesto puro no ar, fui eu? O homem, nas alturas sábias dos quarenta anos, vai e pratica um ato de menino de grupo. Guardo, pra me embelezar a vida, uma peça de cerâmica feita por um caipira das vizinhanças de Taquaritinga. A decoração pintada copia descaradamente as cores de Marajó, e a forma reproduz com semelhança de pasmar uma figurinha grega arcaica. Bem sei que se fala nas ideias elementares que tanto podem nascer na cabeça dum botocudo como dum maori ou de um fachista, eu sei. Nem foi minha intenção, que bobagem! afirmar que o caipira de Taquaritinga provinha esteticamente de Marajó e da Grécia. Mas por outro lado, a realização espontânea duma faculdade infantil num homenzarrão meditabundo que já enterrou a infância num cemitério repudiado mostra que o indivíduo, por maior técnica do ser que possua, guarda pra sua riqueza a inexperiência do aprendiz. Por mais organização que tenha, o indivíduo segue mandado por correntes marinhas incontroláveis. A rota pode ser muitíssimo bem norteada, se vai de Belém ao cabo Horn, que nem Carlos Gomes vai da Noite no castelo ao Escravo. Mas nada im-

pede e nada indica, porém, o que a gente vai topar e vai mandar a gente, nesses incontroláveis oceanos. Pode ser tubarão. Pode ser a princesa de Trípoli.

É por isso que agora eu já não tenho mais vergonha do que me sucedeu outro dia e vou contar. Mas que cadeias misteriosas me puxaram dos desígnios tão pretos do homem-feito e me colocaram de novo como aprendiz desses desígnios, plena infância? Tanto mais que nunca na minha vida infantil fui pegador de balão!... O melhor é contar logo.

Era noite avançada, quase vinte-e-quatro horas. São João, a festa já estava acaba-não-acaba nos barulhos raros do ar. Eu vinha... suponhamos que tivesse errado o caminho, eu vinha de destinos do homem-feito, forte e designado em mim. Vinha em procura da rua dos bondes que me levasse pra casa outra vez. Era longe, num bairro que dorme cedo. Foi exatamente quando virei a esquina: enxerguei no céu perto a chama viva do balão. Caía com fúria, por ali mesmo onde eu estava, em três minutos se transformava no cisco do chão. Corri, não tinha ninguém, corri. Fui até na esquina em frente que virei, o balão vinha cair mesmo na rua, oi lá! como ele vem certinho, sem moça na janela pra me ver, pego o balão! Estou falando em moça porque decerto lá nos fundos de mim, se tivesse alguma possibilidade de moça na janela, não vê que eu corria pra pegar balão! Lá nos fundos de mim talvez estas noções persistissem, mas o fato é que não pensei em moça, pensei em nada, mas pego o balão.

E tanto não pensei em ninguém que agora vai suceder o espantoso. Não fui eu só que virei esquina. Também na esquina lá da outra ponta do quarteirão, viraram uma molecada duns cinco ou seis, já dos maiores, pelos doze, quinze anos, com paus nas mãos. Chegamos quase juntos no espaço em que se percebia que o balão vinha cair. Nos olhamos. Houve um primeiro receio na molecada, e em

mim a sombra da infelicidade, ia perder o balão! Quis reagir com a autoridade de gente bem vestida, falei respeitável:

— Deixem que eu pego.

De-certo a primeira noção deles foi deixar, mas eram meia dúzia, com paus nas mãos. Reagiram manso, umas frasinhas resmungadas, depois mais nítidas, e então já eram inimigos.

— Já disse que quem pega sou eu!

Eu odiava, me desculpem, mas odiava. Me arrebentava, brigando com a molecada se fosse preciso, mas quem pegava o balão havia de ser eu. Minha vontade até ficara meia distraída, eu queria já brigar, bater, machucar muito, se algum ficasse aleijado que bom!

— Não atirem pedra! fiquei desesperado, iam estragar o meu balão! Invennei quase gritando: Sou secreta! eu levo vocês pra... Me ajeitei melhor. O balão só roçou no fio do telefone, veio direitinho para as minhas mãos apaixonadas que tremiam lá no alto do ar, feito flor que come mosca. E peguei o balão. Ainda foi um caro custo apagar a mecha, não tinha prática, sempre olhando de banda, com rancor de morte, os moleques ali me odiando. Agora estava em mim de novo, o balão meu. Chegaram em disparada as vergonhas, as censuras, e um passado em que nunca fui moleque de rua, nunca jamais peguei balão. Mas os homens depreciam tanto a humanidade que trocam qualquer honra por dinheiro. Foi o que fiz, cruel. Sorri para os moleques, entreguei o balão a eles, também o quê que eu ia fazer com balão!

— Não sou secreta não, estava enganando. Pra quê que vocês não vão pra casa dormir, é tão tarde! Olhem... repartam isso entre vocês... vão tomar um café...

A gente fala “café” por comodidade, mas está pensando cerveja, pinga, os desejados prêmios da alegria. Tanto que

dei cinco mil-réis à molecada. O que fiquei pensando, já escrevi no princípio.

O que trouxera um pouco mais de brilho àquela vidinha quando muito de candonga fora a fundação do Partido Democrático. Não é possível perceber as razões que levaram certos pracistas daquela terra mansa a virarem democráticos, tudo ia tão bem! Mas agora as conversas do largo da Matriz e do clubinho das moças dançarem no domingo chegavam a parecer discussões; e como não era possível a cidadinha ir melhor do que ia, a questão de perrepista ou democrático atingira as raias do idealismo. Discutiam, não os atos locais do compadre prefeito, mas a eloquência de Bergamini, os camarões da Light paulistana em que dona Arlinda, a mulher do chefe democrático, levava um tombo, coisas assim. Idealismo puro, como se vê. E o Comunismo. Ah, discutia-se ardentemente o Comunismo, esse perigo imediato, que àqueles pracistas se demonstrava absolutamente horroroso, porque ninguém sabia bem o que era.

Repartidos os homens, os democráticos menos numerosos mas sempre de cima pela mais cômoda posição de oposição, nem por isso as amizades, os compadrismos e parentagens se embaçaram. Continuou tudo na mesma. Só que agora os jornais da capital eram mais atentamente decorados, os homens eram mais altivamente gentis, e havia certa emulação na toalete das senhoras. A missa das oito valia a pena ver.

Quando arrebentou a revolução, os democráticos exultaram. Xingaram o presidente de uma porção de culpas. Os perrepistas apreensivos secundavam que não era tanto assim. Entre boatos e comunicados oficiais, tudo mentira, não se sabia a quantas o Brasil andava e pela primeira vez, fora os casos de doença grave, a angústia sufocava o peito mansamente respirador da cidadinha. Oito dias, doze dias, não se aguentava mais! Os chefes perrepistas se reuniram,

confabularam bem pedros-segundos, depois saíram da Câmara e foram procurar os democráticos que se reuniam na porta do Comércio e Indústria.

— Boa tarde.

— Boa tarde.

— Boa tarde.

Alguém arriscou um “Como vai” mas foi logo censurado pelos olhos correligionários.

— Olhem, vamos fazer uma coisa: não vale a pena a gente derramar sangue, nem estar agora diz que brigando por causa de revolução. O melhor é fazer assim: se a revolução ganhar, nós entregamos tudo pra vocês, tomem conta da Câmara, da coletoria, do jornal, tá tudo em dia, só falta fechar o balanço do mês. Não se deve nada e tem vinte e dois contos da arrecadação em caixa. Mas se o governo ganhar, continua tudo na mesma, está feito?

— Está feito.

E comentaram mais sossegadamente os comunicados e sucessos do dia. Os sucessos do dia estavam sintetizados num sucesso guaçu. Os perrepistas tinham sido obrigados a organizar um batalhão que fosse defender o governo. Entre desocupados dos sítios e das vendas, por causa das promessas de dinheiro e principalmente por causa da janta excelente que veio da casa da prefeita ajudada pelas amigas de partido, o certo é que uns setenta rapazes se exercitavam ao mando de um sargentinho, lá no largo da Cadeia, mais longe pra não fazer muito barulho. Mas cortava o coração de todos, o Juca! o Amadeuzinho! até o Treque-treque gol-quipa que nunca deixara a cidadinha perder... Cortava o coração. Ora a partida do batalhão fora determinada pra esse dia. O certo é que foi chegando perrepista, foi chegando perrepista na estação, até o prefeito, que não falava nem por nada, preparara um discurso. Mas soldado mesmo! Dos setenta apareceram vinte. Vinte tristes, assustados. O

sargento xingou todos de negros, de covardes, e aquilo até ficara doendo no coração dos chefes perrepistas. Desaforo! xingar nossa gente de negros! são da roça, não entendem!...

Era hora dos jornais, o trem já apitara na curva, mas as verdades correm mais depressa que os jornais. Nem o trem ainda pousara na estação, seu Marcondes parou o forde na porta do Comércio e Indústria e contou brilhando. Os vinte mártires tinham desertado na estação seguinte, e o sargento fora obrigado a voltar sozinho com armas e bagagens. Isso foi uma gargalhada geral de satisfação. Peste! negro era ele! bem-feito! E foram todos pra casa jantar, ler jornais. Depois seria o cavaco, feito de largos silêncios, na sublime tardinha da nossa terra.

O resto já se imagina. Viveram mais uns dias de não saber nada, o Palácio da Liberdade não parava de ser bombardeado em Belo Horizonte, Cruzeiro não acabava mais de cair, etc. A final chegou a notícia nocaute, essa verdadeiríssima: ele fora pro forte de Copacabana. Os democráticos já estavam com vontade de tomar conta de tudo, mas os perrepistas aconselharam mais calma, vamos esperar confirmação. Veio a confirmação. Então os perrepistas entregaram a Câmara, a cadeia, o jornal, tudo. E foram conversar na porta do Comércio e Indústria, à espera dos jornais. Só que agora estavam de cima, já bem menos numerosos, porém, mais vivazes e argumentadores, por gozarem das regalias da posição de oposição.

Sociologia do botão

A sociologia está milagrosamente alargando os seus campos de investigação. Hoje pesquisa-se sobre qualquer elemento da vida, com resultados inéditos da mais grave importância. Estamos todos, para maior felicidade, unanimemente convencidos que uma análise dos nomes das casas que vendem colchões pode fornecer a razão do excesso de divórcios; e se uns destroem a verdade poenta dos alfarrábios ciscando anúncios de jornais, outros constroem doutrinas inteiras sobre a urbanização da humanidade, estudando a rapidez do voo dos mosquitos. Ora foi meditando sobre isso com os meus botões, que estes me comunicaram a teoria ilustre que venho vos expor.

Porque, senhores, estou agora sendo vítima dos meus botões. Arrancado, sem nenhuma alegria, do meu lar paulistano, eu vivo agora a vida aberta de um arranha-céu carioca. Pois nem bem se passaram três meses deste processo de viver, me vi forçado a encarar pela primeira vez na existência, o problema do botão. E principiou se valorizando em mim aquele sublime silêncio com que minha Mãe repassava semanalmente as minhas roupas vindas da lavadeira, reforçando botões bambos e pregando novos no lugar dos que tinham me abandonado. Agora não. Minha Mãe ficou lá no seu lar de província, eu bracejo na descarinhosa luta da cidade grande, com trinta e seis botões bambeados. E pouco a pouco, insensivelmente, já vou me acostumando com esta nova insegurança e com a ameaça imodesta de uma repentina nudez.

Alguns retrucarão que o meu caso é particular, pois sou solteiro. Meu caso é o da maioria, pois nem são as esposas modernas mais hábeis que nós, barbados, no ofício de pregar botões (sei de muitas que se recusam altivamente a fazê-lo), como nem são pouco numerosos os totalmente solteiros. De resto, aproveito este ensejo tão íntimo para vos apresentar minha criada Maria, fluminense benedita e dedicada que se sujeita a ser mulher de botão pra mim. Solicitude não lhe falta: lhe falta é ter vindo ao mundo naqueles tempos de dantes, em que minha Mãe aprendeu a pregar botões tão garantidores como um fio de barba de meu avô.

O homem, de uns tempos pra cá, não usa mais dos alastramentos abusivos da metáfora, quando pensa, fala ou briga com os botões. O que foi metáfora um dia, hoje é realidade amarga. O botão contemporâneo apenas contemporiza. E por isso vê-se o homem condicionado a um botão aproximativo que está provocando vastas mudanças sociais. A mim me parece mesmo que está se criando toda uma vida e mentalidade desabotoada, a que bem se poderia chamar de Civilização do Botão. Vejamos:

PRIMO:

O homem, ao abotoar ou desabotoar um botão, já não o faz pensando em álgebra, indissolubilidade do matrimônio ou próximas eleições, pensa botão. Ora, como sabeis e ficou assentado pela psicologia, o botão é imagem sexual. Esta imagem persegue o homem dia inteirinho, pois ele está preocupado com o déficit de casas abotoadas, botões no fracasso e a possibilidade de encontrar pelo caminho alguma mulher que seja verdadeiramente de botão. Como negar portanto que o exaspero sexual da atualidade se origina do botão! Avanço mais: o freudismo é uma consequência direta do botão. É uma doutrina de ensejo visivelmente

pragmatista, só imaginada porque estamos em plena civilização do botão.

E já concordareis que este é um assunto da maior gravidade. A civilização do botão, muito mais que o cimento armado, é que levou-nos à vida endogâmica do arranha-céu. Até que ponto o apartamento prova uma atitude, não apenas técnica, mas desabotoada da sociedade?... Em verdade, vos digo: o apartamento é o filho adotivo da civilização do botão. Filho postiço, como diria Machado de Assis.

SECUNDO:

O botão mal pregado, que salta irreverentemente quando o milionário estufa a peitaria gritando “Viva a Humanidade!”, enfim, o botão inconfiável, o botão-acaso, acaba acostumando a gente a viver na insegurança e no relativo. A Relatividade é outra doutrina conformista só admissível dentro da civilização do botão. Pois que os botões já não são mais integérrimos botões, nem as casas femininamente casas, nem o que está abotoado o está senão relativamente, brota e se fixa em nós a complacência espiritual com o aproximativo. A falta de... de nitidez indumentária tem como consequência natural a gente se acostumar com a falta de nitidez intelectual, moral, social. Se aceitamos as roupas mais ou menos lotericamente abotoadas, somos como consequência levados a aceitar doutrinas e ideologias também inseguramente arrematadas, sem a garantia de verdade desta que vos exponho. enfim, se as arianizações tempestivas, os fachismos ilusórios e ofuscante grandeza nacional dos totalitarismos, arregimentam facilmente as multidões rubicundas, é porque estas já foram arregimentadas pela psicologia de um botão improvável. As ideologias como os botões só têm valor ocasional. O importante é que o botão tergiverse.

TÉRCIO:

O meu amigo uruguaio me faz notar, porém, que mesmo no meio de tais e tamanhos desabotoamentos sociais, sempre houve uma reação digna da parte do homem. Infelizmente esta mesma reação veio manchada pelo cinismo aventureiro da civilização do botão. Já percebestes, por certo, que estou me referindo ao fecho éclair ou zip, que não sei como se escreve. Mas que contraditória coisa o fecho éclair! Duas carreiras de dentinhos eis que se unem e desunem a um risco de mão, zip! Como se fecharam ou abriram? mistério. E a consciência de cinismo oportunista se acentua. Será certo que o substitutivo zip representa um derradeiro esforço do ser social, na preservação de sua integridade! Mas de nulo ou contraproducente valor normativo, pela rapidez sem esforço que exige, e sempre desleal e conformistamente aproximativo, o fecho zip representa bem uma sociedade de panos quentes, misterioso e mítico, sem aquele severo, realista e irretorquível sentido abotoante do botão de minha Mãe. Só as mães, não mãe-de-apartamento, só as MÃES sabem pregar botões! E tenho dito.

O dom da voz

Estava hoje à procura de um assunto quando tive a felicidade de encontrar um homem que admiro muito. Professor dos mais dedicados, só uma vez duvidei desse justo: foi quando ele me comunicou que abria um curso de oratória. Não cheguei propriamente a me espantar, tive a certeza imediata de que o meu amigo estava irreparavelmente louco. Depois, muito aos poucos, pude me convencer de que não se tratava de loucura não, mas de um possível ideal, parece incrível.

É sabido que os gregos se entregavam muito à oratória e os selvagens também. À noitinha, acabados os descansos do dia, os brasis se ajuntavam em torno do fogo e falavam, falavam, falavam. Os gregos também falavam, falavam, falavam. E os brasileiros também. E agora, com essa guerra, também os enormes guerreiros estão falando que é um incontestável despropósito. Se ao menos as guerras se limitassem a bate-bocas de chefes valentíssimos, ah! como eu havia de abençoar o dom da voz! Em vez, segundo a lição europeia das guerras, está mais que provado que discursos não dão pra ganhar batalha nem fazem valer o direito da gente. De forma que foi necessário organizar uma entrosagem muito conivente de armas palpáveis e armas impalpáveis. Primeiro os grandes chefes deitam muito discurso e conseguem convencer do uso da guerra os que já estavam convencidos disso. Imediatamente em seguida chega o instante menos imaginoso do exercício das armas palpáveis, canhões, escondimento apressado das crianças

que participarão da guerra próxima, cidades bombardeadas. Mas eis que nasce o medo, hoje intitulado guerra de nervos, porque o homem, como todos os seus irmãozinhos do mato, dos ares e das águas, é fundamentalmente medroso. E é então que volta salvadoramente esse dom da voz que, de acordo com os prospectos dos cursos de oratória, “permite convencer os outros e nos aumenta a confiança em nós mesmos”. E eis cada qual convencido e confiantíssimo. “Morres de fraco? Morre de atrevido!” O medo desaparece.

Ora valha-me Deus! Está claro que, pelo simples fato de escrever estas linhas amargas, não me convenço de ter arrancado do poroso saco das ideias um argumento a mais contra a oratória. Já porém essa justificativa de que saber falar em público nos aumenta a confiança em nós, coisa provada, é que muito me melancoliza. Os conselhos da desconfiança e timidez me parecem bem mais fecundos e intelectuais. Ah, essa marca da minha viagem amazônica...

Íamos um pequeno grupo de paulistas, dirigidos por D. Olívia Guedes Penteado, que por lá, os jornais e os pobres intitularam de “rainha do café”. Mas não só do café ela era rainha, o que nos proporcionou várias recepções oficiais e numerosos discursos. Eu, que era o homem do grupo, tivera até esse dia a timidez intelectual de jamais falar em público, jamais improvisar. Já algumas vezes lera em público, manifestação honrada e pertencente ao domínio da inteligência, e que nada tem a ver com falar. Eis que de repente, logo num primeiro almoço íntimo, em Belém, quando chegou a hora prima pós-meridiana, que era a da sobremesa, um orador se levantou e veio pra cima de mim com um discurso de saudação. Digo que o discurso veio pra cima de mim não porque fosse a mim dirigido, era, com toda a justiça, endereçado à rainha de nós todos. Mas logo percebi que a mim, homem do grupo e tido às vezes por poeta, caberia responder. Ainda a timidez me obrigou a

hesitar em meu bom-senso açaimado, mas D. Olívia me fez um graciosíssimo pedido com o olhar. E penetrei na onda convulsa da pororoca.

O papelão que fiz não se descreve, embora, nos momentos de lucidez, eu conserve um inconfessável orgulho do meu fracasso. A única coisa de que me lembro é que, súbito, depois de uns quatro ou cinco minutos de palavras que eu falava, me nasceu uma ideia! Ideia não muito rara eu sei, mas enfim sempre era uma ideia. Significava mais ou menos que, no meio das coisas tão bonitas e novas que víamos, jamais inda nos lembráramos do Sul, porque os homens eram os mesmos, parafraseando o grande poeta: “Tendo um só coração, tendo um só rosto.” Ainda encompridei a ideia, acrescentando qualquer coisa sobre o sentimento perfeito que tínhamos da “inexistência dos limites estaduais” (não sou centralista, sou municipalista, mas não fazia mal me trair em palavras). E acabei o discurso. E quando me namoraram os ouvidos uns aplausos delicados, palavra de honra que o meu único desejo era levantar outra vez e fazer mais discurso! coisa fácil as palavras!...

Não faltou ocasião. Em quase todas as cidadinhas do rio imenso, tive que parafrasear o “grande poeta” e reconhecer mais numerosas vezes a “inexistência dos limites estaduais”. E quando chegamos a Iquitos, capital do departamento de floreto, no Peru, a coisa ficou prodigiosamente fácil. Tornei a parafrasear o “grande poeta” (não havia meios de me lembrar do nome dele!) e troquei os “limites estaduais” por “nacionais”, com ardente sentimento de americanismo.

Quem me trouxe à razão foi o “grande poeta”. Não houve meios, durante a viagem toda, de lembrar o nome dele. O nome sagrado de Machado de Assis, que nunca fez discursos de improviso, se recalcara no subconsciente, como terrível censura à minha confiança em mim. Só quando estava já no mar oceano, de volta, sem probabilidade

des de botar discurso mais, o nome do poeta me tornou à lembrança. Caí em mim. Nesse mesmo dia, recebi um rádio de Luís da Câmara Cascudo, amigo íntimo, que ainda nos preparava uma recepção oficial, em Natal. Dizia: “Quer almoço presidente discurso ou sem? Abraços.” Respondi: “Sem. Abraços.”

Memória e assombração

Outro dia maltratei bastante o valor da linguagem como instrumento expressivo da vida sensível. Agora conto um caso que exprime bem a força dominadora das palavras sobre a sensibilidade. Quem reflita um bocado sobre uma palavra há de perceber que mistério poderoso se entocaia nas sílabas dela. Tive um amigo que às vezes, até na rua, parava, nem podia respirar mais, imaginando, suponhamos, na palavra “batata”. “Ba” que ele, “ta” repetia, “ta” assombrado. Gostosissimamente assombrado. De fato, a palavra pensada assim não quer dizer nada, não dá imagem. Mas vive por si, as sílabas são entidades grandiosas, impregnadas do mistério do mundo. A sensação é formidável. Porém o caso que eu quero contar não é esse não, e se passou com a minha timidez.

Entre as pessoas que mais estimo está Prudente de Moraes, neto, o escritor que tanto fez com a Estética, pra dar uma ordem mais serena ao movimento das nossas letras modernas. Há muitos Prudentes nessa família e nós tratávamos o nosso por Prudentinho.

Uma feita ele veio a São Paulo e fui visitá-lo. Cheguei no portão duma casa nobre, alta como a tarde desse dia. Uma senhora linda tornava tradicional um jardim plantado entre duas moças. Meu braço aludiu à campainha com delicadeza e uma das moças perguntou o que eu queria. “Falar com o Prudentinho” secundei. A moça me contou que o Prudentinho estava no Rio.

— A senhora me desculpe, mas hoje mesmo ele telefonou pra mim. Ela sorriu:

— Ah, então é o Prudentão.

Fiquei numa angústia que só vendo, senti corpos de gigantes no ar. Jamais um aumentativo não me fez perceber com tamanha exatidão a malvadez humana. Decerto a moça teve dó porque esclareceu:

— Naturalmente é o Prudentão, filho do dr. Prudente de Moraes...

— Deve ser, minha senhora!... arranquei da minha incompetência.

Então a moça foi boa pra mim e respondeu que o Prudentão não estava. Fugi com tanta afobação da casa do gigante, uma casa mui alta, fugi com toda a afobação.

Estava muito impressionado e passei uma noite injusta. Não é que sentisse medo nem sentira —positivamente eu já não posso mais ter medo de gigante.

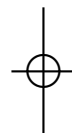
Porém tivera a sensação do gigante, e ele produzia em mim efeitos de estupefaciente. Eu enxergava um despotismo de Prudentes sobre um estrado comprido, procurava, procurava e não achava o meu. Quando cheguei lá no fim do estrado, enxerguei novo estrado cheio de novos Prudentes... Eram decerto encontros de rua, alguns rostos pude identificar por estarem nas memórias desse dia. Dum fulano parado na esquina me lembrava bem.

Veio um momento em que não pude sofrer mais e reagi. Murmurei com autoridade: Prudentico! Essas confianças que se toma com os companheiros são bem consoladoras... Nos inundam dessa intimidade que a presença de nós mesmos. Dormi.

É sempre assim. As memórias que a gente guarda da vida vão se enfraquecendo mais e mais. Pra dar a elas ilusoriamente a força da realidade, nós as transpomos para o mundo das assombrações por meio do exagero. Exageros

malévolos, benéficos. E um dos elementos mais profícuos de criar esse exagero é a palavra. Poesias, descrições, ritos orais...

É um engano isso de afirmarem que a gente pode reviver, tornar a sentir as sensações e os sentimentos passados. As memórias são fragílimas, degradantes e sintéticas, pra que possam nos dar a realidade que passou tão complexa e intraduzível. Na verdade o que a gente faz é povoar a memória de assombrações exageradas. Estes sonhos de acordado, poderosamente revestidos de palavras, se projetam da memória para os sentidos, e dos sentidos para o exterior, mentindo cada vez mais. São as assombrações. Estas assombrações, por completo diferentes de tudo quanto passou, a gente chama de “passado”...



Meu engraxate

É por causa do meu engraxate que ando agora em plena desolação. Meu engraxate me deixou.

Passei duas vezes pela porta onde ele trabalhava e nada. Então me inquietei, não sei que doenças mortíferas, que mudança pra outras portas se pensaram em mim, resolvi perguntar ao menino que trabalhava na outra cadeira. O menino é um retalho de húngarês, cara de infeliz, não dá simpatia nenhuma. E tímido o que torna instintivamente a gente muito combinado com o universo no propósito de desgraçar esses desgraçados de nascença. “Está vendendo bilhete de loteria”, respondeu antipático, me deixando numa perplexidade penosíssima: pronto! estava sem engraxate! Os olhos do menino chispeavam ávidos, porque sou dos que ficam fregueses e dão gorjeta. Levei seguramente um minuto pra definir que tinha de continuar engraxando sapatos toda a vida minha e ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom. É incrível como essas coisas são dolorosas. Sentei na cadeira, com uma desconfiança infeliz, entregue apenas à “fatalidade inexorável do destino”.

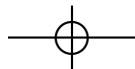
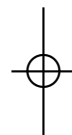
Pode parecer que estou brincando, estou brincando não. Há os que fazem engraxar os sapatos no lugar onde estão, quando pensam nisso. Há os como eu, que chegam a tomar um bonde comprido, vão até a rua Fulana, só pra que os seus sapatos sejam engraxados pelo “seu” engraxate. Há indivíduos cujo ser como que é completo por si mesmo, seres que se satisfazem de si mesmos. Engraxam sapato

hoje num, amanhã noutro engraxate; compram chapéu numa chapelaria e três meses depois já compram noutra; conversam com a máxima comodidade com os empregados duma e doutra casa e com todos os engraxates desse mundo. Indivíduos assim me dão uma impressão ostensiva de independência feliz, porém não os invejo.

De primeiro, faz talvez vinte anos, meu engraxate foi trabalhar com o meu freguês barbeiro. Era cômodo, ficava tudo perto da minha casa de então. Meu barbeiro, serzinho de uma amabilidade tão loquaz que acabou me convencendo da perfeição da gilete, logo me falou que aquele engraxate falava o alemão. Perguntei por passatempo e o italiano fizera a guerra, preso logo pelos austríacos. Era baixote, atarracado, bigode de arame e uma calvície fraterna. Se estabeleceu uma corrente de forte interdependência entre nós dois, isso o homenzinho trabalhou que foi uma maravilha e meus sapatos vieram de Golconda. Nunca mais nos largamos. Entre nós só se trocaram palavras tão essenciais que nem o nome dele sei, Giovanni? Carlo? não sei. Um dia ele me contou baixinho, rápido, que mudava de porta. Foi o que me deu a primeira noção nítida de que o meu barbeiro era mesmo duma amabilidade insustentável. Mudei com o meu engraxate e, pra não ferir o barbeiro, que a final das contas era um homem querendo ser bom, me atirei nos braços da gilete a que até agora sou fiel.

Veio o dia em que a engraxadela aumentou de preço. Só soube muito mais tarde, por acaso, meu engraxate não me contou nada, preferindo ficar sem gorjeta, não é lindo! Nos fins de ano, jamais pediu festas, eu dava porque queria. Hoje, tanto as festas como as pequenas gorjetas me produzem um sentimento de mesquinhez, não sei por que dificuldades meu engraxate terá passado, quanto lutou consigo e com a mulher. A final não aguentou mais esta crise, vamos ver se vender bilhete rende mais!

O menino, até me deu raiva de tanto que demorou. (Meu engraxate também demorava demais quando era eu, mas não dava raiva.) O menino, pra falar verdade, engraxou tão bem como o meu engraxate e meus sapatos continuaram vindo de Golconda. Não sei... não voltei mais lá. Faz semana que não engraxo meus sapatos. Sei que isso não pode durar muito e o mais decente é ficar mesmo freguês do menino, porém minha única e verdadeira resolução decidida é que vou comprar bilhetes de loteria. Não tenho intenção nenhuma de tirar a sorte grande mas... mas que mal-estar!...



Biblioteconomia

O contato com os livros e manuscritos dessas idades que irreverentemente costumamos chamar de “passado”, será que nos deixa o ser mais antigo?... Parece. Positivamente não é a mesma coisa a gente ler Matias Aires numa edição primeira ou numa reimpressão contemporânea. A transposição moderna conterà sempre a mesma substância, e mesmo nas raríssimas edições honestas, a substância estará enriquecida de comentários, correções, esclarecimentos. Mas o importante é que não são apenas os dados da verdade que um livro pode nos fornecer. Quem julgar assim sabe ler pelo meio.

O livro não é apenas uma dádiva à compreensão, é, deve ser principalmente um fenômeno de cultura. Quem lê indiferentemente um escrito numa edição do tempo ou noutra moderna, numa edição mal impressa ou noutra tipograficamente perfeita, num bom como num mau papel, esse é um egoísta, cortado em meio em sua humanidade. Lê porque sabe ler, e apenas. O livro lido apenas para se saber o teor do escrito é sempre singularmente subversivo da humanidade que trazemos em nós. O fenômeno mais característico desse individualismo errado, a gente encontra nos estudantes que, na infinita maioria, são pervertidos pelos seus livros de estudo. Não que todos os livros escolares sejam ruins, os rapazes é que ainda não aprenderam a ler. Leem pra saber a verdade que está nos livros, e apenas. O resultado são essas almas imperialistas, tão frequentes

nos ginásios, vivendo em decretos desamorosos, incapazes de distinguir, comendo, dormindo, respirando afirmações. O estudante pernóstico, corrigindo os erros do pai!

Nas civilizações contemporâneas mais energicamente respeitosas do homem, as universidades, os livreiros se esforçam por apresentar o livro, não apenas como um repositório de verdades, mas como um fenômeno duma totalidade muito mais fecunda que isso. Pela boniteza da impressão, pela generosidade do papel, pelo conselho encantador das gravuras, os bons livros modernos não querem nos obrigar apenas a saber a vida, mas a gostar dela porém.

Ora já de muito, bem que venho matutando em que talvez a verdade menos deva ser um objeto de conhecimento que de contemplação... Não será essa diferença fundamental que separa o encanto maravilhoso de Platão da secura sem beijo de Aristóteles, no entanto bem mais verdadeiro?... Não será esse engano das nossas civilizações que as torna tão rasteiras, monetárias, dogmáticas, em oposição às grandes civilizações da Ásia, bem mais gostosas e sutis?...

E cheguei com certo esforço adonde pressentia que desejava chegar: o livro antigo, o manuscrito original, pela sua venerabilidade, pelo esforço de acomodação à leitura, pela exigência permanente de controle do que diz, não nos deixa nunca apenas na psicologia individualista de quem aprende, mas no êxtase amplíssimo, difuso, contagioso da contemplação. Ele nos reverte à nossa antiguidade.

Deixem que eu diga, mas nas civilizações novatas que nem as desta América, os seres são profundamente imorais, no sentido em que a moral é uma exigência derivada aos poucos do ser tanto indivíduo como social. Não nos custa a nós, americanos, aceitar religiões, filosofias, e mesmo importar civilizações aparentemente completas. O nosso dicionário vai de A pra Z, direitinhamente. Tem F tem L

e tem R: Fé, Lei, Rei. O que não nos é possível importar é a precedência orgânica dessa Fé, dessa Lei e desse Rei, nascidos de outras experiências. Nós existimos pouco, demasiado pouco. Nós existimos em desordem. É que nos falta antiguidade, nos falta tradição inconsciente, nos falta essa experiência por assim dizer fisiológica da nossa moralidade que, só por si, torna a palavra “passado” duma incompetência larvar.

Isso nem o ótimo livro moderno conseguirá nos fornecer. O livro antigo é moral, com a sutil prevalência de não ser uma moral ensinada (que é sempre pelo menos duvidosa) mas uma moral vivida. É um banho inconsciente de antiguidade. E se na mão do bibliófilo o livro antigo é duma volúpia incomparável, estou que devemos arrancá-lo dessas mãos pecaminosas e botá-lo nas mãos rápidas dos moços. Convém tornar os moços mais lentos, e iniciar no Brasil o combate às velocidades do espírito. Que abundância de meninos-prodígios transfere a vida agora da beca difícil dos clérigos pro quepe charmariz dos generais... Vivo meio sufocando.

Eu desconfio que ninguém achará razão nestas palavras, quando o que me intitula é a Biblioteconomia. Mas pra mim foram os pensamentos sossegados que pensei e quis dizer. Para mim, que envelheço rápido, o pensamento como a vista já vão preciosamente perdendo aquele dom de precisão categórica, que define as ideias como as coisas nos seus limites curtos. De fato a biblioteconomia é, dentre as artes aplicadas, uma das mais afirmativas. Diante desse mundo misteriosíssimo que é o livro, a biblioteconomia parece desamar a contemplação, pois categoriza e ficha. É engano quase de analfabeto imaginar tal desamor; e não foi senão por um velho hábito biblioteconômico que, faz pouco, me fichei na categoria dos envelhecidos, o que posso jurar ser pelo menos uma precipitação.

Isso é a grandeza admirável da biblioteconomia! Ela torna perfeitamente acháveis os livros como os seres, e alimpa a escolha dos estudiosos de toda suja confusão. Este o seu mérito grave e primeiro. Fichando o livro, isto é, escolhendo em seu mistério confuso uma verdade, pouco importa qual, que o define, a biblioteconomia torna a verdade utilizável, quero dizer: não o objeto definitivo do conhecimento, pois que houve arbitrariedade, mas um valor humano, fecundo e caridoso de contemplação. E pelo próprio hábito de fichar, de examinar o livro em todos os seus aspetos e desdobrá-lo em todas as suas ofertas, a biblioteconomia rallenta os seres e acode aos perigos do tempo, tornando para nós completo o livro, derrubando os quepes e escovando as becas.

Voto secreto

Não sei, todos ficaram entusiasmados porque as eleições em São Paulo correram na “maior ordem”... Talvez haja o que distinguir. É incontestável que todos e a própria tendência para a disposição boa das coisas, que é tão da gente paulista, fizeram com que as eleições terminassem dentro do remanso dos nossos monótonos entusiasmos. Mas porém tenho a impressão bastante melancólica de que, se houve a “maior ordem” prática, nem por isso deixou de ser devastadora a desordem mental.

Voto secreto. É possível que um dia a gente venha a usar, com direito de propriedade, desse presente subitâneo que nos deram. O presente ficou bonito lá fora, pra podermos falar que também no Brasil se emprega o tal. Mas aqui dentro, por enquanto, ele fez foi despertar aquele farrancho temível de mitos. Uma completa mitomania vai grassando por aí de várias formas. Mitomania não somente no sentido em que as paixões partidárias deformaram, falsificaram, esconderam. Até neste sentido é que a nossa mitomania atual é mais perdoável. Eu me convenci de que a imensa maioria estão absolutamente convencidos de que estão com a razão. Se perrepistas como peceístas deformaram, esconderam, falsificaram verdades, não fizeram nada disso intencionalmente. Pelo menos, em geral. Acreditavam no que diziam ou faziam, ardentemente movidos pelo desejo de salvar (!) o Estado. Infelizmente a salvação se resumiu em criar mitos. Culpa do voto secreto.

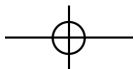
Não duvido que a ideologia democrática tenha tido o seu valor, mas hoje, diante das exigências do tempo, nem se sabe mais o que é. É um mito, duma largueza aquosa, tão adaptável ao PC como ao PRP. O resultado disso é que o voto secreto não conseguiu que adiantássemos um passo sobre 1930. Não se discutiu ideologias, ninguém se dedicou por sistemas, porém por indivíduos. Novos mitos também, estes indivíduos... Não discuto o valor de ninguém aqui, mas os chefes de partidos cujas ideias já não conseguem mais se agrupar em sistemas definidos se viram guindados a deuses do Bem e do Mal. O chefe que pra uns era o mito do Bem, pra outros era mito do Mal. Daí não haver ideia possível. Dedicções de fanáticos, ódios eruptivos de apóstatas. Digo de apóstatas, porque neste caso incolor de PRP e PC, constituiu verdadeira apostasia deixar um partido por outro, quando ambos tinham a mesma religião!

Mas o voto secreto provocou nova mitomania mais curiosamente particular. Observei isso em centenas de pessoas com quem conversei. Foram talvez milhares os eleitores que se elevaram a mitos de si mesmos. Um dos processos desse individualismo empafioso consistiu (principalmente entre pessoas de certa idade e cultura de maior pretensão) consistiu em votar fora das chapas partidárias. O eleitor se julgando honestíssimo e dono de sua consciência (talvez outro mito...) batucava na máquina-de-escrever uma chapa mesclada, com os mitozinhos da sua simpatia, uns tantos do PC e outros tantos do PRP. As mais das vezes, nem se dava ao trabalho de escrutar se não existiria por acaso no Estado alguém, fora dos partidos, com mais possibilidades de formar um pai-da-pátria. As chapas estavam ali, escolhendo pela gente!... Cozinhavam dentro das chapas. Pouco se lhes dava atrapalhar, pouco se lhes dava a contradição do sistema, pois votavam em indivíduos de partido que seguirão seus partidos: importante era ele, eleitor, pro-

vável proprietário do seu voto. Voto em quem Eu quero. Imaginava estar usando do seu voto, quando estava apenas abusando do seu Eu.

Mas entre os moços e na burguesia mais pobre, observei outro abuso, muito curioso também. O voto secreto causou uma legítima bebedeira de liberdade que constatei em muitos. De posse duma arma que poderiam usar pra castigo de chefes maus, estes eleitores se esqueceram completamente de julgar por si mesmos se os chefes eram de fato maus. Votaram contra. Votaram contra, não porque estivessem conscientemente contra, mas só para provar que podiam votar contra, t'ái!

E nesses brinquedos de primeira vez se desperdiçou a infinita maioria do eleitorado. Cada qual votou num mito: uns votaram nos seus chefes ideologicamente inexistentes, outros votaram em si mesmos, também ideologicamente inexistentes. Jogados pra um canto, em minoria esmagada, outros eleitores ainda havia, a meu ver os únicos dignos de maior atenção. Os esquerdistas vermelhos e os fachistas. Cegos de ódio e antagonismo. Se diria presos a mitos também... Não eram mitos não: estão presos, não tem dúvida, mas conscientemente presos a ideologias perfeitamente delimitadas e fixas. Uns cantando antecipadamente a sua vitória, verdes, mas dum verde que não me dá muita esperança não. Outros, por uma aberração hedionda e, meu Deus! natural dos princípios... liberais, não tendo direito de viver à luz do sol, perseguidos como leprosos. Ou como os primeiros cristãos... E não se pense que pretendo ficar assim, de camarote, assuntando o desfilar das tragédias humanas. Todos os sintomas do meu ser me lembram que sou filho de tipógrafo, alma de tipógrafo. Só que nesta desordem mental que o voto secreto açulou, vermelhos como verdes têm de mim o mesmo respeito. Foram os únicos que tiveram consciência do mundo e confiança nas ideias.



A sra. Stevens

— Mme. Stevens.

— Sim, senhora, faz favor de sentar.

— Fala francês?

— ...ajudo sim a desnacionalização de Montaigne.

— Muito bem. (Ela nem sorriu por delicadeza.) O sr. pode dispor de alguns momentos?

— Quantos a sra. quiser. (Era feia.)

— O meu nome é inglês, mas sou búlgara de família e nasci na Austrália. Isto é: não nasci propriamente na Austrália, mas em águas australianas, quando meu pai, que era engenheiro, foi pra lá.

— Mas...

— Eu sei. É que gosto de esclarecer logo toda a minha identidade, o sr. pode examinar os meus papéis. (Fez menção de tirar uma papelada da bolsa-arranha-céu.)

— Oh, minha senhora, já estou convencido!

— Estão perfeitamente em ordem.

— Tenho a certeza, minha senhora!

— Eu sei. Estudei num colégio protestante australiano. Com a mocidade me tornei bastante bela e como era muito instruída, me casei com um inglês sábio que se dedicara à Metafísica.

— Sim senhora...

— Meu pai era regularmente rico e fomos viajar, meu marido e eu. Como era de esperar, a Índia nos atraía por causa dos seus grandes filósofos e poetas. Fomos lá e depois de muitas peregrinações nos domiciliamos nas proximidades dum templo novo, dedicado às doutrinas de Zoroastro. Meu marido se tornara uma espécie de padre, ou melhor, de monge do templo e ficara um grande filósofo meta físico. Pouco a pouco o seu pensamento se elevava, se elevava, até que desmaterializou-se por completo e foi vagar na plenitude contemplativa de si mesmo, fiquei só. Isto não me pesava porque desde muito meu marido e eu vivíamos, embora sob o mesmo teto, no isolamento total de nós mesmos. Liberto o espírito da matéria, só ficara ali o corpo de meu marido, e este não me interessava, mole, inerte, destituído daquelas volições que o espírito imprime à matéria ponderável. Foi então que adivinhei a alma dos chamados irracionais e vegetais, pois que se eles não possuísem o que de qualquer forma é sempre uma manifestação de vontade, estariam libertos da luta pela espécie, dos fenômenos de adaptação ao meio, correlação de crescimento e outras mais leis do Transformismo.

— Sim senhora!

— Como o sr. vê, ainda não sou velha e bastante agradável.

— Minh...

— Eu sei. Com paciência fui dirigindo o corpo do meu marido para um morro que havia atrás do templo de Zoroastro, donde os seus olhos, para sempre inexpressivos agora, podiam ter, como consagração do grande espírito que neles habitara, a contemplação da verdade. E o deixei lá. Voltei para o bangalô e fiquei refletindo. Quando foi de tardinha escutei um canto de lauta que se aproximava. (Aqui a sra. Stevens começa a chorar.) Era um pastor nativo que fora levar zebus ao templo. Dei-lhe hospitalidade,

e como a noite viesse muito ardente e silenciosa, pequei com esse pastor! (Aqui os olhos da sra. Stevens tomam ar de alarma.)

— Mas, sra. Stevens, o assunto que a traz aqui a obriga a essas confissões!...

— Não é confissão, é penitência! Fugi daquela casa, horrorizada por não ter sabido conservar a integridade meta física de meu esposo, e concebi o castigo de...

— Mas...

— Cale-se! Concebi meu castigo! Fui na Austrália receber os restos da minha herança devastada e agora estou fazendo a volta ao mundo, em busca de meta físicos a quem possa servir. Cheguei faz dois meses ao Brasil, já estive na capital da República, porém nada me satisfaz. (Aqui a sra. Stevens principia soluçando convulsa.) Ontem, quando vi o sr. saindo do cinema, percebi o desgosto que lhe causavam essas manifestações específicas da materialidade, e vim convidá-lo a ir pra Índia comigo. Lá teremos o nosso bangalô ao pé do templo de Zoroastro, servi-lo-ei como escrava, serei tua! oh! grande espírito que te desencarnas pouco a pouco das convulsões materiais! Zoroastro! Zoroastro! lá, Tombutu, Washington Luís, café com leite!...

Está claro que não foram absolutamente estas as palavras que a sra. Stevens choveu no auge da sua admiração por mim (desculpem). Não foram essas e foram muito mais numerosas. Mas com o susto, eu colhia no ar apenas sons, assonâncias, que deram em resultado este verso maravilhoso: “lá, Tombutu, Washington Luís, café com leite”. Sobretudo faço questão do café com leite, porque quando a sra. Stevens deu um silvo agudo e principiou desmaiando, acalmei ela como pude, lhe assegurei a impossibilidade da minha desmaterialização total e, como a coisa ameaçasse piorar, me lembrei de oferecer café com leite. Ela aceitou.

Bebeu e sossegou. Então me pediu dez mil réis pra o templo de Zoroastro, coisa a que acedi mais que depressa.

Aliás, pelo que soube depois, muitas pessoas conheceram a sra. Stevens em São Paulo.

Mesquinhez

Tenho que distinguir porém. Se é fato que existe em certas classes de sublimadores de vida (poetas, mendigos etc.) sincera incompetência pra viver, não é menos certo que muito indivíduo se aproveita disso para não tomar atitude ante os fenômenos sociais. Dado que o artista, o cientista é um ser à parte, pois então vamos nos aproveitar disso. Sistematizam esse “estado de off-side” que é inerente à psicologia deles, e na verdade já não estão apenas à parte mais, criam mas é uma salvaguarda de indiferentismo e até sem-vergonhismo que lhes permite aceitar tudo em proveito pessoal.

Quando Julien Benda estabeleceu no livro bulhento dele a condição do clerc, ele não esqueceu de especificar bem que a contemplatividade do intelectual às direitas não impedia este de se manifestar a respeito dos movimentos políticos e tomar parte neles. Mas disto os cultos brasileiros não querem saber. Se, entre escritores, ainda existem alguns que, talvez por mais acostumados a pensar, tomam partido, é absurdo como se estabeleceu tacitamente que pintores, músicos, arquitetos, fisiólogos e fisiólogos e teólogos são da neutralidade.

Neutralidade? É, eles chamam de neutralidade o que é muito boa falta de caráter. É a neutralidade que consiste v. g. no governo de Carlos de Campos, em tudo quanto era concerto, qualquer pecinha desse compositor lamentável, aparecer no programa. E me vinham: — “Você compreende, essa música é banalíssima, porém nós que pertencemos à

classe dos músicos devemos honrar um, sim, um músico que está na presidência do Estado.” E como a bondade pessoal de Carlos de Campos era mesmo um fato, aquilo rendia bem ao colega. Dele.

Este ano um pintor ainda me expunha suas teorias sobre a honradez profissional. Era assim: — “Você compreende (usam e abusam do ‘você compreende’ arranjador gratuito de cumplicidade) você compreende, tudo isto que eu faço, não é minha arte não! Mas é disso que o povo gosta! Estas orquídeas, isso é passadismo do miúdo, mas Fulano, que você sabe a importância dele na Prefeitura, queria por força que eu pintasse orquídeas. Eu pintei e ele comprou! Estou envergonhado de ter um quadro assim na exposição, mas, você compreende, é por causa do nome do comprador. Mais tarde, quando eu não tiver mais cuidados pecuniários, então hei de fazer a arte que sinto em mim!”

E com isto, se receberem a encomenda de uma sinfonia pra Mussolini e um retrato de Napoleão a cavalo, fazem. Porque diz-que o assunto não tem importância na obra-de-arte!... Me parece incontestável que estamos atravessando um momento muito importante, que pode despertar no povo brasileiro a consciência social —coisa que ele não tem. Ora não só músicos, fisiólogos e fisiólogos, mas até entre os literatos, vou percebendo uma pouca vontade vagarenta em tomar atitude. Parece que estão muito preocupados em cantar a mãe-preta, o seu rincãozinho, a sua religiãozinha, pra tomarem consciência verdadeira do momento que a nacionalidade atravessa, e vai bastante mais além desses lugares-comuns temáticos do novo “modernismo” de agora. No poema de Martin Fierro vem aquela estrofe honesta, que gosto muito:

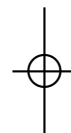
Yo he conocido cantores
Que era un gusto escuchar

MESQUINHEZ

101

Mas no quieren opinar
Y se divierten cantando;
Pero yo canto opinando
Que es mi modo de cantar.

Eu acho que também temos que cantar opinando agora.
Há muito mais nobre virilidade em se ser conscientemente
besta que grande poeta da arte pura.



Tacacá com tucupi

Quem me chamou uma atenção mais pensamentosa para a cozinha brasileira foi, uns quinze anos atrás, o poeta Blaise Cendrars. Desde que teve conhecimento dos pratos nossos, ele passou a sustentar a tese de que o Brasil tinha cultura própria (ou melhor: teria, se quisesse...), pois que apresentava uma culinária completa e específica. Sem impertinência doutrinária, era apenas como viajante de todas as terras que Blaise Cendrars falava assim. A tese lhe vinha da experiência, e o poeta garantia que jamais topara povo possuindo cozinha nacional que não possuísse cultura própria também. Pouco lhe importava que a maioria dos nossos pratos derivasse de outros vindos da África, da Ásia ou da península ibérica, todos os povos são complicadas misturas arianas. O importante é que, fundindo princípios constitucionais de pratos asiáticos e elementos decorativos de condimentação africana, modificando pratos ibéricos, chegamos a uma cozinha original e inconfundível. E completa.

Alguns comedores bons discordam de que a nossa cozinha seja completa. Acham-na pesada e incapaz de criar jantares dignos, leves e cerimoniais. Culinária própria de almoço, exclusivamente. Não há dúvida que a maioria dos nossos pratos principais é pesada, mesmo grosseira. Pratos como a panelada de carneiro nordestina, o vatapá baiano, o tutu com torresmo são de violência estabanada. O efó preparado à baiana é tão brutalmente delirante que nem somos nós que o comemos, ele é que nos devora. A primeira vez que ingeri uma colherada de efó, a sensação exata que

tive foi essa de estar sendo comido por dentro. Pratos que implicam a sesta na rede e o entre-sono... Alguns mesmo nos deixam num tal estado de burrice (de sublime burrice, está claro) que não é possível, depois deles, comentar sequer Joaquim Manuel de Macedo.

Mas isto é meia verdade, e dentro da nossa culinária variadíssima temos o que comer a qualquer hora do dia e da noite. O sururu alagoano bem como o dulcíssimo pitu nordestino são espécies delicadíssimas de manjar. Em todo caso, de modo grosseiro, pode-se dizer que há uma ascensão geográfica quanto ao refinamento e delicadeza da culinária nacional. À medida que avançamos para o Norte, mais os pratos se tornam delicados.

Se principiamos no Sul, o churrasco gaúcho nem pode-se dizer que seja prato de mesa; é antes comida de campo que tira parte do seu encanto em ser provada de pé, entre os perfumes do vento e do fogo perto. E faz grande exceção em toda a nossa culinária característica, por ser um prato simples, que não se inspira apenas no seu elemento básico para combinações mais complexas, antes procura revelar a carne em toda a sua mensagem. Dir-se-ia, neste sentido, um prato inglês. Porque, filosoficamente falando, desculpem, diremos que a culinária pode se orientar por duas apenas das três grandes ideias normativas que regem nossa humanidade: pelo Bem e pelo Belo. Está claro que, sendo necessariamente verdadeira e não interessando imediatamente ao... pensamento puro, a culinária põe a Verdade de banda. As cozinhas francesa e inglesa podem comparecer como protótipos das duas orientações normativas da culinária. A inglesa se orienta pela ideia do Bem: mais simples, mais franca, buscando apenas variar pelos molhos a monotonia das suas bases. Até o seu uísque de após janta, mais digestivo e funerário, é um valor fácil como a maioria dos heróis shakespearia-

nos, se o compararmos ao sabor montaigne de uma fine. A cozinha francesa se orienta francamente pela ideia do Belo. As bases alimentares quase desaparecem, sutilizadas às vezes em combinações de um inesperado miraculoso. Isso é invenção desnecessária, é arte às vezes do mais gratuito hedonismo.

Em geral a nossa culinária se dirige também pelas normas do Belo. Vindo do Sul para esta zona caipira, os nossos pratos já são ricas multiplicações. Em alguns deles chega a ser difícil descobrir qual a base alimentar inspiradora. A feijoada, por exemplo, em que o feijão deixou de ser o fundamento, pra se tornar o dissolvente das carnes fortes. E quase o mesmo diríamos do nosso cuscuz paulista, que pondo de parte a farinha, se determina pela combinação principal, “cuscuz de galinha”, “cuscuz de camarão”.

Com a Bahia a violência dos pratos se acentua em mesa bem mais variada. Estamos no auge da influência negra: e uma brutalidade de zabumba, agressivamente misteriosa, cheia de carícias estupefacientes, arrasa os paladares, que caem no santo, completamente divinizados.

Da Bahia pro Norte, os grandes pratos vão se tornando cada vez mais delicados. É certo que continuam ainda pratos ásperos, vem a panelada, vem o trágico tacacá com tucupi. Mas o Nordeste concorre com os seus pitus e sururus; e então uma sioba cremosa deslizando sobre o feijão de coco em calda, servida em porcelana translucidamente branca, isso é prato para o mais granfino jantar.

Mas, a meu ver, onde a culinária brasileira atinge suas maiores possibilidades de refinamento é na Amazônia. Todos já perceberam que pus de lado certas caças, encontrá-veis mais ou menos por todo o país, que podem nos dar pratos da maior delicadeza. O macuco baixa do poleiro com seu sabor tão silencioso; e vem a ingênua paca no seu gosto irônico de estarmos prejudicando virgens; e princi-

palmente o tatu-galinha, uma das nossas mais perfeitas carnes como sutileza do tecido. Mas são carnes que ainda não se culturaram e não sabemos tratar. A rusticidade jesuítica dos nossos costumes rurais ignora esse requinte pecaminoso de descansar suficientemente uma caça, de modo que a asperidade do mato fique apenas como um... background do paladar.

Não. É na Amazônia que melhormente podemos jantar. É lá que se encontra o nosso mais fino pescado de água-doce, ninguém pode imaginar o que seja uma pescadinha do Solimões! Ninguém pode imaginar o que é um “casquinho de caranguejo” distraidamente pulverizado com farinha-d’água. A tartaruga, principalmente a tracajá mais risonha, dá vários pratos suaves, e o pato de Marajó vagamente condimentado com o tucupi picante... Devo acabar aqui, pois estou ficando com vontade de comparar tais sabores com Morgan, Bergson e o engenhoso fidalgo Valéry. E certas frutas, principalmente o bacuri perfume puro, tratadas sem açúcar, viriam finalizar tais jantares, como versos de Rilke. E assim é que, nestes tempos aviatórios, a minha experiência já vos pode dar este conselho: Almoça-se pelo Brasil, janta-se no Amazonas.

Fábulas

No quase fundo do pastinho desta chácara, junto do aceiro da cerca, tem uma arvoreta importante, com seus quatro metros de altura e folhagem boa. No sol das treze horas quentes passa um velho arrimado a um bordão. Pára, olha em torno, vê no chão um broto novo, ainda humilde, de futura arvoreta, e o contempla embevecido. Quanta boniteza promissora nesta folhinha rósea, ele pensa. Já descansado, o velho vai-se embora. Diz o broto: — “Está vendo, dona arvoreta? A senhora, não discuto que é o vegetal mais corpudo deste pastinho, mas que valeu tamanha corpulência! Velho parou, foi pra ver a boniteza rósea de mim.” — “Sai, cisco!” que a arvoreta secundou; “velho te viu mas foi por causa da minha sombra, em que ele parou pra gozar.”

Ora andava o netinho do velho brincando no pasto, cantando gafanhoto, nisto enxergou longe, lá na beirada do aceiro, um tom vermelho. Correu pra ele, era o broto, na intenção capitalista de o arrancar. Mas chegando perto, faltou ar pro foleguinho curto do piá, ele parou erguendo a carinha pra respirar e se embeveceu contemplando a arvoreta que lhe pareceu imensa no pastinho ralo. Esqueceu o broto que, de perto, já nem era encarnado mais, porém dum róseo sem força. Depois cansou também de contemplar a arvorita que nem dava jeito de trepar, deu um pontapé no tronco dela e foi embora. — “Ah, ah”, riu a arvoreta, “está vendo, seu broto? Você, não discuto seja mais colorido que eu, porém columim parou foi pra espantar com a minha corpulência.” — “Sai, ferida!” que o broto respondeu; “diga:

por que foi que o columim te enxergou, diga! por quê! Ahm, não está querendo dizer!... pois foi minha cor, ferida! foi minha cor lindíssima que o chamou. Sem mim, jamais que ele parava pra te ver, ferida!”

Ora sucedeu chegar a fome num formigueiro enorme que tinha pra lá da cerca, e as saúvas operárias saíram campeando o que lhes enchesse os celeiros. Toparam com uma quenquém inimiga que, só de malvadeza, pras saúvas ficarem sofrendo mais fome, contou a existência do broto encarnado. As saúvas foram lá e exclamaram: — “Isso não dá pra cova dum nosso dente! antes vamos fazer provisão nesta enorme árvore.” Deram em cima da arvoreta que, numa noite e num dia, ficou pelada e ia morrer. O broto, sementezinha da arvoreta mesmo, noite e dia que chorava e que gemia, soluçando: — “Minha mãe! minha mãe!”

Carecendo de fogo em casa, no outro dia, o velho saiu pra lenhar. Passou pela arvoreta que era só pau agora e ficou furibundo: — “Pois não é que essas danadas de saúvas me acabaram com a única sombra que eu tinha no pasto!” E de raiva, deu uma machadada no chão. Acertou justo no broto que se desenterrou bipartido e ia morrer. O velho foi buscar formicida e matou todas as saúvas que, aliás, já estavam morre-não-morre porque a folha da arvoreta era veneno. E o velho pegou de novo no machado e foi à procura dum pau pra lenhar. Enquanto isso, a arvoreta moribunda, com vozinha muito fraca, olhava o broto arrancado no chão: — “Meu filho! meu filho!”

— Onde que vai, vovô? exclamou o netinho topando o importante machado no ombro do velho.

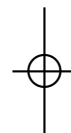
— Vou lenhar.

O columim logo lembrou a árvore enorme que tanto o espantara na véspera: — “Pois então pra que você não derruba aquele pau grande que está na beirada do aceiro, lá”? — “Ora, que cabeça a minha!” pensou o velho; “pois

senão dá sombra mais e está perdida, melhor é derrubar a arvinha mesmo.” Porém muito já que tinha se movimentado no ardente sol. Nem bem derrubou o tronco, veio um mal-estar barulhento por dentro, nem soube o que teve, fez “ai, meu neto!”, deu um baque pra trás e morreu.

No outro dia, enquanto andavam fazendo o enterro chorado do velho, o netinho estava entretidíssimo com o tronco derrubado da arvoreta. Assim retorcido como era, fazia um semicírculo que nem de ponte chinesa, sobre o chão. Isso o menino fez, só que não imaginando na China. Era uma ponte formidável sobre um imenso rio. O columim atravessava a ponte, chegava do outro lado e era o porto. Então embarcava num galho da arvoreta, caído por debaixo da ponte, remava com outro galhinho e estava tão satisfeito que pegando a folhinha já roxa do broto, solta ali, enfeitou com ela o chapéu. Uma única saúva salva, que estava agarrada na folhinha do broto, mordeu a orelhinha do piá, que deu um imenso berro e foi embora chorando pra casa. Pra consolar o filho, a mãe deu uma sova no broto que ocasionara a mordida da saúva.

O menino viveu mais cinquenta-e-sete-anos, casou-se, fez política, deixou vários descendentes. Uma quarta-feira morreu.



Rei Momo

Também quis celebrar o rei Momo e logo me vesti de azul e de encarnado. Então me olhei no espelho e esmoreci. Não é que eu imagine indignidade desumana a gente estar se preocupando de alegria num momento como este, em que positivamente o mundo vai de mal a pior. A final das contas, eu já cheguei também àquele alto de montanha, muito avançado no caminho da experiência, pra estar mais ou menos desconfiado de que sempre o mundo foi de mal a pior. E apesar disso ele ainda está aí, bastante ativo e um pouco perturbado. Talvez não faça mal que, de permeio a missões de sos financeiro e leis de segurança para os governinhos bastante perturbados, a gente se enlambuze, por uma quarta-feira apenas, com o zarcão da alegria. O que me fez esmorecer foram as cores que logo preferi pra me enfeitar.

São as cores tradicionais da alegria brasileira... Com elas se vestiram os zambis de mentira, tirados da escravidão, a que os padres, num gesto meio aborrecido, como viu Koster, entregavam cetro e coroa à porta das igrejas. Com o azul e o encarnado se distinguiram as facções guerreiras nas danças dos Congos e Gingas, bem como as dos nossos Congados e Moçambiques caipiras. Nas Cavalcadas, de Norte a Sul, eram ainda o azul e o encarnado que aformoseavam a gesticulação enfeitada de cristãos e mouros. Cristãos de azul, cor de Deus, mouros de vermelho, cor do Sujo. E ainda até agora nalgum raro lugar, a rapaziada briga por

um pedacinho de ita das mulatas do Cordão Encarnado ou do Cordão Azul, nos Pastoris...

Ora eu soube que chegou a esta cidade de São Paulo, quem? o rei Momo em pessoa. Mas eu não conheço o rei Momo, nunca tive argent pra ir na Europa. Qualquer dia havemos de ter por aí o Bruder Alex, o Sultão T-Tulba e os outros bodes expiatórios, também enlambuzados de alegria, que permitimos reinem por toda uma quarta-feira, pra que, destruindo-os depois, levem consigo o nosso mal humano. É inútil: não levam não e ignoro as cores do rei Momo europeu.

Por que não se tentar trazer de novo a São Paulo o Sultão do Meio-Sol e da Meia-Lua, das Cheganças, o Ar-relequim do Bumba-meu-Boi, o Matroá fabulosíssimo dos Caiapós, ou melhor, o rei Congo e a rainha Ginga?... Não estou censurando comissões de alegria, não é censura, é saudade. É este anseio meu, rabugento, de unir presente e passado, anseio de quem vê dia por dia o homem sempre o mesmo, incapaz de beneficiar de suas próprias experiências. Pois já não estão querendo criar o Conselho Nacional do Algodão! Em cada gesto humano a gente percebe sempre, não a experiência, mas a macaqueação de trezentos séculos. “Repetição, tudo repetição”, pra corrigir a atrasadíssima sabedoria salomônica. E se repetimos diariamente os erros milenários, se eles renascem com facilidade de erva e fecundidade suína, por que não tentar o renascimento de costumes que só desapareceram pela desordem dos chefes?

Dantes, as festas dadas pelos chefes pra que o povo se... se esqueça tocavam base popular. Não era a Marinha que subia no tablado nem o rei Momo. Era o Armirante Mascaranha e o Surtão de Trugue-e-Metrogue. Nascia lá no transatlântico Portugal o, quem? o príncipe da Beira Baixa. Então estava convencido que o brasileiro ficou alegríssimo e queria se divertir. Mandavam avisar de lá que os

coloniais de cá tinham que mandar pra lá um presente de suponhamos um milhão de cruzados de cá pro bercinho do herdeiro macho. E isso era motivo de alegria fenomenal. E o suponhamos Ilmo. e Exmo. Sr. D. Luís Gonzaga de Sousa Botelho e Mourão, Governador e Capitam General da Capitania de São Paulo, decretava grandes alegrias públicas, de que algum áulico poeta escreveria, em letra iluminada, a Relação. Ah, como esta vestimenta de azul e encarnado me amarga!... Estou imaginando num rei Congo diante do qual o próprio Governador se abaixasse, pra lhe pegar o cetro caído, como sucedeu no Tejuco... Ou nalgum armirante de mentira, que nem aquele João Pacheco baiano, que fazia parar divisões do exército inteiras, pra trocar continências de estilo com generais de verdade... Um pouco de orientação em poucos anos faria renascer tudo isso... E talvez isso trouxesse pelo menos uma justificativa mais humana aos decretos oficiais de alegria.



Idílio novo

Oh! quem são esses entes fugazes, duendes fagulhando na luxuosa cidade!... Eles brotam dos bueiros, das portas, das torres, rostos lunares, e a dentadura abrindo risos duma intimidade ignorada no ambiente gélido. Chatos, truncados eles barulham, pipilam, numa fala mais evolucionada que a nossa, fulgurante de vogais sensíveis e de sons nasais quentes, que são carícias perfeitas. Quem são esses sacizinhos felizes, confiantes nos trajes improvisados, portadores da alegria nova, estrelando na ambiência da agressiva cidade!...

Naquele recanto de bairro a casa não era rica mas tinha seu parecer. Aí moravam uma senhora e seus filhos. Era paulista e já idosa, com bastante raça e tradição. Cultivava com pausa, cheia de manes que a estilizavam inconscientemente, o jardimzinho de entrada e o silêncio de todo o ser. Suas mãos serenas davam rosas, manacás, consolos e, abril chegando, floresciaam numa esplêndida trepadeira de almandas, que fora compor seu buquê violento num balcão. Nos abris e maios do bairro, os automóveis passando, até paravam pra contemplar.

Outro dia estava a senhora lidando com as sedas siriopaulistas da ilha, quando a criada veio falar que tinha na porta um sordado. A senhora percorreu logo a criada com olhos de inquietação. Com as últimas revoluções a senhora tivera portão vigiado, armas escondidas, filho preso. Ergueu-se, recompôs o estilo do rosto, foi ver. No portão estava um tenentinho moreno, cheio da elegância, mais a

mulher dele, menos flexível, achando certa dificuldade, se via, em se vestir com distinção. Mas ambos figuras duma simpatia imediata, confiantes como água de beber.

— Bom dia! sorriram.

— Bom dia.

— Madame é a dona da casa!

— Sou.

— Nós passamos sempre por aqui! Achamos muito linda essa trepadeira que a senhora tem no balcão!...

— Como se chama essa flor!...

— Alamanda.

— Alamanda!

— É.

— Nós moramos ali em cima naquela casa grande da esquina, e Hosana sempre me chama a atenção para a sua trepadeira! aquela ali de frente não é tão bonita assim!

— É tão bonita. É a mesma.

— Não parece não! não acha, Catita!

— Até parece outra, olha só a cor! Nós queríamos pedir à senhora que nos desse um galho pra plantarmos em nosso jardim!

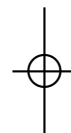
— Eu dou o galho... Mas não sei se esta planta pega de galho. Comprei ela já crescida.

— A senhora quer que ajude! Hosana, vá com madame!

— Muito obrigado, não carece.

Então a senhora já completamente sossegada subiu ao balcão. Com a natural cordialidade pouco visível exteriormente nela, escolheu três ou quatro galhos bem robustos, foi cortando. Ela de lá, eles de baixo, estabeleceu-se logo uma conversação agradável, toda criada pelo tenentinho e sua mulher, que ainda durou no portão, com muitos agradecimentos do casal, já uma certa familiaridade e oferecimentos de casa e dos préstimos.

A senhora não soube corresponder porque nunca aprendera isso tão depressa. Meio que a assustava aquela intimidade com vizinhos, pedir coisas, mandar presentinhos, jeitos que jamais não tivera na vida nem lhe ordenavam os seus manes. Não pôde oferecer nada, aquela colaboração com vizinhos lhe desarranjava todo o silêncio. Mas soube sorrir com um “possível carinho” no adeus. E era inconteste que lhe ficava no peito uma espécie de felicidade. Não era verdade, ela sabia, mas sempre tinha no mundo alguém que achava as flores dela mais bonitas que as do jardim rico defronte. Estava próxima de querer bem o tenentinho e sua mulher.



Calor

Calor... O Rio de Janeiro está na sua maior festa física de terra onde quem mandou o homem vir morar? O contraste é violentíssimo: percebe-se claro que tudo quanto não é ser humano ou animal de cultura está gozando, se expandindo, se multiplicando, enquanto o homem sofre pavorosamente. Um pensamento só me preocupa o espírito vagarento: tudo quanto é ser humano sofre insofismavelmente, sofrem os pobres como os ricos, não há distinção de casta, nem de raça, nem de idade, martirizados pelo calorão. Mas tudo o que é desumano se deslumbra e revive num escandaloso esplendor. Pois é incontestável que também a falange das mulheres floresce traidoramente, adere franco ao delírio da vitalidade mineral e vegetal, tanto mais esplêndidas que o macho se mostra chucro e charro. Isto me inquieta pouco aliás, porque eu pago imposto, mas hei de continuar solteiro. Em todo caso, ajuntando recordações esparsas pelos anos, sinto mesmo que deve haver qualquer coisa de mineral nas mulheres.

Desta janela, os meus olhos vão roçando a folhagem vertiginosamente densa da Glória e da praça Paris, buscar no primeiro horizonte os arranha-céus do Castelo. A superfície da folhagem é feia, de um verde econômico, desenganadamente amarelado. Mas em baixo, dentro dessa crosta ensolarada, o verde se adensa, negro, donde escorre uma sombra candente, toda medalhada de raios de sol. Passam vultos, passam bondes, ônibus, mas tudo é pouco nítido, com a mesma incerteza linear dos arranha-céus no

longe, ou, mais longe ainda, no último horizonte, a Serra dos Órgãos. Porque a excessiva luminosidade ambiente dilui homens e coisas numa interpenetração, num mestiçamento que não respeita nem o mais puro ariano. Os corpos, os volumes, as consciências se dissolvem numa promiscuidade integral, desonesta. E o suor, numa lufa-lufa de lenços ingênuos, cola, funde todas as parcelas desintegradas dos seres numa única verdade causticante: CALOR!

Estou me recordando dos outros grandes momentos de calor que já vivi... Três deles se gravaram pra sempre em minha vida, momentos sarapantados de infelicidade, desses que depois de vividos a gente sente certo orgulho em recordar. O mais conscienciosamente sofrido dos três foi numa errada de meio-dia, alto sertão da Paraíba, junto à Borborema. Íamos de auto e fazia já seguramente duas horas que não encontrávamos ninguém, na estrada incerta que tomáramos. O mundo era pedra só, do seixo ao rochedo erguido feito um menir, tudo pulverizado de cinza, sob a galharia sem folha das juremas sacrais. Sob elas, o deus-menino do Nordeste, Mestre Carlos, o “que aprendeu sem se ensinar”, adormecera pra sempre e se desencarnara, indo com mais amplitude fazer bem aos homens lá nos altos reinos. A hora aproximava do meio-dia, quando topamos a final com uma casa, algum “morador” de fazenda, com certeza. Chamamos por gente, e no fim de certo tempo apareceu, palavra de honra que tivemos a noção perfeita de que o homem era Jesus. Um sertanejo belíssimo, completamente igual ao Jesus de Guido Reni, ou das verônicas que se vende por aí. Ficamos estarecidos. Mas Jesus foi péssimo pra nós, a estrada que deveríamos tomar não era aquela não, mas a outra que fazia encruzilhada com a nossa, umas três horas de caminho atrás: era o pino do dia. Desde alta madrugada viajávamos assim, vindos do Açu, sem comer, recusando a água barrenta dos pousos, pois contávamos em breve almo-

çar e tirar um bom naco de conversa em Catolé do Rocha, espreitando os domínios do Suassuna. E agora só iríamos alcançar a cidadinha pela boca-da-noite, se Deus quisesse. Ah, ninguém não ouse imaginar o calor que principiou fazendo de repente! um calor de raiva, um calor de desespero e de uma sede pavorosa que a raiva inda esturricava mais. Esse foi o maior calor que nunca senti em vida, o calor dos danados, em que falei palavras-feias, pensei crimes e me desonrei lupulentamente.

De outra espécie, dolorido mas magnificientemente vicioso, foi o calor que aguentei no centro de Marajó, lago Arari. Entre as venturas da ilha, o verde inglês dos pastos, visita a búfalos e os sublimes pousos de aves, coisa de indescritível fantasmagoria, a nossa ingenuidade de turistas culminara de bom-humor com a vista do vilejo lacustre que bóia na boca do lago. Nos transportamos para os tempos neolíticos, descobrimos a cerâmica, polimos a pedra e várias outras conversas de fácil erudição. Depois decidimos dar um passeio no lago e tomarmos assim um gostinho das inatingíveis jazidas do Pacoval, que ficavam do outro lado e estariam submersas naquela época de cheia. Porém naqueles mundos amazônicos não tem água que não guarde traição: nem bem avançávamos uns quinhentos metros no lago, que a lancha estremeceu, mordendo fundo no areão invisível, parou. Depois de uns três esforços para nos safarmos do encalhe, o mestre percebeu que a coisa era grave e o melhor era mandar o único bote em busca de socorro. Imaginamos logo o que seria de tempo, descer num bote de remo todo o rio mole, arranjar socorro e o socorro chegar até junto de nós... O calor já vinha afastando com severidade as brisas matinais do lago e o céu era sem nuvens. Nem foi tanto questão de calor, foi mais questão de luz. Aos poucos uma luz imensa, penetrante, foi engolindo tudo. Já mal se enxergava o vilarejo lacus-

tre, as margens tinham desaparecido. O amarelado solar foi clareando impassível, foi se tornando cada vez mais branco, incomparavelmente branco, e o vilejo desapareceu também, imerso no algodão que escaldava. O azul do céu diluiu-se na alvura de fogo que as águas espelharam sem piedade, brancas, assombrosamente brancas. A primeira consciência de sofrimento que tive foi de estupor, não tem dúvida, espantado com aquela trágica massa de brancos luminosos em que tudo se engolfou tumultuariamente, num estardalhaço espalhafatoso de cataclisma. Não havia mais olhar que ousasse apenas entreabrir, mas as próprias pálpebras fechadas eram incompetentes para nos livrar da fatalidade da luz. O branco penetrava pelos poros, pelos ouvidos, pela boca, nada agressivo agora, nada impetuoso, mas certo, irrevogável, irrecorrível, alcançando os ossos, alcançando o cérebro que de repente como que parava, convulsamente branco também.

Hoje, às vezes, tenho desejo de sentir de novo a sensação medonha que sofri, tenho como que uma saudade daquele branco em fogo. Mas isso deve ser vício, pureza é que não é. Se escolheram o branco para simbolizar a pureza, deve ser mesmo porque a pureza é impossível de sustentar. Mas agora estou lembrando aqueles tapuios do vilejo lacustre, que lá viviam e ainda vivem, na convivência do assombro. Pois então mudemos a conclusão e convenhamos que até com a pureza há gentes que conseguem se acostumar.

Enfim a terceira lembrança de calor que guardo nos transporta a Iquitos, no Peru. Mas nesta, o calor não se colore de raiva nem de luz, nem de coisíssima nenhuma, é um calor só calor, e talvez por isso mesmo degradante e de pouco interesse experimental. Nós chegáramos à cidade (assim mais ou menos do tamanho de Moji das Cruzes) com a indumentária de célebres, recebidos com aparato e

o nobre presidente, de ponto em branco, no cais lutuante, para nos saudar. Fazia um calor de estafa, e depois de todo um cerimonial longo, e por aí uma centena de apresentações e consequentes apertos-de-mão, “muito prazer”, o presidente se retirou enquanto o secretário dele me advertia em segredo que dentro duma hora seríamos esperados em palácio, para retribuição oficial da visita oficial. Teríamos que vestir pelo menos um linho mais escanhado e o suor nascia como fonte, diluindo qualquer esperança de discrição. Me lembrei de tomar um banho frio, daquele frio relativo e sempre sujo, das águas barrentas do Amazonas. Mas quando principiou a cerimônia de enxugar o corpo é que se deu o acontecimento cruel: verifiquei apavorado que não havia nenhuma possibilidade de me enxugar. Nem bem enxugava de um lado, que o outro chovia em suores inesgotáveis, que calor! Foi então que sentei na cama da cabina e tive, palavra de honra, tive, aos trinta e muitos anos daquela existência seca, uma sensação degradante: vontade de chorar. Me nasceu uma vontade manhosa de chorar, de chamar por Mamãe, me esconder no seio dela e me queixar, me queixar muito, contar que não aguentava mais, que aquele calor estava insuportável, desgraçado, maldito! Enquanto ela docemente enxugaria as minhas lágrimas, murmurando: “Tenha paciência, meu filho, o calor é assim mesmo”... Se não chorei foi de vergonha dos espelhos. Porém jamais me percebi mais diminuído em mim, mais afastado das bonitas forças da dignidade.

O calor desmoraliza, desacredita o ser, lhe tira aquela integridade harmoniosa que permitiu aos suaves climas europeus suas bárbaras noções cristãs, sua moral sem sutileza, e suas forças brutamontes de criação. Que se tenha conseguido implantar, neste calor brasileiro, laivos bem visíveis da civilização europeia, me parece admirável de força e tenacidade. E talvez tolíce enorme... Melhormente

nos formaríamos talvez como chins ou indianos, de místico e vagarento pensar.

Tempo de dantes

Este é um caso brasileiro da terra potiguar.

No município de Penha suponhamos que Antônio de Oliveira Bretas era senhor de engenho, homem já de seus trinta e cinco anos, casado com dona Clotildes, já sabe: cabeça-chata atarracado, falando alto. Dona Clotildes chamava ele “seu Antônio” e ele respondia “a senhora”. A mana dela também morava no engenho que não era grande não, produção curta mas com uma aguardente famosa no bairro.

Na véspera de Ano Bom dançavam um pastoril muito preparado na vila da Boa Vista, ficada a umas três léguas do engenho, e dona Clotildes quis ver. Chamou a negrinha:

— Vá dizer a seu Antônio que eu quero que ele me leve na Boa Vista, ver o pastoril.

A negrinha foi.

— Fale pra dona Clotildes que não quero ir na Boa Vista hoje.

A negrinha foi e voltou falando que dona Clotildes mandava dizer que queria mesmo ir ver o pastoril. O senhor de engenho embrabeceu:

— Pois se ela quiser ir que vá sozinha! Levo ninguém não! Dona Clotildes teve raiva.

— Clotildes!... ôh Clotildes!...

Que Clotildes nada. O vestido caseiro estava sacudido na cama. Os sapatos caseiros por aí. Dona Clotildes tinha partido com a mana. Três de janeiro um vizinho portou

no engenho, chamou Antônio de Oliveira Bretas e deu o recado. Diz que dona Clotildes mandava pedir ao marido ir buscá-la, passado Reis.

— Foi sozinha! pois que venha sozinha! Vou buscar ninguém não!

E não foi mesmo. Dona Clotildes decerto achou desaforo aquilo e ficou esperando na vila. Um mês passou. Mas, e agora? O senhor de engenho careceu de ir na vila por amor duns negócios, ir lá?... Parecia por causa da mulher... Mandou um amigo. Dona Clotildes soube, se moeu de raiva: agora é que não voltava sem seu Antônio ir buscá-la!

Dois meses passaram, três... Passou um ano, passaram dois, meus amigos! No engenho, seu Antônio vivia sozinho, não mostrando tristeza.

Mas mandava limpar o quarto de casados sem que mudassem nada do lugar. O sapato direito sacudido no meio do quarto. O vestido caseiro dormindo de atravessado na cama aqueles anos inativos. E nove anos passaram.

Numa noite de lua dona Clotildes voltou. Antônio de Oliveira Bretas fumava na sala de entrada, conversando com o amigo que viera comprar aguardente. Este chegou na porta da casa, se calou de repente, aprumou a vista:

— Compadre!

— Eu?

— Homem, parece que é dona Clotildes que vem lá na estrada!...

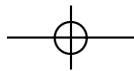
— Hum.

Era dona Clotildes com a mana. Apeou do cavalo e chegou na porta.

— Dá licença, seu Antônio?

— A senhora não carece de pedir licença nesta casa.

Não houve uma explicação, uma recriminação, nada. Dona Clotildes entrou, foi até o quarto. O vestido caseiro dela, aquele, meu Deus! faziam nove anos, estava até sacudido com raiva, de atravessado na cama. Os sapatos, mesma coisa, no chão, sem alinhamento. Quarto na mesma. Ar, na mesma. Nove anos passados. Dona Clotildes se trocou e, como estavam na hora da ceia, mandou a agora moça-feita da negrinha botar a mesa. Cearam. Vieram as palavras quotidianas, quer isto? quer aquilo? quero, não quero não, dormiram, se levantaram, etc.



Esquina

É chegado o momento de vos descrever minha esquina.

Eu moro exatamente na embocadura dum desses igarapés cariocas feitos de existências em geral apressadas —ruazinhas, vielas que, nascidas no enxurro do morro próximo, desembocam na famosa rua do Catete. Estranha altura este quarto andar em que vivo... Não é suficientemente alta para que a vida da esquina se afaste de mim, embelezada como os passados; mas não chega a ser bastante baixa pra que eu viva dessa mesma vida da rua e ela me marque com seu pó. Mas apesar dos quartos-andares e outras comodidades modernas que a cercam nos becos e praias próximas, a rua do Catete é ainda caracteristicamente uma rua a dois andares. O andar térreo, onde mascateia um comércio miúdo sem muitas ambições, e, tenham as casas três ou quatro andares, um só andar superior, onde se enlata no ar antigo, muitas vezes respirado, uma gentinha de aluguel.

Contemplando essa gente do segundo andar, me ponho imaginando a classe a que pertence. É um lento exército de infieis, que fazem todos os esforços pra não pertencer à classe operária. Mas é fácil verificar que não chegam a ser essa pequena burguesia que vive agarrada ao seu bem-bom e indiferente a tudo mais. Não. É uma casta de inclassificáveis, cuja forma essencial de vida é a instabilidade. Enorme parte dela é pessoal do biscate, que a audácia faz pegar qualquer serviço, qualquer. Ou são empregados baratos que insistem em bancar alturas, e só começam vivendo quando de noite, no sábado, se transfiguram na roupa cinza e no sa-

pato de praia, e vão por aí, feito gatos, buscando amor. Ou são costureirinhas, bordadeiras, chapeleiras que não trabalham na oficina, isso não! trabalham “particular”, menos vivendo do seu recato ou tradição renitente que da espera de algum príncipe que as eleve a frequentadoras de bar. Há também as famílias: pai cansado, cujo exclusivo sinal de vida é o cansaço, mãe desarranjada que dá pensão pra estudantes de fora e as crianças, muitas crianças, de dois até treze anos. Porque é uma coisa terrivelmente angustiosa esta do andar superior da rua do Catete: a quase completa ausência de adolescentes. Com a rara exceção de algum estudantinho pensionista, não se vê uma só garota, um só rapaz de quinze até vinte anos. Não sei se morrem, se fogem —em qualquer dos dois casos buscando vida melhor.

Instáveis no trabalho, instáveis na classe, estes seres são principalmente instáveis na moradia. É mesquinho, mas ninguém mora mais de três meses na mesma casa. As famílias, os sozinhos chegam e da mesma forma partem, quase mensalmente. Mas sem ruído, com humildade sorrateira, mudanças tão reles que não chegam sequer a colorir a existência da esquina. E o andar superior da rua do Catete se enfeita de barbantes em cuja ponta acenam papelões, fazendo o sinal do “Aluga-se”.

Minto. No meio de toda essa instabilidade, há um caso ativo que tem me preocupado até demais. Quase em frente da esquina, há uma casa de janelas fechadas. Desde que cheguei aqui, faz um ano e oito meses, essa casa viveu sempre assim. De primeiro imaginei que ninguém morasse ali, e o andar estivesse condenado pela Higiene, que ideia minha! Se a Higiene quisesse agir, creio condenaria toda a rua do Catete. A final, uma feita, era pela manhã, percebi que uma nesga tímida se abria numa das portas de sacada da tal casa. A nesga foi se abrindo com muita lentidão, e a final se aventurou pela abertura uma cabecinha de criança. Criou

coragem, entusiasmada com o dia, entrou todinha na sacada, chamou outra da mesma idade e graça, e ambas se debruçaram sobre a rua, olhando tudo, mostrando tudo. E de repente, esquecidas, principiaram soltando felizes risadas. Pela abertura, se percebia que a sala estava inteiramente despida, nenhum móvel. Então apareceu uma senhora que não olhou pra nada, nem inquieta parecia. Apenas deu uns petelecos nas crianças e fechou tudo outra vez. De vez em longe a cena se repete inalterável. As crianças conseguem abrir a porta e se debruçam, brincando de ver a esquina. Não dura muito, surge a senhora que não olha mundo, dá uns petelecos nas crianças e fecha tudo outra vez.

E há o caso do rapaz que se olhava nu, altas horas, num jogo de espelhos... E há o caso da gorda, o do paralítico a quem morreu a mulher que o tratava, o das duas irmãs, mas tenho que descer para o andar térreo. Na rua, quem vive são os operários. Este operariado do Catete, que mora por aqui mesmo, no fundo das casas, no oco dos quarteirões, nos vários cortiços que arriscam desembocar na própria rua. Muitos vivem de pé-no-chão, mesmo aqui, bem junto da sublime praça Paris. Não é gente triste, embora todos sejam de físico tristonho. O nível de vida é baixíssimo, só as mocinhas se disfarçam mais. Os outros, mesmo os jovens, mesmo os lusíadas resistentes, mostram sempre qualquer ombro tombado ou peito fundo, marca de imperfeição. Dêles a vida não é instável, pelo contrário. São sempre os mesmos e já os conheço a todos. Esta gente, passados os vinte-e-dois anos e o “ajuntamento” legal ou não, não se movimenta mais: são os homens que vêm até a esquina. De noite, após a janta, ou nos domingos de camisa limpa, eles têm que descansar e se divertir um bocado. Então vêm na esquina, se encostam nas árvores ou se ajuntam na porta dos botequins, conversandinho. Os bondes passam cheios do futebol que nos faz esquecer de nós mesmos. Mas estes

homens nem de futebol precisam. Só conseguem é vir até a esquina, reumáticos de miséria.

Mas o bom-humor brinca assim mesmo nas bocas, até em horas de trabalho, e a esquina é um espetáculo em que há qualquer coisa de desumano, de macabro até. Como é que este pessoal consegue conservar um bom-humor que pipoca em malícias e graças! Esta gente parece ter a levandade escandalosa do mar de praia que está próximo e se atreve a jogar banhistas quase nus até nesta esquina tão perfeitamente urbana. Mar também achanado, sem crista, de baixo nível de vida, este mar de porto... Nem ao seu parapeito podemos chegar em passeio, porque são tão numerosos os casais indiscretos quanto numerosíssimos os exércitos de baratas, baratinhas, baratões, num assanhamento de carnaval. E é monstruoso, é por completo inexplicável este amor entre baratas, coberto destas baratas que qualquer calorzinho põe doidas, avançam pelo bairro, cruzam lépidas a esquina, invadem o arranha-céu.

Gasto mais de metade do meu ordenado em venenos contra as baratas. Vivo sem elas, mas só eu sei o que isto me custa de energia moral. Altas horas, quando venho da noite, há sempre uma, duas baratas ávidas, me esperando. Se abro a porta incauto, perdido nos pensamentos insolúveis desta nossa condição, isso elas dão uma corridinha telegráfica, entram e tratam logo de esconder, inatingíveis. Eu sei que, feito de novo o escuro no apartamento, elas irão morrer se banquetecendo com os venenos que me custam a metade do ordenado. Mas me vem uma saudade melancólica dos meus ordenados inteiros, dos livros que não comprei, dos venenos com que não me banqueteei. Pra dar banquete às baratas. Às vezes eu me pergunto: por que não mudo desta esquina?... Mas sempre o meu pensamento indeciso se baralha, e não distingo bem se é esquina de rua, esquina de mundo. E por tudo, numa como noutra esquina, eu

ESQUINA

133

sinto baratas, baratas, exércitos de baratas comendo metade dos orçamentos humanos e só permitindo até o meio, o exercício da nossa humanidade. Não é tanto questão de mudança. Havemos de acabar com as baratas, primeiro.



Congresso Nacional de Língua Cantada

O que mais importa verificar a respeito do Congresso de Língua Nacional Cantada, realizado ultimamente em São Paulo, pelo Departamento de Cultura, é o seu espírito de iniciativa. Em várias manifestações o Congresso foi primeiro no Brasil, como início de trabalhos. Foi o primeiro congresso musical num país em que a música já alcançou esplêndida qualidade e tem numerosíssimos cultores. Desconfio mesmo que foi o primeiro da América do Sul.

Também foi este Congresso o primeiro na América do Sul a cuidar do estabelecimento de uma língua-padrão para as artes de dizer. Pouco importa seja ela adotada ou não. O que interessa em principal é verificar o início de uma ordem, dantes inexistente, de preocupações estéticas.

Por outro lado, desde os tempos da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, certos jornais denunciavam a necessidade urgente de se estabelecer a pronúncia cantada da língua nacional. A preocupação existia, pois, mas só agora, quase um século mais tarde, é que se fez o primeiro esforço organizado para conseguir tão grande elemento de progresso musical.

São estas primazias de máxima importância artística, que dão um impulso incontestável à música, às artes de dizer e ao canto em língua nacional.

Depois dos tempos imperiais em que a citada Academia levou em nossa língua óperas estrangeiras, e a Traviata se chamava Transviada, nunca mais grandes obras foram traduzidas e executadas aqui, que eu me lembre. Hoje,

com exceção da língua portuguesa, não há língua europeia universalizada em que não se cante Bach traduzido. O Congresso atirou-se justamente a uma das obras capitais do grande polifonista, e apresentou-lhe o *Actus Tragicus*, pela primeira vez em língua nacional.

Essa primeira tradução, eu sei, já está provocando imitações de enorme interesse, como seja, a da Ode à Alegria, de Schiller para execução da Nona Sinfonia de Beethoven, em língua nacional.

Dos trabalhos provocados pelo Congresso ou apresentados a ele, vários foram primeiros. Em primeiro lugar estão os registos, em 16 discos, das variantes regionais de pronúncia nacional, feitos pela Discoteca Pública, de colaboração com Manoel Bandeira e o prof. Antônio de Sá Pereira. Creio que esta pesquisa fonética é a primeira da América do Sul, tendo coincidido em data com outra idêntica, realizada na Alemanha.

Ainda primeiros no gênero, pelo menos no Brasil, são os mapas geográficos de variações linguísticas, apresentados pela Sociedade de Etnografia e Folclore. São ainda estes mapas, as primeiras manifestações de cartografia folclórica que se realizam entre nós.

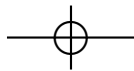
Os estudos sobre pronúncia nacional cantada e o problema do nasal brasileiro, apresentados pela Discoteca Pública tomando por base a discografia brasileira existente, são também os primeiros que se realizaram na América do Sul.

O trabalho de fonética experimental aplicada a vozes brasileiras, apresentado pelo prof. Roquette Pinto, também é o primeiro no gênero, entre nós.

Estas são as principais manifestações do espírito de iniciativa que caracterizou enormemente este Congresso. Outras houve, estudos fonéticos de pronúncia regionais

de vários Estados, estudos de musicologia sobre assuntos ainda não percebidos entre nós.

Não cabe nesta reportagem salientar a validade intrínseca desses trabalhos e tese. Isso me levaria longe e para dentro da crítica de que, graças a Deus, me afastei. Os Anais, já em vias de publicação, darão a todos o direito, excessivamente humano talvez, de ajuizar desse valor. Quis apenas, aqui, salientar a importância social que teve o Congresso rasgando um campo à iniciativa que, sob certos pontos de vista, música, artes de dizer, fonética, musicologia, folclore, pôs o Brasil, pela primeira vez, dentro de certas realidades das ciências e das artes, de que ele até agora estivera ausente.



Pintura nova

O veterano pintor Campofiorito, dispondo por algum tempo da sala de exposições da Associação dos Artistas Brasileiros, teve a boa ideia de convidar para apresentarem seus trabalhos, de parceria com os dele, alguns discípulos do pintor Portinari. Saliente-se de passagem a alta generosidade de um artista, suficientemente liberto de rivalidades, capaz de proporcionar a discípulos de outrem a ocasião de se mostrarem em público. Resultou de tudo isto uma exposição muito curiosa em que, a par da firmeza veterana de Campofiorito e sua esposa, apareceram três valores novos: o paulista Ruben Cassa, o carioca Aldary Toledo, e o italiano Enrico Bianco. Não quero profetizar nada, tanto mais que dois destes pintores, Ruben Cassa e Aldary Toledo já têm profissão definida e provavelmente continuarão pintando apenas nas horas vagas, sem aquela mais honesta fatalidade do profissionalismo, que obriga a mais profundas confidências; mas tenho a sensação muito nítida de que qualquer destes três artistas poderá alcançar honrosa posição em nossa pintura.

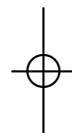
O mais inquieto deles é Ruben Cassa. É também dos três o que demonstra, por agora, não menos valor, mas maior indisciplina de personalidade. Apresenta-se por isso mais experimentador que os outros dois e mais sujeito a influências. Dos quatro óleos que mostra, dois revelam imediatamente a admiração do moço pelo seu mestre, com processos de composição e elementos de lirismo característicos de Portinari. Nas naturezas mortas, porém, já o

artista se apresenta mais pessoal e mais independente, embora uma delas, com bastante felicidade, se aproveite de certas colorações e processos de Vlaminck. O quarto trabalho, último em data e reproduzido nesta página, é já um trabalho de excelente qualidade. A segurança do desenho, a riqueza intensa do colorido se equilibram numa profunda harmonia e numa intimidade raras. Trata-se positivamente de um belo trabalho.

Aldary Toledo será por ventura dos três rapazes o melhor desenhista. Apresenta-se, fazendo valer a sua qualidade, com uma série de desenhos em preto e branco, em sanguino ou coloridos a pastel, e três óleos. Ótimos desenhos, de muita segurança de traço e dosagem do claro-escuro. Dão porém a impressão de muito academismo, por enquanto, belos incontestavelmente de fatura, mas pouco livres e impessoais. Mas há neste jovem artista uma natureza generosa muito sensível, que o faz entregar-se aos seus temas e modelos, conseguindo deles, certas vezes, muito caráter. Salientam-se a meu ver, na sua colaboração, a forte cabeça de Mestiço, brutal, vibrante de uma insensibilidade quase grotesca, ou pelo menos quase perversa e uma excelente paisagem com operários. Nesta, a uniformidade rítmica das figuras do primeiro plano, a claridade crua do conjunto, a gravidade quase trágica da composição formam um todo excelente, muito expressivo e muito seriamente belo.

Enrico Bianco é, dos três rapazes, o que me parece mais firme de sua técnica e orientação estética. Muito cuidadoso na fatura, chegando mesmo a carícias de um miniaturista, todos os seus trabalhos apresentam uma feição segura de acabamento. As suas obras nos dão, todas, uma impressão muito cômoda de facilidade, mas não creio que a facilidade seja um valor, nem mereça elogio. Pelo contrário, as mais das vezes é um escuso perigo, levando o artista a se en-

tregar a ela e esquecer-se de si e das graves exigências da arte. Com efeito, Enrico Bianco fica por vezes a dois milímetros apenas do decorativo. As linhas do seu desenho são tão afetivas, as suas cores isoladamente tão gostosas e suas combinações tão epidermicamente felizes, que todas as obras deste moço encantam logo à primeira vista. Enrico Bianco, se quiser, poderá a qualquer momento conhecer um largo sucesso público com os seus deliciosos retratos. Mas uma visão mais refletida e exigente saberá em pouco tempo distinguir o que é facilidade instintiva e o que é valor. Sinto a obrigação de confessar mesmo um certo temor pelo destino deste artista que em nenhum momento de sua vida deverá esquecer que o bonito é o maior inimigo do belo. Em todo o caso, Enrico Bianco apresenta, entre suas obras, um retrato de homem de uma matéria muito saborosa e construído com um carinho e uma honestidade verdadeiramente filiais. É que o jovem artista estava retratando seu pai, e talvez a incumbência que se dera de reproduzir na tela uma figura muito venerada, não tenha sido estranha à severidade e à profundidade desse ótimo quadro.



Obras novas de Cândido Portinari

Desde a conquista de um dos prêmios Carnegie, a obra do nosso pintor Cândido Portinari não cessou mais de preocupar a atenção de revistas e críticos norte-americanos. Ainda recentemente o sr. Rockwell Kent, sem dúvida alguma uma das mais acatadas autoridades americanas na crítica de artes plásticas, dava ao pintor brasileiro as provas mais desinteressadas e úteis da sua admiração. Em fevereiro passado, a revista Life mandava buscar obras de Portinari para reproduzi-las em policromia. Os quadros enviados, conforme carta recentíssima, causaram tamanho interesse, que de Nova York solicitaram os preços de todos eles.

Foi portanto escolha muito acertada a que fez o Comissariado brasileiro, encarregado de organizar o pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York, encomendando ao artista os três painéis que irão decorar o pavilhão. Foi assim que, interrompendo a feitura dos afrescos que está fazendo no edifício novo do Ministério da Educação, Cândido Portinari executou os três vastos painéis, inspirados na vida popular brasileira, que aqui se reproduzem.

Apaixonado como está atualmente pela pintura mural, o primeiro cuidado do pintor foi criar, por processos especiais de preparação da tela e escolha de tintas, um material que, sem imitar o afresco, apresentasse características idênticas de força, peso e monumentalidade. Conseguiu-o plenamente. As reproduções só muito vagamente podem dar a impressão da qualidade material destas obras novas do

pintor. A matéria se apresenta forte e áspera, epidérmica-mente arenosa, mas com uma profundidade dura, compacta, de uma intensidade dramática, um verdadeiro achado.

As pinturas se apresentam com aquela mesma grande liberdade de criação com que, já nos afrescos do Ministério da Educação, o pintor está criando as suas paredes, tomando quase que exclusivamente como ponto de referência os desenhos e cartões que para elas fizera. Esse é o processo que Cândido Portinari sistematizou atualmente para a criação das suas obras de grande tamanho. Estuda-lhes primeiro, com a maior paciência, a composição e os detalhes. Para os afrescos do Ministério, todas as figuras foram separadamente estudadas com verdadeira minúcia anatômica. Depois desses estudos longos, e que formam às vezes coleções esplêndidas de desenhos perfeitamente clássicos, Portinari como que faz tábua rasa de tudo quanto desenhou e compôs. Liberta-se de tudo e pinta livremente, sem se preocupar de perspectivas, sombras e realidades anatômicas. Às vezes, um detalhe de inspiração primeira, rápido, impressionista, ele o reproduz minuciosamente, conservando-lhe toda a rápida espontaneidade. Ora obedece, ora desobedece à perspectiva ou ao sistema das sombras. Pinta livremente enfim. Obras como estes painéis da Feira de Nova York são verdadeiros compêndios de composição pictórica, em que concorrem desde a figura anatomicamente clássica até a sombra voluntariamente errada. Com isto, embora empregando as três dimensões pela acentuação dos volumes, Portinari consegue uma unidade bidimensional impressionantemente exata, a superfície vibra sem o menor enfraquecimento. Por outro lado, como é fácil de observar pelas fotografias, usando sempre a perspectiva pela gradação de tamanho das figuras, o pintor recusa a fuga dos chãos, e compõe os planos de base em que se apoiam as

figuras, estritamente dentro de duas dimensões, por meio de massas mais claras centralizadoras da composição.

O que é extraordinário é, dentro dos seus princípios e pintando sempre com vagar, o pintor conservar intacta a impressão de impetuosidade criadora e de entusiasmo lírico que as suas obras atuais nos dão. Nada é frio nestas obras novas, tudo arde vigorosamente, dentro da composição mais segura, conservando um ar de improviso, de movimento, de vida, que nos faz lembrar Rubens e o Greco. O painel da jangada, principalmente, é de um lirismo, de uma beleza de colorido e de formas, que lhes dão uma qualidade rara.

E a tudo isto deveremos ajuntar os dons de caracterização destas obras. São quadros que só poderiam ser concebidos por alguém profundamente brasileiro. Não apenas os costumes, tudo é nosso, o ar, o cheiro, o clima destes painéis. Aquela tradição que Almeida Junior quis abrir, só agora parece retomada por este pintor, que em vez de perder tempo em buscar a cor do nosso céu, está verdadeiramente fazendo obra de sentimento nacional.



A exposição Machado de Assis

Realmente o centenário de Machado de Assis deu lugar a uma das mais significativas manifestações de coesão nacional de que se tem notícia. Ninguém poderia supor, no início do ano, que a figura do genial criador do Brás Cubas comovesse tanto a alma nacional, mas a intelectualidade toda do país cerrou fileiras em torno do morto. E o mais admirável, o que demonstra realmente que a inteligência brasileira está em profundo adiantamento cultural e social, é que as manifestações quase todas, com exceção evidentemente das acadêmicas e de algumas oficiais, nada têm de apologéticas e patrioticamente servis. É um culto esclarecido, em que o carinho, a atenção ambiciosa em torno de qualquer gesto ou obra de Machado de Assis, não exclui a clarividência de julgamento, as censuras a certas atitudes sociais ou filosóficas do grande humorista, e restrições à obra dele.

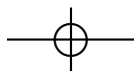
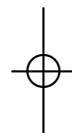
A própria Exposição Machado de Assis, organizada oficialmente sob a direção do jovem Instituto Nacional do Livro, com a colaboração da Biblioteca Nacional, que lhe emprestou local e documentos, é uma exposição de caráter crítico, o que pela primeira vez se faz no Brasil. Aliás, sob vários pontos de vista ela é uma novidade entre nós. Planejada conjuntamente por Augusto Meyer, um dos mais argutos críticos de Machado de Assis, e pelo arquiteto Oscar Niemeyer, ela é de uma nobre expressão. A beleza das cores dos painéis e sua sóbria decoração, a escolha dos documentos mais característicos e raros, a sugestividade das

suas divisões e das fotografias apresentadas, a comodidade do olhar e da compreensão imediata, bem como a transformação quase miraculosa de um recinto imprestável, tornam esta exposição uma réussite completa.

Convertido o saguão da Biblioteca mais ou menos num recinto circular, este se divide em gomos, cada qual correspondente a uma seção do conjunto. Estas seções se referem à “Infância” de Machado de Assis, à sua “Formação”, “Vida íntima”, “Maturidade”, “Crepúsculo”, “Consagração” e “Obra”. Na parte da infância, vemos o registro de batismo, o croqui da Chácara do Livramento com o desenho da capela em que o escritor foi batizado, além de várias fotografias desse morro do Livramento, que o próprio clássico evocou, muito mais tarde, na sua frase: “caçar ninhos de pássaros ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar à toa”. Este painel é reproduzido aqui por uma das fotografias. Ainda mais feliz e evocativo é o painel seguinte, “Formação”, também reproduzido numa das fotografias deste suplemento. É o período em que o mestre se ensaia nas letras. Além da documentação original, contida na mesa vidrada, vemos na parede as reproduções ampliadas, dos primeiros amigos e mentores do escritor, Paula Brito, Manoel Antônio de Almeida, José de Alencar, Francisco Otaviano, Bocaiúva, Faustino Xavier de Novaes, a quem ele dedicaria um dos seus poemas mais admiráveis, além dos jornais em que colaborou no tempo, em especial a Marmota Fluminense. Quanto à “Vida íntima” quase nada. O gênio que detestava os derramados, nos deixou muito pouco do que foi no lar. Ele mesmo afirmava que “a descrição da vida não vale a sensação da vida”. Um belo retrato de Carolina, no tempo em que se casou com o poeta em 1869, outro do Machado de Assis dessa mesma época, e numa redoma, o seu tinteiro, a caneta, o “pince-nez”. Chegamos então à maturidade. Uma

vista do Ministério da Viação de que ele foi funcionário até morrer, uma admirável evocação da Academia que ele fundou e de que se tornou o protótipo (nas coisas boas...). O fac-símile da primeira página das Memórias Póstumas de Brás Cubas, e frontispícios de jornais em que colaborou então, A Gazeta de Notícias, A Estação.

No “Crepúsculo”, vemos Machado de Assis cultuado em vida e feliz. Um delicioso retrato de Carolina já grisalha, outro do clássico, o ramo do carvalho de Tasso, e a horrível máscara mortuária que nos enche de pavor. Qualquer coisa de um mico inchado que se risse. Um derradeiro traço de humorismo. Mas este foi a morte quem fez... Na “Consagração”, coisas mais frágeis, a se excetuar os livros até agora escritos sobre Machado de Assis. Algumas das traduções de obras dele para o francês e o italiano, e a pavorosa estátua que, além de outros defeitos de feia, entope a deliciosa fachada do Petit Trianon. E enfim a parte mais audaciosa da exposição, em que os organizadores dela tomam uma atitude exclusivamente crítica, e se reproduz aqui. Aí vêm de qualquer forma evocados os gênios que mais influenciaram a formação técnica e espiritual do nosso gênio literário, Camões, Frei Luiz de Souza, Garrett, Pascal, o Eclesiastes, Daniel Sterne, além das obras do nosso mestre principal. E talvez em contradição com alguns desses nomes evocados, vem ainda a frase de Machado de Assis, dizendo que “de todas as coisas humanas, a única que tem o seu fim em si mesma é a arte”. Essa arte pela qual ele tudo sacrificou, até o equilíbrio da sua humanidade...



Eros Volúsia

O caso da bailarina Eros Volúsia é de enorme interesse. Filha de Gilka Machado, Eros Volúsia traz nos músculos e no sangue aquele mesmo grito, aquele mesmo ímpeto de um Eros singularmente dionisiaco, que deu à poetisa os mais ardentes versos femininos de nossa língua. Mas Eros Volúsia não baila sobre ritmos verbais, como a sua ilustre mãe, e poderemos dizer que felizmente, pois é lei quase sem exceções, na hereditariedade artística, que filho de peixe não sabe nadar. Eros Volúsia preferiu os ritmos plásticos, e é uma bailarina verdadeira, que tem a sua dança naquela mesma necessidade mística do gesto imitativo pela qual, no dizer de alguns etnógrafos, o baile foi a primeira expressão estética dos homens sobre a terra. Para Eros Volúsia, dança e religião se confundem; e deve ser por isso, talvez, que em todas as suas criações, pelo menos as que já vi, ela vai num graduando de exaltação admirável e atinge sempre verdadeiros estados de possessão mística, verdadeiros paroxismos frenéticos em que, sem perder o equilíbrio e o controle artístico, ela alcança uma expressão viva de realidade.

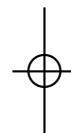
Respeitosa de sua arte, Eros Volúsia aprendeu o baile clássico, e faz questão de mostrar que o conhece, como na visão “Ânsia de Azul” que nos deu no seu último espetáculo do Teatro Ginástico. Acho que a artista fez bem estudando os recursos do baile clássico e que o deve praticar sempre em seu treinamento pessoal. Não tenho a impressão porém que deva insistir nele nas suas apresentações públicas,

porque é inútil a gente fantasiar-se daquilo que não é, a imitação transparece, e através dos esforços a gente se dispersa na monotonia dos pastiches.

Porque Eros Volúcia é essencialmente uma bailarina brasileira, uma expressão nacional de bailado, e este é o seu grande mérito, que ninguém lhe poderá mais tirar. Foi ela a primeira a tentar sistematicamente a utilização artística da nossa mímica coreográfica popular, e a transpor sambas, maxixes, maracatus, danças místicas de candomblé, e até mesmo ameríndias para o plano da coreografia erudita. E é incontestável que o faz com muita inteligência. Algumas das suas criações são deliciosas de espírito, ricas de ritmos plásticos inéditos no bailado teatral, e de um sabor brasileiro marcado.

Suas danças ameríndias foram aliás as que menos me impressionaram, mas força é confessar que o problema aqui era difícilimo. Além da artista só ter podido colher pessoalmente pequena documentação, e esta ainda ser muito fraca através das descrições dos viajantes e da cinematografia, a dança ameríndia, não tendo jamais passado do plano interessado para o da coreografia pura, não fornece dose suficiente de caráter e de elementos transponíveis para o domínio da virtuosidade. É nos batuques, na interpretação dos passos e mímicas do antigo maxixe ou do atual frevo, nas movimentações místicas das macumbas cariocas ou dos maracatus pernambucanos que a artista se toma positivamente de maior interesse e verdadeiro espírito criador. Ora a vemos evocando o antigo Lundu, numa graça mestiça que lembra delicadamente os desenhos de Rugendas e Debret. Ora no terreiro de Umbanda, aos chamados do pai de santo o espírito de Xangô, deus do raio e do fogo, desce sobre ela, e Eros samba com verdadeiro esplendor muscular, em pinchos e meneios de um frenesi endemoninhado. Ora ela se converte na Dama do Passo, dos maracatus, car-

regando a Calunga, a boneca inspiratriz, e o rito lento se move com volúpias de êxtase, interrompidos por quedas bruscas de braços, numa primaridade tão negra, tão impressionantemente grave, que se desdobram em beleza aos nossos olhos, expressões que nos atiram para as formas larvares, iniciais da vida. Eros Volúsia está agora no dever de criar escola, para que a chama, o destino que ela traz consigo transborde de sua própria vida, formando uma tradição que nos será fecunda.



Será o Benedito!

A primeira vez que me encontrei com Benedito, foi no dia mesmo da minha chegada na Fazenda Larga, que tirava o nome das suas enormes pastagens. O negrinho era quase só pernas, nos seus treze anos de carreiras livres pelo campo, e enquanto eu conversava com os campeiros, ficara ali, de lado, imóvel, me olhando com admiração. Achando graça nele, de repente o encarei fixamente, voltando-me para o lado em que ele se guardava do excesso de minha presença. Isso, Benedito estremeceu, ainda quis me olhar, mas não pôde aguentar a comoção. Mistura de malícia e de entusiasmo no olhar, ainda levou a mão à boca, na esperança talvez de esconder as palavras que lhe escapavam sem querer:

— O hñme da cidade, chi!...

Deu uma risada quase hist3rica, estalada insopitavelmente dos seus sonhos insatisfeitos, desatou a correr pelo caminho, macaco-aranha, num mexe-mexe aflito de pernas, seis, oito pernas, nem sei quantas, at3 desaparecer por detras das mangueiras grossas do pomar.

Nos primeiros dias Benedito fugiu de mim. S3 l3 pelas horas da tarde, quando eu me deixava ficar na varanda da casa-grande, gozando essa tristeza sem motivo das nossas tardes paulistas, o negrinho trepava na cerca do mangueir3o que defrontava o terraço, uns trinta passos al3m, e ficava, s3 pernas, me olhando sempre, decorando os meus gestos, 3s vezes sorrindo para mim. Uma feita, em que eu me esforçava por prender a r3dea do meu cavalo numa das

argolas do manguairão com o laço tradicional, o negrinho saiu não sei de onde, me olhou nas minhas ignorâncias de praceano, e não se conteve:

— Mas será o Benedito! Não é assim, moço!

Pegou na rédea e deu o laço com uma presteza serelepe. Depois me olhou irônico e superior. Pedi para ele me ensinar o laço, fabriquei um desajeitamento muito grande, e assim principiou uma camaradagem que durou meu mês de férias.

Pouco aprendi com o Benedito, embora ele fosse muito sabido das coisas rurais. O que guardei mais dele foi essa curiosa exclamação, “Será o Benedito!”, com que ele arrematava todas as suas surpresas diante do que eu lhe contava da cidade. Porque o negrinho não me deixava aprender com ele, ele é que aprendia comigo todas as coisas da cidade, a cidade que era a única obsessão da sua vida. Tamanho entusiasmo, tamanho ardor ele punha em devorar meus contos, que às vezes eu me surpreendia exagerando um bocado, para não dizer que mentindo. Então eu me envergonhava de mim, voltava às mais perfeitas realidades, e metia a boca na cidade, mostrava o quanto ela era ruim e devorava os homens. “Qual, Benedito, a cidade não presta, não. E depois tem a tuberculose que...”

— O que é isso?...

— É uma doença, Benedito, uma doença horrível, que vai comendo o peito da gente por dentro, a gente não pode mais respirar e morre em três tempos.

— Será o Benedito...

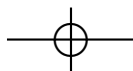
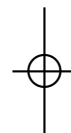
E ele recuava um pouco, talvez imaginando que eu fosse a própria tuberculose que o ia matar. Mas logo se esquecia da tuberculose, só alguns minutos de mutismo e melancolia, e voltava a perguntar coisas sobre os arranha-céus, os chauffeurs (queria ser chauffeur...), os cantores de rádio (queria ser cantor de rádio...), e o presidente da República

(não sei se queria ser presidente da República). Em troca disso, Benedito me mostrava os dentes do seu riso extasiado, uns dentes escandalosos, grandes e perfeitos, onde as violentas nuvens de setembro se refletiam, numa brancura sem par.

Nas vésperas de minha partida, Benedito veio numa corrida e me pôs nas mãos um chumaço de papéis velhos. Eram cartões postais usados, recortes de jornais, tudo fotografias de São Paulo e do Rio, que ele colecionava. Pela sujeira e amassado em que estavam, era fácil perceber que aquelas imagens eram a única Bíblia, a exclusiva cartilha do negrinho. Então ele me pediu que o levasse comigo para a enorme cidade. Lembrei-lhe os pais, não se amolou; lembrei-lhe as brincadeiras livres da roça, não se amolou; lembrei-lhe a tuberculose, ficou muito sério. Ele que reparasse, era forte mas magrinho e a tuberculose se metia principalmente com os meninos magrinhos. Ele precisava ficar no campo, que assim a tuberculose não o mataria. Benedito pensou, pensou. Murmurou muito baixinho:

— Morrer não quero, não sinhô... Eu fico.

E seus olhos enevoados numa profunda melancolia se estenderam pelo plano aberto dos pastos, foram dizer um adeus à cidade invisível, lá longe, com seus “chauffeurs”, seus cantores de rádio, e o presidente da República. Desistiu da cidade e eu parti. Uns quinze dias depois, na obrigatória carta de resposta à minha obrigatória carta de agradecimentos, o dono da fazenda me contava que Benedito tinha morrido de um coice de burro bravo que o pegara pela nuca. Não pude me conter: “Mas será o Benedito!”... E é o remorso comovido que me faz celebrá-lo aqui.



Fantasia de um poeta

Leitor, ouve este conselho: se jamais fizeste fotomontagens, nunca te metas neste processo novo de criação lírica. Ou de brincadeiras, se quiseres. É tão empolgante, que em pouco tempo vira vício mais pegajoso que outro qualquer, perderás tempo e dinheiro, brigarás com a esposa, discutirás com os filhos, etc. Pior que futebol ou religião. É a coisa mais apaixonante do século.

A fotomontagem parece brincadeira, a princípio. Consiste apenas na gente se munir de um bom número de revistas e livros com fotografias, recortar figuras, e reorganizá-las numa composição nova, que a gente fotografa ou manda fotografar. A princípio as criações nascem bissonhas, mecânicas e mal inventadas. Mas aos poucos o espírito começa a trabalhar com maior facilidade, a imaginação criadora apanha com rapidez, na coleção das fotografias recortadas, os documentos capazes de se coordenar num todo fantástico e sugestivo. Os problemas técnicos da luminosidade são facilmente resolvidos, e, com imensa felicidade, percebemos que, em vez de uma pura brincadeira de Passatempo, estamos diante de uma verdadeira arte, de um meio novo de expressão!

Porque esta é a realidade mais inesperada e fecunda: a fotomontagem é um processo de expressão lírica. As nossas tendências mais recônditas, nossos instintos e desejos recalçados, nossos ideais, nossa cultura, tudo se revela nas fotomontagens. E é mesmo natural que seja assim. Dentro de uma centena de imagens recortadas, que estejam à

nossa disposição, dois temperamentos diversos fatalmente escolherão as imagens que lhes são mais gratas, descobrirão combinações diferentes, movidos pelas suas verdades e instintos. E assim, os principais criadores de fotomontagens se distinguem facilmente; as suas personalidades divergem e se tornam tão características como as de um poeta ou de um pintor. Entre um criador de monstros inimagináveis como Salvador Dali e um sereno e construtivo Jean Hugo, a distância psicológica é muito grande.

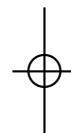
Esta página apresenta algumas fotomontagens do poeta Jorge de Lima. Talvez não seja grande elogio afirmar que o poeta da “Negra Fulô” é o maior criador de fotomontagens que temos no Brasil. Porque estes ainda são tão poucos que não é grande mérito ser o maior deles. Mas a meu ver, Jorge de Lima, que há muito tempo se dedica à fotomontagem, já chegou a tal habilidade técnica e possibilidades expressivas, que pode sofrer perfeitamente comparação com outros artistas célebres, que as revistas estrangeiras nos mostram.

As composições fotográficas que apresento nesta página me parecem admiráveis. O temperamento místico e profundamente compassivo do poeta está perfeitamente expresso na mais simples destas fotomontagens, a religiosa. Realmente nada mais sugestivo e impressionante que na aridez trágica desses morros pedrentos, a aparição assombrada, o grito prodigiosamente sofrido do Crucificado. Não se sabe se Ele vai surgindo em seu martírio ou se vai desaparecendo da terra, como se desaparecesse da memória dos homens... Mas não quero estar fazendo sonhos e imaginações por mim. Deixo ao leitor que contemple essa criação tão dramática, a liberdade de imaginar por si mesmo.

A fotomontagem da mulher dormindo é uma das invenções mais encantadoras de Jorge de Lima. Porém, dentre as composições aqui reveladas, a que me parece mais perfeita é a da piscina. Nesta, não apenas a força inventiva do poeta

é notável, pela concatenação e o inesperado dos elementos, e o lindo (desculpem...) e moderníssimo monstro do primeiro plano, mas o conjunto assume um valor artístico muito bem conseguido como distribuição da luz. Porque a fotomontagem não deve ser apenas uma variedade de poesia sobre-realista, que, por princípio mesmo, não se sujeita a nenhum controle estético; é uma arte da luz, como a fotografia, o cinema e a pirotécnica. E realmente nesta fotomontagem a tonalidade geral tão macia da composição, os ritmos criados pelos jatos luminosos são tão serenos e equilibrados, que é uma verdadeira delícia contemplar essa fotografia.

A fotomontagem é uma espécie de introdução à arte moderna. Ainda há muita gente que não sabe olhar um quadro de Picasso ou um desenho aguarelado de Flávio de Carvalho. Mas toda pessoa que se mete a fazer fotomontagens, em pouco tempo fica perfeitamente habilitada a entender certas doutrinas artísticas da atualidade e a distinguir o que há de valor técnico em um quadro cubista e o que há de sugestividade psicológica e sonhadora no Sobre-realismo. Neste sentido, é bem possível que a moda atual da fotomontagem, que está se espalhando com quase tanta rapidez como a das palavras cruzadas, ainda venha a ser uma força de importância para a cultura artística da atualidade.



O homem que se achou

Pelo número de dezembro da *Revista do Brasil*, na sua crônica sobre cinema, a romancista Raquel de Queiroz, comentando a miséria do cinema brasileiro, pedia que se desse ao sr. Jorge de Castro “uma máquina e liberdade”, afirmando que este artista faria certamente belas coisas. A autora das Três Marias estava, com muita razão, entusiasmada com a exposição que em novembro último esse moço realizou no salão do Palace Hotel, aqui no Rio. Pois o sr. Jorge de Castro é o homem que se achou, desta crônica. Andou algum tempo, de Seca em Meca, pelas artes plásticas, ora se dedicando ao desenho, ora avançando pintura adentro, até que um dia encontrou o meio de expressão em que podia revelar a sua sensibilidade artística. Era ainda um processo a duas cores, porém ao mesmo tempo, ainda mais realístico e ainda mais fantasmagórico que o desenho: era a fotografia. A sua exposição recente foi de fato interessantíssima. Porém, preliminarmente, neste mundo torvo das artes em que são tão numerosos os destinos errados e os seres que jamais se encontram a si mesmos, vale que nos alegremos agora por mais um artista que se achou.

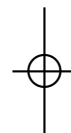
Se eu disse atrás que a fotografia era uma arte ainda mais realística e mais fantasmagórica que o desenho, foi aliás muito de propósito para ressaltar as duas qualidades mais características das fotografias do sr. Jorge de Castro. Na sua exposição figuravam uma série de retratos de intelectuais brasileiros, paisagens e fotografias “de gênero”, para me utilizar da terminologia da pintura. Não estranhei

não aparecerem nela nem naturezas-mortas, nem puros jogos de luz, nem ainda fotos de criação super-realista. A natureza-morta fotográfica, sem ser propriamente um erro, tende a roubar da pintura os seus princípios de composição e equilíbrio, que são naturalmente impostos pelo retângulo da tela, e que se reforçam nas exigências da multiplicidade dispersiva das cores. São frequentíssimas as naturezas-mortas fotográficas que mais se assemelham a fotografias de quadros.

Ora, a fotografia é antes de mais nada um fato de luz; e apanha, a bem dizer, campos ilimitados. Se é certo que também pelo processo fotográfico podemos inventar livremente, provocando manifestações de luz de nossa arbitrária invenção, creio que ninguém negará ser destino essencial da fotografia, ser a sua fecundidade, ser a sua mensagem infatigável, registrar a realidade enquanto luz. Deus me livre negar a beleza de certas composições fotográficas abstratas ou super-realistas de alguns artistas nossos contemporâneos, nem muito menos negar o direito de criar manifestações luminosas desses gêneros; apenas reconheço que estas manifestações fatigam facilmente, desprovidas da sugestividade da cor, ou confundidas com manifestações pictóricas... fotografadas.

Por outro lado, aquilo em que a fotografia artística se eleva sobre a puramente documental, reside não na máquina ou na luz, como imaginam confusionistamente os manipuladores de truques fotográficos ou os fotografadores de eternos crepúsculos românticos, mas na criação humana do artista. Enfim: há que ter esse dom especial de apanhar “a poesia do real”, como disse muito bem o desenhista Santa Rosa, justamente a propósito das fotografias do sr. Jorge de Castro: “Procurando na aparência dos objetos e dos seres o seu momento de transfiguração poética, o artista vai registrando, ora um ramo que o vento verga,

ora a superfície rugada de um velho muro, ou a dura face de um homem”. Nisso está a característica do sr. Jorge de Castro. Fundamentalmente realista, amando as visões da vida, ele as interpreta, porém, captando o momento e o ângulo rico, ou compondo o ambiente em que a realidade capitula diante da luz e se converte numa expressão sugestiva e bela. Os quatro admiráveis retratos que ornaram esta página são exemplos característicos da arte fotográfica do sr. Jorge de Castro.



Moringas de barro

Às vezes o progresso vai engulindo as tradições, sem as substituir por qualquer melhoria sensível, é uma pena... Veja-se o que está sucedendo com as nossas deliciosas moringas de barro populares. Quem quer contemple os quatro documentos apresentados nesta página verificará a verdade desta observação.

Uma das manifestações do barro cozido, no Brasil, são as moringas com forma de mulher. É uma tradição das mais graciosas, que daria lugar para algumas sedentas considerações de psicanálise, não me preocupassem agora aspectos de outra ordem, desta arte secular.

Ela se estende por quase todo o Brasil. Além dos dois exemplares aqui expostos, o da mulher de chapéu oriundo do Paraná e o da sem-chapéu (este era representado pela tampa) manipulado por mãos caipiras do município de Araraquara, ainda conheço outros documentos nordestinos, pertencentes à coleção do pintor e arquiteto de jardins, Roberto Burle Marx.

A manufatura popular destas moringas antropomorfas ainda permanece entre nós, mas tende a desaparecer com a invasão das feiras rurais pela pequena indústria, ainda popular ou, pelo menos, popularesca e de caráter utilitaristamente urbano, das moringas de forma simples, posteriormente enfeitadas com pinturas. Desta espécie são os outros dois documentos apresentados. Um deles ainda é um excelente exemplar, bastante erudito, dos tempos da monarquia. Mas o outro é um exemplar feiosíssimo do “progresso” in-

dustrial moderno. O seu valor é apenas iconográfico, por pertencer ele àquela aluvião de objetos populares enfeitados com a extinta bandeira estadual, surgidos durante e logo após a revolução de 32.

A diferença de princípio conceutivo entre estas moringas enfeitadas e as esculpidas é facilmente perceptível. Nestas últimas a invenção artística implica a própria forma útil do objeto, com ela se identificando. É um princípio esteticamente bem mais perfeito em que arte e utilidade se confundem na concepção mesma do objeto. Já nas duas outras “quartinhas”, a arte é uma superfetação, senão de todo defeituosa e desaconselhável, pelo menos abusivamente retardatária, movida pelo exclusivo instinto de atrair. E creio que nessa manifestação ainda e sempre de luta pela vida e vitória do mais forte que a arte humana também é, há necessidades e interesses mais profundos e graves que a duvidosa vitória do mais enfeitado. E então no caso da moringa de 32, o enfeite é tão esteticamente falsário que nem sequer se orienta pelas formas do objeto.

Os que amam, como eu, as criações do povo, pelo que elas guardam de intensa humanidade e achados de beleza, são todos mais ou menos desafetos do progresso. Realmente, o progresso por muitos lados é uma coisa antipática e ilusória que se mete em tudo e tudo muda, sem muitas vezes dirigir o homem para o aperfeiçoamento de si mesmo ou da vida. Não é possível a gente ser contra o progresso, não seria razoável semelhante generalização. Mas antipatizar com ele, olhá-lo com desconfiança ou, pelo menos, lhe guardar rancor por tudo quanto ele deturpa nas formas da vida, é quase um instinto nos que amam verdadeiramente o povo, e o veem roubado, pelo progresso, dos seus direitos de artista.

Uma capela de Portinari

Na residência de sua família em Brodowski, Cândido Portinari acaba de pintar uma capela. O ambiente é pequenino e discreto, apenas uma sala de proporções modestas, mas nela o grande artista criou uma das suas mais importantes obras murais.

Ainda não se poderá dizer completamente terminada a capela, pois o pintor ainda pretende lhe decorar a parede da porta de entrada que defronta o altar. Talvez mesmo ainda lhe introduza algumas modificações arquitetônicas pelo que me disse, no sentido de alongá-la e conseguir melhor iluminação natural. Como está, além dos elementos meramente decorativos, como os deliciosos vasos de flores enfeitando as colunas onde se erguem as duas interessantes imagens em gesso e cimento, esculpidas por um dos irmãos do artista, Loi Portinari, a decoração atual consta de doze figuras de santos em tamanho natural. Tamanho natural dos homens, entenda-se, que não sei que grandeza física possam ter os santos celestiais.

O processo de pintura usado é à têmpera e é difícil explicar por palavras todo o partido e variedade de efeitos que o artista obteve. Há coloridos de uma intensidade prodigiosa, especialmente certos azuis, cor, aliás, em que Portinari sempre foi mestre. Mas o Ultramar da pintura a cola, combinado às vezes com o azul-pavão, lhe deu toda uma escala nova de azuis. O manto da Senhora, no grupo da Sagrada Família, é de uma beleza esplêndida de colorido, de um ardor inesperado, assim como o vestido de Maria na

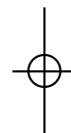
Visita a Santa Isabel, já agora aproveitando a frieza da cor, e dentro da qual, nas gradações para o branco das ondulações do pano, o artista conseguiu uma delicadeza de modelado de grande habilidade técnica. Aliás, também os rostos das duas figuras da Visita, depois das modificações que Portinari lhes fez, se não serão dos mais místicos, ficaram magníficos pela sutileza e a graça do tratamento. Ainda como colorido ficam inesquecíveis os pardos profundos obtidos com vigor para os buréis do Santo Antônio e o São Francisco de Assis. Neste, aquela voz brasileira tão irreprimível no artista deixou escapar o pio vermelho de um cardeal, pousado na mão do santo.

Mas talvez o verdadeiro milagre de colorido está no branco com que Portinari vestiu completamente o seu São Pedro — um branco de uma audácia lancinante, de pompa magnífica, de uma invenção verdadeiramente divinatória pela grandiosidade papal que outorga ao santo. Poucas vezes o nosso grande artista terá ultrapassado a força extraordinária com que realizou este São Pedro. Um São Pedro brutal, enérgico, bem pescador no corpo, barba desleixada, rosto, mãos e pés ásperos, mas de olhar severo e duro, trabalhado de rugas e preocupações. Chega a ser bastante difícil ao noticiário não fazer um pouco de... literatura sobre criações tão expressivas como este São Pedro e o Cristo. Se a beleza da pintura é admirável, não menos admirável é a expressividade que o artista imprimiu a essas figuras. Como firmeza de desenho, o São Pedro alcança aquela nobre melodia de um Nuno Gonçalves, de um Van Eyck, enquanto o Cristo, tratado mais evasivamente no traço, pela riqueza dos entretons mais delicados entre o marfim do rosto e o louro dos cabelos, é de uma efusividade mística impressionante.

E é preciso não esquecer a Santa Luzia. Será o preito inconsciente do artista aos seus olhos de pintor... É a glo-

rificação da beleza física e há que nos transportarmos à Itália renascentista para encontrar santas assim tão belas. Os roxos, os amarelos, os encarnados e azuis da roupagem, o rosto colorido de saúde, os grandes olhos negros são uma festa luminosa em que o artista exprimiu toda a sua felicidade de colorista. E tudo sem desperdício, com aquela lógica cromática, aquela energia impositiva dos afresquistas italianos.

Não estou fazendo exatamente uma crítica, não falei do São João e do Santo Antônio encantadores, nem detalhei a realização técnica da Sagrada Família e do São Francisco, que me pareceram um pouco desenhados em oposição ao tratamento mais de pintura, mais livre de traços de limite das outras figuras. Mas quis dar imediatamente notícia desta nova criação do nosso maior pintor. É certo que se estivéssemos num país de cultura estética mais desenvolvida, Brodowski se tomaria imediatamente lugar de turismo e romaria de artistas.



SPHAN

A 6ª Região, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que é a de São Paulo, apresentou alguns dos seus trabalhos, na exposição nacional aberta agora no Parque Antártica. É um alívio entrar-se no pavilhão arejado, onde tudo se expõe com bom gosto e clareza.

Pela exposição é possível seguir os trabalhos principais executados pela 6ª Região. Alguns deles são especialmente importantes, como as restaurações de Embu e São Miguel, os trabalhos preparatórios para restaurar o sítio de Santo Antônio, bem como o arrolamento geral de arquitetura militar, civil e eclesiástica, e ainda de escultura e pintura religiosas.

Embu e São Miguel são obras já terminadas. Não é possível, numa simples notícia, descrever o enorme e delicadíssimo trabalho que implicam empreitadas como estas. O restaurador, além das pesquisas e da forte capacidade técnica, é obrigado a auscultar cada pedra, cada muro, cada reverso de calça caída, para descobrir o segredo de um passado mais antigo, que a impiedade de reformas apenas utilitárias deformou. De fato, em São Miguel como em Embu, houve transformações muito grandes, só devidas a essa perquirição infatigável. Embu, graças a um documento descoberto num fundo de gaveta caipira, pôde recompor a sua torre. Perdeu aquele ar desconexo de chapéu de palha, que abobalhava a sua fachada, readquirindo uma graça, uma humildade macia, que o branco da cal e o azul intenso de janelas e portas ainda fazem mais encantadora. Quanto

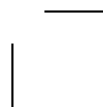
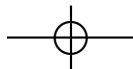
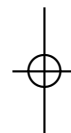
a São Miguel, nas obras de fortalecimento da fachada lateral direita, descobriram-se provas decisivas de que essa fachada não fora primitivamente um muro, mas um vasto alpendrado que uma grade de madeira defendia do exterior. Modificou-se muito o aspecto da deliciosa igreja, tão mais inesperadamente deliciosa agora, que outras pesquisas na pintura das madeiras provaram que antes elas eram pintadas com um verde de aceto arseniato de cobre, divulgado no séc. XVII pelo mundo. Creio se tratar de um único exemplo de igreja brasileira, decorada com essa cor. E hoje São Miguel, com a surpresa de suas cores e a raridade das suas soluções arquitetônicas, só espera a praça que a livre da polvadeira absurda, para receber a última camada de cal e o ambiente que a valorize.

Este ano a 6ª Região vai iniciar as restaurações do sítio de Santo Antônio, em São Roque, o forte Santiago na Bertioxa e a proteção do altar de Vuturuna, que ameaça desaparecer, comido pelo cupim. Do primeiro, a exposição oferece uma maquete do estado atual, feita para estudos preliminares sobre a recomposição total primitiva da propriedade de Fernão Paes de Barros. Aliás, dele e de sua beata mulher, d. Maria Mendonça, causadora da capela que é hoje um dos tesouros mais preciosos deste nosso Estado tão pobre de belezas tradicionais.

Não tão pobre assim... O maior interesse da exposição apresentada pelo SPHAN regional é justamente demonstrar que São Paulo ainda guarda muitas e preciosas expressões artísticas do nosso passado. É certo que não podemos nos comparar com a importância americana de Minas e a grandeza da Bahia e Pernambuco, mas nem por isso seremos desprezíveis. Nos diversos “stands” dedicados à escultura, pintura e arquitetura, uma coleção de admiráveis fotografias arrola documentos de grande valor, que já foram tomados. Assim as imagens de barro do baiano frei Agostinho,

as pinturas do santista frei Jesuíno em Itu, as anônimas pinturas profanas de São Sebastião, e esse graciosíssimo forte da Bertioga, por certo o mais diplomático e pacífico de todos os fortes. Tem-se a impressão de que os arquitetos do Santiago só se preocuparam em fazê-lo bem proporcionado e gracioso. Nem na Bahia, onde os fortes coloniais são numerosos, se encontra exemplo tão gentil do quanto eram minuetes essas guerras de dantes. Junto aos guerreiros de agora, Santiago é o mais mozartiano dos blindados deste mundo.

A exposição da 6ª Região do SPHAN é um verdadeiro refúgio que, sem alardear grosseiramente os méritos do seu trabalho, nos reverte às nossas mais saudáveis tradições.



Qual é o louco

Recebi esta carta uns pares de dias. Como o autor dela não pediu segredo posso edificar os meus leitores com ela.

Diz assim:

“Muito distinto sr.

“Sou brasileiro, nasci em Mato Grosso, nos limites do Paraguai e por questões de herança (minha família materna é argentina), moro há perto de dez anos em Buenos Aires. Sou, aliás, mais argentino que brasileiro, ou antes: não sou nada.

“Por uma certa curiosidade fatigada do passado, ainda conservo, todavia, algumas ligações com o Brasil. Assino alguns periódicos brasileiros. Entre estes o *Diário Nacional*, onde o sr. escreve. Pude por isso notar que o seu espírito se preocupa com assombrações e casos misteriosos. Ora eu, embora não acredite em assombrações, vivo estes últimos tempos mui preocupado.

“Tenho um tio que resultou louco devido ao seguinte fato. Era muito rico e solteiro. Não tendo nenhuma coisa a fazer, tornou-se colecionador bastante estimável, e entre alguns magníficos ‘faux’ da coleção, se destacavam também objetos legítimos e de indiscutível autoridade. Na vasta residência em que meu tio morava, a escuridão constante se enchia cada vez mais de objetos, cuja única função era serem visíveis. Pois meu tio se especializara também em colecionar relógios-de-parede e alguns possuía mui curiosos. No ‘hall’ central da casa, peça magnífica e discreta em que meu tio passava o maior número de suas horas, ele

tivera o bom gosto familiar de não expor nada de curioso. Algumas poltronas, uma mesa com flores, um pequeno armário com livros eróticos, única literatura de meu tio. Isto é, ele também tinha alguma literatura misteriosa, livros esotéricos, manuais de espiritismo, obras que considerava especialmente eróticas – ‘o desvio’ – como ele dizia. Nesse ‘hall’ havia apenas três grandes relógios, as peças mais preciosas da coleção e que com seu tique-taque secular faziam um barulho formidável no vazio do ambiente.

“Uma noite, precisamente às 23 horas e 46 minutos, quando meu tio lia nesse ‘hall’, sucedeu algo estranhíssimo. Os três relógios tinham acabado de musicalizar a casa toda com as batidas do último quarto de hora, quando meu tio escutou um ruído seco de metal que se quebra. Logo depois outro. Parou a leitura. Fazia agora um silêncio tão novo no ‘hall’ que meu tio a princípio ficou perfeitamente desorientado. Custou-lhe muito verificar o que sucedera. Afinal pôde perceber que os três relógios tinham parado quase simultaneamente.

“Até aqui vai o que meu tio conta e que na sua tris-tíssima obsessão da loucura atual, repete dez e mais vezes por dia, sendo notável que depois de falar tem sempre um acesso furioso que o torna um louco muito perigoso. Atira-se a quem estiver presente e enfia-lhe os dedos nos olhos, dizendo que quer ver lá por dentro se ‘tem corda para dois dias’.

“Os freudianos daqui consideram meu tio um caso simples de ‘refoulement’ sexual num solteirão tímido, mas para mim o que preocupa não é o diagnóstico, senão que a razão por que os relógios pararam. Me entreguei ao estudo paciente do sucedido e pude verificar o seguinte: um mês antes dessa noite maldita, meu tio recolhera, por piedade, uma velha que fora serva da família, antigamente. Para que ela tivesse alguma ocupação, meu tio dera a ela o serviço de

dar corda aos 53 relógios da casa. Todavia, essa era uma ocupação difícil, porque como as cordas variavam em durabilidade, o trabalho de as renovar tinha dias e horas certos.

“Assim os três relógios do ‘hall’, um possuía corda para 15 dias, outro para um e outro para dois dias. A velha que, fato importante, era uma bruxa sincera e passava seu tempo em bruxarias, para facilitar, dava corda todos os dias de manhã aos três relógios. É fácil, pois, verificar que o relógio que tinha corda para 15 dias, com tensão demasiada pela renovação diária, não resistiu, o metal delicado da corda se quebrou.

“Também se pode aceitar que o relógio de corda diária partiu a corda já gasta, por acaso no mesmo instante que o outro de 15 dias.

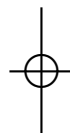
“Mas, e o terceiro? O terceiro, sr.! O relógio com corda para dois dias e que parou sem nenhuma razão de ser, sem mesmo partir a corda!

“O seu metal estava intacto e não era nem novo nem velho. Perfeitamente normal. O relógio parou, no mesmo instante dos outros, ainda com a corda pelo meio! E quem nos diz que parou no mesmo instante!

“A velha bruxa resultou louca também e vive rindo pacífica, dizendo somente estas palavras: ‘Meus queridos vingativos’!...

“O sr. pode bem compreender o estado de exaltação em que me acho e que seguramente me levará ao manicômio também. Peço-lhe encarecidamente que me envie seu alvitre sobre o terceiro relógio. Minha vida passa amargurada e na mais profunda e inquieta pesquisa. A única solução que encontro é matar-me e se o senhor não me acudir imediatamente, sinto que me matarei.

“Aflitivamente, seu admirador,
X.X.”



Café queimado

Paul Morand foi a Santos exclusivamente porque queria ver a famosa queima do café paulista. Foi e viu o que era: coisa mesquinha, minúscula, sem grandiosidade nenhuma. Fazem montes pecurruchos do trabalho paulista e tacam fogo. E o café vai queimando, queimando, enfumaçado, se consumindo. Mesmo de noite o espetáculo não tem nada que ver: dá a impressão duma quantidade, nem ela impressionante, de fogueiras de São João, depois de festa acabada. Braseiros, nada mais! Está claro que isso contado pelo escritor francês virou em itatiaias horrendos numa inferneira de labaredas formidandas que nem Dante!... Ficou lindíssimo. E esplêndido para se contar, assim, numa conferência literária.

Agora estão queimando café aqui mesmo, nas barbas da cidade. Da minha casa se enxerga. Não a queima propriamente; se enxerga é o resultado do ar, noite e dia, coisa martirizante, noite e dia, mesquinha, noite e dia, sem grandiosidade nenhuma. Se fosse norte-americano já tinha arranjado um jeito elétrico de queimar todos esses milhões de sacas de trabalho paulista duma vez só. Então ficava grandioso. O cenário havia de se encher de jornalistas, haveria fotógrafos, e todos os jornais cinematográficos haviam de falar e mostrar a heroica resolução norte-americana. Mas a queima assim noite e dia acaba mas é por deixar o ânimo da gente esgotado duma vez, que suplício!

A gente chega de-tarde em casa, e lá pra banda do potente enxerga a fumaceira. É o trabalho paulista queimando.

Não pensem não que estou rebatendo sempre esse “paulista” por qualquer paulistanismo estaduano e estreito. O fato seria igualmente medonho se fosse de inglês ou de pernambucano. “Paulista” no caso, está por “humano”: o que acaba com a gente é isso: presenciar noite e dia toda essa prodigiosa massa de trabalho humano, de esperanças de salvação, de ambições, de fadiga, engenho, atividade, tudo sacrificado pela estupidez... humana. Que também aqui é estupidez paulista, convenhamos. Pelo menos em máxima parte.

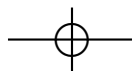
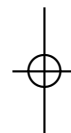
De-tarde é a hora em que os perfumes do arvoredo e dos jardins saem na rua para nos descansar. Porém agora no meu bairro não tem mais perfume de flor. A tarde só cheira a café queimado, um cheiro meio de podrume também, muito desagradável, não aquele odor sublime das torrefações. Deste é que se devia fazer uma essência pra paulista usar. Paulista... Sim, aquele paulista de dantes pelo menos, que criou todo o nosso progresso pra que depois nós, filhos desses criadores, nos orgulhássemos daquilo que os nossos pais fizeram. E que nós não estamos sabendo fazer mais.

Pra divertir um bocado toda esta minha amargura irritada com a queima do café aqui perto de casa, quero citar um fato verdadeiro, passado outro dia comigo. É apenas uma anedota, mas me parece típica da situação de bem-estar que os nossos criaram e não soubemos manter. Eu estava passeando por aí de automóvel e num momento tivemos que atravessar um campo vasto, completamente salpicado de cupim. E uma senhora paulista que estava conosco, muito acostumada com a sua tradição e o seu bem bom, perguntou:

- O que é isso que está espalhado no pasto?
- É cupim, falei.
- Parece feno, ela respondeu com toda a simplicidade.

Não parecia não. Infelizmente aquilo só parecia cupim mesmo. O que importa dolorosamente, no caso, é a conversão duma imagem de castigo, em promessa vigorosa de bem-estar, pra não dizer da riqueza. Virar cupim em feno, só mesmo paulista duma estirpe antiga, que por todas as aparências, não quer dar fruta mais. Gente da têmpera dessa mulher, ou queimava todo o café duma vez, ou emperava, não queimava, e acabava dando certo. Porque a mais terrível das experiências históricas é que no fim, nesse fim sem data que é o tempo que passa, tudo acaba dando certo.

Não é bom a gente pensar assim. E sobretudo é inútil... Não vale de nada se saber que no fim tudo dá certo, quando a gente chega em casa, altas horas e enxerga por detrás da casa o clarão assombrado do incêndio. Estão queimando café... A sensação fica logo tão sinistra como naqueles dias inenarráveis da revolução de 24, em que do longe a gente enxergava os clarões dos incêndios das fábricas lá pela Mooca, pelo Belenzinho. Acabem com isso logo! Não se aguenta um martírio pequenino de noite e dia! acabem com isso! A gente vai ficando também com vontade de acabar tudo, arranjar brigas, matar! acabem com isso!



O mar

- Vamos pra Santos?
- Mas fazer o quê!
- ... ver o mar.
- ...então vamos.

E assim constantemente, ninguém sabendo, feito os amantes clandestinos, vou para Santos ver o mar.

A primeira vez que vi o mar, não me esqueço. Parece que isso ficou dentro de mim como uma necessidade permanente do meu ser. Teria uns dez anos, se tanto, estava no Ginásio N. S. do Carmo. Quando chegou o tempo de junho, uns parentes próximos alugaram uma casa muito grande na praia do José Menino, e na mesa falou-se vagamente num convite. E na precisão que todos tínhamos de ir ver o mar. Senti um frio ardente em mim, não sei, o mar das pinturas, verde-limão, com a praia boa da gente disparar. Porém tudo ficara num talvez tão mole, que o mais certo era mesmo ir pra fazenda como sempre. E a minha incapacidade de ser desistiu do mar. Havia a esperança, mais fácil de sentir, que eram as férias pra d'aí a duas semanas, fiquei todo nessa esperança.

Ora uma tarde, inda faltavam uns quatro dias pras férias, apareceu um padre na classe, cochichou com o professor, e este disse alto que tinham mandado me chamar de casa e fosse. Agarrei nos livros, papéis, lápis, meio atordoado, sem saber o que era, crivado de olhares invejosos, na orgulhosa petulância de que tivesse acontecido uma desgraça danada em casa, morte de alguém, não sei. Sei que

saí muito assustado, mas competentemente feliz. Na porta do colégio estava um primo, homem de idade, rindo pra mim com essa barulhenta complacência dos que uma vez na vida se resolvem praticar um ato de caridade. Que fôsemos depressa pra casa, que se eu não queria ir ver o mar, mamãe tinha deixado, o trem partia numa hora. Fiquei simplesmente gelado de comoção. Não é questão do sangue português, isso é bobagem, e parece mesmo que não tenho sangue português: foi de chofre, o mar, uma grandeza longínqua, enorme, fiquei doentio, não ia, me levavam...

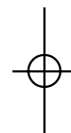
Em casa arrumavam a mala, havia pressa, mas francamente eu estava numa ventura mais dolorosa que feliz. Nenhuma ideia do mar tomara até então importância, nem na minha vida de família nem nas histórias que eu vivia em mim. Era mesmo tamanha a insuficiência de dados, de noções, de concepções do mar em mim, que naquela prodigiosa inércia em que eu ficara, meio abobado, a única “realidade que me sustentava a angústia assombrada, eram as palavras: o mar...

“O mar... o mar...” estava ecoando meu pensamento, sem mais nada, mas em bimbales formidáveis porém. Entregue inteiramente à prática do meu primo que me levava, tomei o trem sem ver, viajei sem ver. É uma tendência minha, muito pouco provável pelo que tenho sido publicamente, mas é mesmo uma tendência minha, isso de sentir sempre um respeito quase religioso por qualquer espécie de grandeza. Na minha vida particular acabei por tomar uma decisão enérgica: me afastar sistematicamente de todos os indivíduos altamente colocados, porque a presença deles me insulta muito, tenho porte de escravo, uma coisa qualquer me obriga a uma atitude de preestabelecido respeito, que é quase subserviência. Até quando os graúdos falam alguma coisa razoável, com que é inteligente concordar, meu apoiado me fere como se fosse um consentimento de

capacho. Creio que achei a explicação do assombro angustioso em que estava, naquela viagem pra ir ver o mar. Era o mar na realidade a primeira grandeza conceptivamente entendida por minha meninice, com que eu ia me encontrar na vida. Positivamente viajava sem ver. Não me fica dessa viagem senão a contrariedade topada em Santos. Rebentara uma greve qualquer, ou coisa assim, os bondinhos de burro não estavam circulando. Já era tarde avançada, e meu primo, um sovina de marca maior, nos fez batermos a pé pro José Menino.

Só noite fechada chegamos junto da praia, que cheiro! Não me desfaticava, entontecia muito, mais ruim que bom naquele primeiro encontro. A praia parecia acabar perto das casas, comida pela noite nublada. E o mar era aquele ruído incessante, grandiosamente ameaçador, que rolava sem pressa na escuridão. Me mandaram dormir mas dormi mal. Acordava a todo momento, e levantava a cabecinha do travesseiro, pra haurir no silêncio da casa dormida todos os sintomas do mar. Havia sempre o ruído, é certo, mas os parentes conhecidos, o conforto da casa, me decepçionavam vagamente, como se eu tivesse imaginado que de noite é que todo mundo devia estar em guarda, aos gritos erriçados, em frente do mar. E só no retardado dia seguinte, enfiado numa roupa-de-banho emprestada, me avistei com o mar. Tenho essa primeira presença dele até hoje nos meus olhos, um mar pardo, cor das nuvens muito baixas, com frio. Mas toda a criança estava alegríssima com as brincadeiras do banho, e eu era o novato, mimado por todos por isso, na superioridade real que tinham sobre mim, não eram hóspedes e já tinham tomado muitos banhos de mar. Toda a comoção do encontro se diluiu por isso numa criança, em que tomei um conhecimento excessivo das ondas, pra que continuasse respeitando o mar.

Eu sei que essas recordações sem interesse, fazem pouco caso deste meu cantinho de jornal que, como toda a folha, é destinado aos leitores. Mas sinto que algum dia tinha mesmo que fazer parte aos outros destas confissões. Gosto muito do mar; e é junto dele, nalguma praia lá do Nordeste, que pretendo morar.



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas oficinas,
em 15 de fevereiro de 2021, em tipologia Formular e Libertine, com
diversos softwares livres, entre eles, Lua[®]TeX, git & ruby.
(v. o84c234)

